

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**MARIANNE CHRISTINA CAMPOS MACHADO**

**ESCRITA DE MULHERES IDOSAS: identidade e empoderamento**

São Luís

2016

**MARIANNE CHRISTINA CAMPOS MACHADO**

**ESCRITA DE MULHERES IDOSAS: identidade e empoderamento**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação/Mestrado em Educação, da Universidade Federal do Maranhão como exigência para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Diomar das Graças Motta

São Luís

2016

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo (a) autor (a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Campos Machado, Marianne Christina.

Escrita de Mulheres Idosas: identidade e empoderamento /  
Marianne Christina Campos Machado. – São Luís, 2016.

132 f.

Orientador (a): Diomar das Graças Motta.  
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em  
Educação/CCSO, Universidade Federal do Maranhão, Programa de  
Pós-Graduação em Educação da UFMA, 2016.

1. Empoderamento. 2. Escrita. 3. Identidade. 4. Mulher. I. Motta,  
Diomar das Graças. II. Título.

**MARIANNE CHRISTINA CAMPOS MACHADO**

**ESCRITA DE MULHERES IDOSAS: identidade e empoderamento**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação/Mestrado em Educação, da Universidade Federal do Maranhão como exigência para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diomar das Graças Motta

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diomar das Graças Motta (Orientadora)**

Doutora em Educação  
Universidade Federal do Maranhão

---

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrea Teresa Martins Lobato**

Doutora em Letras  
Universidade Estadual do Maranhão

---

**Prof. Dr. João de Deus Vieira Barros**

Doutor em Educação  
Universidade Federal do Maranhão

---

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Iran de Maria Leitão Nunes**

Doutora em Educação  
Universidade Federal do Maranhão

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por seus cuidados, fidelidade para comigo, para com aqueles que me cercam e por me proporcionar uma caminhada mais leve até aqui, em meio às dificuldades.

A Sérgio, amado esposo e amigo, pela tranquilidade, pelo companheirismo e por todo apoio que tem me concedido ao longo da minha caminhada em busca da realização dos meus sonhos. O mérito dessa vitória é nosso!

A meus pais, Helena e Anastácio pela certeza de seu amor por mim, embora nem sempre compreendessem minhas ausências.

À minha irmã Marta, pelo amor tão lindo que sentimos uma pela outra e que agora tende a aumentar com a chegada do nosso querido João Roberto.

Á querida Dorinha, por despertar em mim o desejo de “falar de nós e por nós”. Faltam-me palavras para lhe dizer da sua importância nesse momento da minha trajetória acadêmica.

Á minha orientadora e amiga Profa. Dra. Diomar das Graças Motta. O que dizer dessa **MULHER**? Quem a conhece sabe muito bem do desejo que nutre pelo conhecimento, e o que considero mais nobre de sua parte é que esse conhecimento ela não guarda só para si. Obrigada, minha professora, pela grandeza em compartilhá-lo comigo e pelo carinho que sempre teve para com a minha pessoa, mesmo exigindo muito de sua paciência.

Às amigas de longas datas que sempre torceram por mim e comigo colaboraram, até a árdua aprovação no Mestrado: Joelma Reis, Milena Karina, Raquel Frazão e sua mãezinha, Maria Aparecida, Alda Maria, Cleonice Oliveira, Rose Frazão, Fabiana Coêlho e Vanessa Gomes.

Ao querido Edvaldo Rodrigues que tive a oportunidade de conhecer há tão pouco tempo, pelas suas contribuições de valor inestimável.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação, Mulheres e Relações de Gênero - GEMGe, por nos oportunizar, através de suas ações, o desejo de continuar a busca pelo conhecimento sobre as mulheres.

Às amigas Ana Pinheiro, Alda Margarete, Célia Melo, Heline, Isabel, Lissandra, Maria José Lobato e à Profa. Raimunda, pelos momentos em que tive a oportunidade de compartilhar assuntos para além dos acadêmicos.

À Maria do Carmo, por estar ao meu lado desde a entrada no Mestrado e ter comigo vivenciado muitas situações. Só tenho a lhe agradecer por todo apoio, carinho e conselhos preciosos que me renderam bons frutos.

Às mestras em Amizade: Audimar, Aldenora, Evandicleia, Luciana, Mara, e aos queridos Magno e Vicente pelos muitos ou poucos momentos vividos, porém valiosos em ensinamentos.

Aos meus outros amigos da turma de 2014, ao corpo docente e à equipe de Coordenação do Mestrado em Educação da UFMA, que fizeram parte da minha história. A todos, meu muito obrigada, por terem plantado no espaço da academia a certeza de que é possível construir conhecimento de maneira saudável, longe das vaidades proporcionadas pelos títulos.

A Jaqueline Pereira e Ruy Brito, funcionários administrativos que sempre me receberam tão bem; como as pessoas que trabalham em prol da limpeza e organização do nosso ambiente de estudo; a Julinho, pela confiança e por seus serviços de xerox.

Aos profissionais da Coordenação do projeto UNITI pela receptividade, carinho e apoio a esta pesquisa: Profa. Hortência, Marly Abdala, Heron e minha querida Lúcia.

Aos professores que compõem a banca examinadora deste estudo, por aceitarem o convite com toda gentileza e atenção, bem como os professores que participaram da banca de qualificação: Antônio Paulino, Iran de Maria e Samuel Velázquez contribuindo com suas sugestões, as quais serviram para lapidar a pesquisa que ora apresento.

Às mulheres idosas entrevistadas nesta pesquisa, por nos abrirem as portas de suas casas, dando-nos o prazer de ouvir suas vozes e ler seus textos.

Enfim, a todos e a todas que contribuíram na realização desta investigação, participando comigo desta jornada.

Ainda que permaneçam restritas às tarefas subalternas, elas se inseriram em todas as formas do escrito. Conseguiram elas passar do oculto, que lhes é permitido, à visibilidade, que lhes é contestada?

Michelle Perrot

## RESUMO

A pesquisa intitulada *Escrita de mulheres idosas: identidade e empoderamento* procurou ressaltar a necessidade de haver um maior incentivo da prática da escrita, levando em consideração não apenas os benefícios que esta prática pode trazer à saúde, mas também perceber o caráter dialógico que a língua possui. Assim, as mulheres idosas saberão da importância de seus escritos, haja vista que todas possuem matéria-prima para produzir e estabelecer sua interação com o mundo. Evidenciar e incentivar a produção de mulheres que não têm destaque nos meios literários é, também, reconhecer que a terceira idade representa um acúmulo de inúmeras experiências que merecem ser registradas, além de mostrar que enquanto mulheres que somos, podemos e devemos ser autoras e escritoras de nossas próprias vidas durante toda a nossa existência. Com isso, a escrita nos dá o poder de nos tornarmos presentes na memória dos outros e de nós mesmas, como afirma a poetisa baiana, Anna Autran (1871), ao comparar a escrita com a costura: esta fadiga, aquela dá arrimo; a primeira fica no esquecimento, e a segunda ficará sempre lembrada. A metodologia utilizada tem por base a pesquisa qualitativa, através da análise documental, com o uso do enfoque metodológico da história oral, por meio de entrevistas semiestruturadas. No aporte teórico, destacam-se: Bakhtin (2003,2006), León (2000), Hall (1997,2006), Perrot (1998, 2005,2008), dentre outros. O estudo contou como sujeitos quatro ex- alunas que integraram na Universidade Federal do Maranhão- UFMA, o projeto Universidade da Terceira Idade – UNITI, nos anos de 2002, 2010 e 2015. Portanto, compreendemos que a educação, enquanto direito de todas e de todos, através da prática da escrita, enriquece ainda mais o processo de construção e autoria de muitas mulheres na terceira idade. Por isso, nesta fase, elas buscam solidificar valores e conceitos com aquilo que realmente possuem de melhor, ou seja, as experiências vividas e refeitas todos os dias, enquanto sujeitos de uma história presente. Dessa forma, destacamos neste estudo a importância das universidades da terceira idade para a descoberta de novas identidades e o empoderamento das mulheres idosas, através da prática da escrita.

Palavras – chave: Escrita. Mulher. Identidade. Empoderamento.

## ABSTRACT

The research titled *Writing older women: identity and empowerment* sought to emphasize the need for greater encouragement of writing practice, taking – in to account not only the benefits that this practice can bring health, but also realize the dialogical character that language features. This older women know the importance of his writings, given that all have raw material to produce and establish its interaction with the world. High light and encourage the production of women who have featured in literary circles is also recognized that the elderly is an accumulation of many experiences that deserve to be recorded, and show that as women we are, we can and should be authors and writers of our own lives throughout our existence, as the bahian poet Anna Autran (1871) stated, when comparing writing with the seam, the seam fatigue the penalty gives breadwinner; the first is forgotten, and the second will always be remembered. The methodology is based on qualitative research through document analysis; using the methodological approach of oral history, through semi-structured interviews. In the theoretical framework, include: Bakhtin (2003.2006), León (2000), Hall (1997.2006), Perrot (1998, 2005, 2008), among others. The study had as subjects four former students who joined the project University of the Third Age - UNITI, the Federal University of Maranhão - UFMA in 2002, 2010 and 2015. Therefore, we understand that education, as a right of all people, through the practice of writing, further enriches the process of construction and authorship of many women in old age. So at this stage they seek to solidify values and concepts, with what really has to offer, which are the lived experiences and remade every day as subjects of this story. Thus, this study highlight the importance of universities of the third age to the discovery of new identities and the empowerment of older women through writing practice.

Keywords: Writing, Women, Identity, Empowerment.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	– Escrito de Amália .....	65
Figura 2	– Escrito de Maria das Graças Telles .....	66
Figura 3	– Escrito de Enedina Cunha Brito .....	68
Figura 4	– Resposta da aluna Severina Maria de Barros Melo .....	69
Figura 5	– Nilza, ao lado da sua produção .....	77
Figura 6	– Capa da Obra <i>Nilza e sua produção acadêmica na UNITI</i> .....	78
Figura 7	– Capa da Obra <i>70 anos, minha vida! meus filhos! meu mundo!</i> .....	79
Figura 8	– Capa da Obra <i>Primavera a Tempo</i> .....	80
Quadro 1	– Mulheres que ocupam cadeiras na AML .....	83
Figura 9	– Escritos de Emília, parte I .....	97
Figura 10	– Escritos de Emília, parte II.....	98

## LISTA DE SIGLAS

<b>AML</b>	– Academia Maranhense de Letras
<b>CEUMA</b>	– Centro de Ensino Superior do Maranhão
<b>ENEM</b>	– Exame Nacional do Ensino Médio
<b>GEMGe</b>	– Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação, Mulheres e Relações de Gênero
<b>IBGE</b>	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IESMA</b>	– Instituto de Estudos Superiores do Maranhão
<b>MEC</b>	– Ministério da Educação
<b>PPGE</b>	– Programa de Pós-Graduação em Educação
<b>SEARHP</b>	– Secretaria de Estado de Administração, Recursos Humanos e Previdência
<b>SESC</b>	– Serviço Social do Comércio
<b>SENAC</b>	– Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
<b>UNESCO</b>	– Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
<b>UNIVIMA</b>	– Universidade Virtual do Estado do Maranhão
<b>UNITI</b>	– Universidade da Terceira Idade
<b>UEMA</b>	– Universidade Estadual do Maranhão
<b>UFMA</b>	– Universidade Federal do Maranhão

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2</b>	<b>REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA</b> .....	20
<b>2.1</b>	<b>Origem</b> .....	20
<b>2.2</b>	<b>Escrita e linguagem</b> .....	23
<b>3</b>	<b>DE LEITORA A ESCRITORA</b> .....	34
<b>3.1</b>	<b>Educação aquém das letras</b> .....	34
<b>3.2</b>	<b>Identidades construídas com base em escritos filosóficos e literários</b> .....	40
<b>3.2.1</b>	Na Filosofia .....	40
<b>3.2.2</b>	Em uma obra literária.....	44
<b>3.2.3</b>	Nos movimentos feministas .....	49
<b>3.3</b>	<b>O texto feminino e sua visibilidade</b> .....	51
<b>4</b>	<b>A MULHER IDOSA E A ESCRITA NA CONTEMPORANEIDADE: o espaço UNITI</b> .....	59
<b>4.1</b>	<b>A UNITI</b> .....	59
<b>4.2</b>	<b>Os arquivos</b> .....	65
<b>5</b>	<b>A ESCRITA COMO FERRAMENTA DE IDENTIDADE E EMPODERAMENTO</b> .....	85
<b>5.1</b>	<b>A voz das mulheres</b> .....	85
<b>5.1.1</b>	O acesso à escrita .....	88
<b>5.1.2</b>	Escrever ou ler.....	91
<b>5.2</b>	<b>Instituição educacional, empoderamento e identidade</b> .....	102
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	114
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	118
	<b>APÊNDICES</b> .....	127
	<b>ANEXOS</b> .....	130

## 1 INTRODUÇÃO

A construção da nossa história ocorre ao longo do tempo, e as oportunidades que vão surgindo nesse percurso fazem de nós seres protagonistas do caminho que pretendemos seguir. Ainda assim, as nossas escolhas não perpassam somente pelo campo individual, mas refletem no outro o real valor de tais escolhas, logo, “[a mulher] o homem, se escolhendo estará escolhendo a toda a humanidade” (SARTRE, 1996, p.32, tradução nossa).

Posto isso, consideramos relevante iniciar o texto percorrendo um pouco sobre as escolhas que nos fizeram chegar até o estudo que ora desenvolvemos.

No ano de 2003, ingressamos no Curso de Letras, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, por escolha própria e por querer atuar no campo da educação, como professora de Língua Portuguesa. Durante a graduação dividíamos nossas atividades acadêmicas com as de Técnico Administrativo, na Secretaria de Saúde do Estado do Maranhão.

O primeiro contato com a sala de aula se deu quando do estágio, ao término da graduação. Esse momento foi muito relevante, haja vista que subsidiou a elaboração do trabalho de conclusão de curso, intitulado *Redação como gênero discursivo em sala de aula*. Experiência esta que gerou o desejo de fazer uma especialização como forma de explorar mais a temática dos gêneros textuais.

Na verdade, saímos da universidade com o pensamento da maioria dos alunos, que pretendem dar continuidade à formação ali recebida, ao longo de quatro anos. Almejávamos ampliar a formação, centrada no objeto, o qual mais nos chamou atenção durante os estudos realizados, enquanto licencianda do Curso de Letras.

No ano de 2008, concluímos a graduação e continuamos a trabalhar na Secretaria de Saúde do Estado, agora em dois horários, visto que não estávamos mais na universidade. O fato de não atuar na área da educação não apagou o desejo de prosseguir a luta pela formação docente.

No ano de 2009, optamos por fazer uma pós-graduação, indicada por uma amiga, também professora. Então, ingressamos no curso de Gestão, Supervisão e Orientação Educacional, oferecido pelo Instituto de Estudos Superiores do Maranhão (IESMA). No início, o curso nos despertou certo interesse, por caber

em nossas condições financeiras e, também, por conta das aulas serem ministradas aos finais de semana.

Embora o curso não atendesse ao nosso propósito inicial de quando saímos da academia, deixamo-nos seduzir pela curiosidade de conhecer novos caminhos. FREIRE (2005, p.83) diz que “sem a curiosidade que nos move, que nos inquieta, ficamos impossibilitados de nos inserir na busca, e assim não aprendemos e nem ensinamos.” Após o término da pós-graduação no ano de 2010, atuamos como Tutora de Linguagens no Projeto Aula do Futuro, desenvolvido pela Universidade Virtual do Estado do Maranhão (UNIVIMA).

A continuidade da trajetória em busca do conhecimento, agora pelo viés da pesquisa, se deu no dia 7 de abril de 2011, a partir do convite de outra amiga, para participar de um grupo de pesquisa, ocasião que lançou a seguinte pergunta: **Por que você não fala sobre mulheres?** Aceitamos o convite (desafio), e mesmo sendo mulher, nunca nos passou pela mente, que teríamos tantas coisas a descobrir, a dizer e, por conseguinte, registrar.

Começamos a frequentar as reuniões do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação, Mulheres e Relações de Gênero – GEMGe, coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Diomar das Graças Motta, ligado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão. O grupo oportunizou o contato com um objeto de estudo que nos despertou curiosidade e identificação: o estudo da nossa própria história, ou melhor, **a história das mulheres**. Segundo Aranha (1970, p. 50),

Quando o pintor traça uma linha e exprime a côr, sente que o mundo se dilata, não só em formas e côres, mas também em sons e sonhos. Assim o artista da palavra na frase, na pausa ou no silêncio deve fazer vibrar o universo inteiro como côr, forma, som e pensamento. Deve saber que no universo tudo se liga, que nada é isolado e independente.

O estar em contato com a pesquisa nos revelou a necessidade que temos enquanto licenciados, de não nos fecharmos apenas no campo de estudo ao qual nos dedicamos quando na academia, mas reconhecermos enquanto profissionais, que precisamos desbravar outros horizontes que nos façam compreender que o nosso objeto de estudo é apenas uma pequena parte no universo do conhecimento, em que tudo se liga, conforme a alegoria supra de Aranha (1970).

Dessa forma, seguimos nossos estudos até alcançarmos a aprovação para o mestrado, no ano de 2014. O ato de pesquisar dentro do grupo de estudos nos direcionou ao espaço da UNITI; da mesma forma, a obra *Memórias de Leitura de Pessoas Idosas*, de autoria da pesquisadora Silvana Maria de Jesus Vetter, fez-nos perceber a importância de sermos muito mais que leitoras. Assim, lançamos nosso olhar para as mulheres e sua relação com a prática da escrita, com a consciência de quão caro nos tem sido o acesso a esta prática até os dias atuais.

A oportunidade de nos dedicar a este estudo no Programa de Pós – Graduação em Educação - PPGE, da UFMA, além de uma formação qualificada, torna-nos capazes de difundir o saber trabalhado por meio da pesquisa. E, em face disso, segundo Paulo Freire (2005, p.29), “pesquisamos para constatar; constatando, intervimos; intervindo, educamos. Portanto, pesquisamos para conhecer o que ainda não conhecemos, comunicando ou anunciando a novidade.”.

A escrita, enquanto porta-voz da visão que temos de nós mesmas (os) e do meio que nos cerca, aconteceu de forma desigual e tardia para as mulheres, em relação aos homens, e durante o século XIX representou “um instrumento de perigosa independência” (VETTER, 2009, p. 94).

Assim, excluídas do processo de criação cultural, as mulheres tiveram sua criatividade ofuscada pelos afazeres domésticos, a ponto de não se reconhecerem no papel de escritora. Daí Telles (2010, p. 409), analisando a obra de Rachel Jardim, *Cheiros e Ruídos*, afirma que a mulher “demorou anos para descobrir a sua forma de expressão e se aceitar como escritora, pois colocara sua necessidade de criar na casa e na combinação dos pratos que servia”.

Nesse sentido, Branco e Brandão (1989, p.113) afirmam que “o discurso feminino, insinua-se como um registro que pretende ser ouvido e não exatamente lido: Eu te escrevo com minha voz [...]. Ouve-me então com o teu corpo inteiro”.

A graduação no Curso de Letras da UFMA nos possibilitou um contato direto com o significado do ato de escrever. Mas este significado ganhou dimensões maiores ao ser reportado para a história das mulheres, o que nos fez compreender a importância da mulher falar de si e das suas experiências.

Destarte, o estudo intitulado *A escrita de mulheres idosas: identidade e empoderamento* nasce com a consciência de que nós, mulheres, precisamos falar mais de nós mesmas em todas as fases de nossa vida. Por isso, nosso objetivo

geral consiste em investigar a constituição da mulher escritora, no âmbito da Universidade da Terceira Idade - UNITI.

Conforme afirma Motta (2012), nós, da educação, falamos de vários temas, mas não falamos sobre a mulher. Precisamos atentar para isso, esta deve ser uma preocupação para entendermos os processos sociais e quebrar algumas barreiras que ainda são visíveis.

Por essa perspectiva, nosso estudo perpassa pelos seguintes questionamentos: A ausência da prática da escrita pode se refletir na identidade da mulher? A escrita possibilita o processo de empoderamento feminino? Que mulheres conseguem narrar suas experiências através da escrita?

A partir daí os objetivos específicos deste estudo consistem em:

- a) Identificar as práticas de escrita utilizadas pelas discentes da terceira idade;
- b) Perceber os diferentes comportamentos adquiridos pelas discentes com a prática da escrita;
- c) Verificar as dificuldades que as discentes idosas encontram no uso da escrita;
- d) Conhecer as contribuições da Universidade da Terceira Idade – (UNITI) para as mulheres, no que se refere à prática da escrita.

É importante lembrarmos que o “ser mulher no século XXI, deixou de implicar necessariamente gravidez e parto, o que traduz uma enorme ruptura com a ideologia da domesticidade” (VENTURI; RECAMÁN; OLIVEIRA, 2004, p. 33). Sua maturidade já não se reconhece apenas como a avó à espera dos netos, mas se sente ativa para desempenhar outras atividades fora do lar.

Diante dessa constatação, as universidades da terceira idade procuram refletir e trabalhar como um espaço de interação troca de conhecimentos e lazer, a fim de oportunizar às mulheres idosas, que lá frequentam a vontade de viver e de se redescobrir. Assim:

[...] o idoso, triunfalmente, tem as melhores possibilidades de contribuir para a sociedade, mas ao mesmo tempo, deverá fazê-lo buscando algo mais, uma atividade, a cidadania, até outra identidade! A busca será nova, mas ao mesmo tempo é referenciada ao passado para reviver e sonhar novamente (ÁLVARES; SANTOS, 1997, p. 271).

É neste ambiente, que o incentivo à prática da escrita pode vir a se tornar uma viagem “pela página em branco, pelos caminhos da memória e da imaginação, pelas infinitas possibilidades da palavra” (ARAÚJO, 2003, p.14). Daí, escrever sobre a história de nós, mulheres, para que não passemos pela vida como fontes despercebidas. Em virtude disso, a presente dissertação privilegiou o campo de estudo que contempla a educação maranhense, destacando o sujeito feminino da terceira idade que tem alguma produção escrita.

Para Perrot (2008) a escrita da história se dá a partir das fontes, documentos, vestígios. Todavia, quando se trata da história das mulheres esta presença é frequentemente apagada, afirma a historiadora, pois muitos são vestígios desfeitos, arquivos destruídos. Enfim, “há um déficit, uma falta de vestígios”, afirma Michelle Perrot.

Com base nesta afirmativa, decidimos começar nossa investigação, buscando nos arquivos da UNITI vestígios deixados por mulheres que também já se fizeram presentes naquele espaço. Vestígios estes que enriqueceram ainda mais nosso estudo, uma vez que registram a presença feminina na história do projeto UNITI. Em seguida, partimos para o contato com as nossas entrevistadas.

Procuramos adentrar os espaços privados como a casa das alunas que participavam do projeto à época do nosso estudo. Esta opção se deu pelo fato da disciplina Criação Literária não estar mais sendo oferecida por conta de problemas financeiros e estruturais, o que impediu o livre acesso, naquele momento, aos escritos produzidos, frutos da participação das alunas na citada disciplina. Também não era interessante a criação de um ambiente apenas para ter acesso a estes escritos. Assim é que consideramos mais importante verificar a espontaneidade dos escritos e o que eles poderiam nos revelar para, com isso, obtermos um subsídio: a fala das entrevistadas.

A ausência da disciplina Criação Literária para aquele momento não comprometeu nossa atuação rumo aos nossos objetivos. Pelo contrário, lançou-nos o desafio de realmente ir ao encontro da história das mulheres através de seus vestígios.

Desse modo, o estudo se materializou no período de 2014 com o delineamento do projeto, e a empiria, em 2016, através de quatro ex-alunas do projeto UNITI. Entretanto, a documentação utilizada foi produzida no final da década

de 1990, levando-se em consideração o material encontrado nos arquivos da instituição e as produções que nos foram apresentadas pelas alunas durante as realizações das entrevistas no âmbito do lar.

A faixa etária das participantes era entre 64 a 73 anos, naquela ocasião. Duas foram indicadas pela Coordenação. Uma delas já havia frequentado o projeto no ano de 2010, mas permaneceu como ouvinte na turma de 2015; a outra discente participou da turma de 2002. Sobre esta última, optamos por integrá-la à pesquisa, por se tratar de uma das primeiras alunas a participar da UNITI e, principalmente, por sua história com a escrita que teve continuidade graças ao incentivo de um professor de Literatura do projeto.

Em busca de mais voluntárias, percorremos as turmas e conseguimos quatro mulheres, porém, apenas duas disseram ter produzido algum tipo de texto, o que nos fez optar por elas, visto que o critério de seleção das participantes levou em consideração alunas que produzissem algum tipo de texto escrito, que demonstrasse relevância para elas, uma vez que a relação com a produção nos levaria ao encontro dos objetivos propostos pela pesquisa.

As entrevistas foram realizadas no período de 08/01/2016 a 28/01/2016, na residência dos sujeitos da pesquisa, pois inferimos que ali se sentiriam à vontade para compartilhar, ao lado de suas memórias, algum tipo de texto produzido. A memória é um instrumento que, de acordo com Bosi (1994), viabiliza a articulação entre o tempo passado e o presente numa tentativa de reconstruir histórias individuais e coletivas de uma comunidade ou segmento social.

Para aumentar mais o nosso grau de amizade, por diversas vezes, procuramos estar presente com as mulheres em outros espaços, além dos corredores e salas da UNITI. Fomos ao cinema e participamos da festa de 20 anos do projeto.

Em busca dos dados que melhor atendessem o nosso estudo, aplicamos entrevistas semiestruturadas, buscando respeitar as devidas recomendações para o uso das mesmas, procurando “instaurar uma relação de escuta ativa e metódica” (BOURDIEU, 1997, p. 696), escolhendo relatos orais das memórias das egressas da UNITI. Com o intuito de preservar as identidades dessas mulheres, referimo-nos a elas por meio de nomes fictícios. Das participantes, apenas Emília pediu para que seu nome não fosse mudado.

Consideramos importante, também, entrevistar duas estagiárias que trabalharam as disciplinas: Espanhol e Psicologia durante o ano de 2015, para que compartilhassem conosco um pouco das experiências que tiveram no espaço da UNITI.

Em São Luís, a Universidade Integrada da Terceira Idade – UNITI, desde 1995, é um agente de mudança na vida de muitas idosas. Segundo Vetter (2009), a instituição é fruto de um projeto de extensão desenvolvido pela Pró - Reitoria e Extensão e Assuntos Estudantis da UFMA, em parceria com Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Secretaria de Estado de Administração, Recursos Humanos e Previdência (SEARHP) e com o Serviço Social do Comércio (SESC).

A UNITI visa por meios dos seus trabalhos alcançar pessoas com idade superior a 50 anos, formando turmas que possuem desde alunas semianalfabetas até graduadas. O Projeto tem duração de 1 ano (280h), e suas atividades seguem o calendário da UFMA. Constitui-se de uma carga horária dividida em disciplinas básicas e optativas, tais como: Noções de Gerontologia, Psicologia na Terceira Idade, Turismo na Terceira Idade, Vida e Espiritualidade, Conhecendo e Sentindo o Corpo na Terceira Idade, Nutrição na Terceira Idade e Terapia Ocupacional, além de outras disciplinas optativas, trabalhadas no formato de oficinas.

É bem verdade que as disciplinas desenvolvidas para este tipo de público tendem a contemplar conteúdos que vão ao encontro das suas necessidades. Dentre estes, gostaríamos de ressaltar a necessidade da busca por possibilidades que incentivem práticas educacionais como a escrita, que também é uma forma de proporcionar a valorização e ganhos na autoestima, haja vista que, através da escrita, as idosas também se sentem parte integrante da sociedade ativa e podem adquirir benefícios, inclusive para a saúde.

Assim, entendemos que este público, colaborando para o desenvolvimento desta pesquisa, na medida em que se encontra envolvido na prática de escrita, decerto atua como mediador em nosso objeto de estudo, enriquecendo-o com as experiências constantes em sua vida.

Nossa construção teórica busca, também, privilegiar a mulher e sua relação com a escrita, enquanto instrumento reflexivo da relação que tem com o mundo e com os outros. Além de focar a importância deste elemento no processo de construção da identidade feminina e na conscientização de que, através da

escrita, “ouve-se muito mais a voz das mulheres; ou pelo menos vozes de mulheres. Podem-se consultar seus livros. Podem-se ler suas palavras” (PERROT, 2008, p.31).

Para tanto, destacamos os estudos realizados por Bakhtin (2003, 2006) que apontam para o dialogismo, enquanto caráter essencial da língua; Deere e León (2002), com a concepção de empoderamento; Hall (1997, 2006) com seus estudos sobre identidade; Perrot (1998, 2005, 2008) com o resgate das experiências cotidianas das mulheres através da escrita, além de outros que serão apresentados ao longo da dissertação, transversalizando suas produções.

Com o embate teoria x empiria estruturamos nosso percurso, além desta introdução, em mais quatro Capítulos e Considerações, assim dispostos:

#### Capítulo 2 – Reflexões sobre a Escrita.

Neste capítulo apresentamos o texto como algo que não apenas se dá a ler, ou se apresenta como um simples aglomerado de palavras e ideias, mas que interage com o sujeito comunicando contextos e realidades.

#### Capítulo 3 – De Leitora a Escritora.

Percebemos neste capítulo, a mulher que, incentivada pela prática da leitura, tem nos seus escritos uma construção identitária, nem sempre condizente com sua realidade, mas fortalecida através de uma visão androcêntrica, que tem afetado a visibilidade feminina em diversos espaços e épocas.

#### Capítulo 4 – A Mulher Idosa e a Escrita na Contemporaneidade: o espaço UNITI.

Neste momento do estudo ouvimos a voz dos arquivos da UNITI, destacando a presença feminina e as experiências das alunas que por lá passaram, evidenciando-se a relevância do incentivo da prática da escrita para as mulheres.

#### Capítulo 5 – A Escrita como Ferramenta de Identidade e Empoderamento.

Procuramos no quinto capítulo demonstrar como a escrita contribui para o fortalecimento da identidade das mulheres, nesse momento da vida e de possível empoderamento.

Nas Considerações, participamos dos sabores e dissabores na trajetória da escrita das ex-integrantes da UNITI, bem como das experiências extracurriculares que permitiram se empoderarem através das múltiplas identidades.

## 2 REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA

Os humanos são criaturas profundamente sociais, como o são muitos outros animais; contudo, a linguagem estendeu os meios de interação social, aprofundando e tornando mais complexas nossas relações uns com os outros. A escrita tem desenvolvido mais ainda esta possibilidade, usando tanto a nossa sociabilidade quanto a nossa linguagem (BAZERMAN, Charles).

### 2.1 Origem

Acredita-se que a escrita se originou a partir de um momento da História em que o homem sentiu a necessidade de expressar e comunicar pensamentos e sentimentos, através de registros duradouros, como forma de preservá-los e armazená-los para que pudessem ser revisitados em outros momentos. Esses tipos de registros surgiram devido às modificações nos contatos e relações sociais, que até então eram pautadas na linguagem oral. Com isso,

[...] necessidades de registro durável surgiram e se desenvolveram em razão das exigências humanas de relações e contatos sociais mais amplos, advindo daí a necessidade de comunicação e registro para as quais a efemeridade da expressão oral não mais era suficiente (LIMA, 1996, p. 46).

Ainda de acordo com Lima (1996), nesse sentido, a história social da comunicação humana concebe a escrita enquanto construção advinda das necessidades humanas, estas acrescentadas a outras inúmeras atividades relacionadas à economia, à política, até aos simples autorregistros. Portanto, os primeiros contatos da humanidade com a escrita ocorreram a partir de suas necessidades cotidianas, daí, os povos primitivos começaram a fazer uso de símbolos que lhes possibilitassem a comunicação.

Nesse contexto, diversos recursos eram utilizados como formas de registros que variavam de acordo com a cultura de cada povo. Conforme Colin (1971), atos de escritas não fazem parte das fases iniciais de desenvolvimento da escrita pictográfica ou da ideográfica, mas são considerados estágios embrionários, em virtude do contexto de produção em que surgiram. Entretanto, Sampson (2006)

afirma que a história da escrita compreende três fases: pictórica<sup>1</sup>, ideográfica<sup>2</sup> e alfabética<sup>3</sup>.

Concomitantemente, presume-se que civilizações como a dos Incas desenvolveram um sistema de registro, conhecido por “*quipus*” que consistiam em cordéis de diversas cores, que tinham por finalidade evocar a memória de algum evento. Outro exemplo, citado por Colin (1971), são os Sumérios, que criaram uma espécie de etiquetas que serviam para sinalizar a posse sobre um indivíduo ou objeto pertencente a esse povo.

Temos, assim, a escrita dos Astecas, com desenhos que eram associados àquilo que desejavam expressar, e a escrita dos ideogramas ou logogramas, com desenhos característicos da escrita de cada civilização daquela época. Assim Colin (1971) afirma que a escrita desses povos representa principalmente ideias e, desse modo, caracteriza o retrato real do que vem a ser a escrita.

A evolução da escrita para Barbosa (2013) compreende relevante marco na passagem da Pré-História para a História.

Apesar dos diversos registros, até hoje, não se conseguiu precisar o momento em que houve a transformação da linguagem oral para a visual, com a invenção dos primeiros sistemas de escrita, determinando, a origem do processo. Para Martins (2002) isso implica em uma problemática ainda sem solução.

Para os estudos de James G. Février (1792–1857), a escrita se desenvolveu em quatro etapas imprescindíveis, a saber:

1º) O homem primitivo dispõe de uma multiplicidade de meios de expressão, que vão da linguagem oral ao desenho, passando pelo gesto, pelos nós, pelos entalhes sobre matéria dura, etc. Desses meios de expressão, uns são transitórios, outros são duráveis. Apenas subsistirão os que forem suscetíveis de maior aperfeiçoamento, ou seja, entre os primeiros, a linguagem, sob a forma de linguagem articulada, e, entre os segundos, a escrita propriamente dita. Nesse primeiro estágio, as formas embrionárias podem ser ditas *autônomas*.

---

<sup>1</sup>O sistema pictográfico caracteriza-se pela escrita, através de desenhos ou pictogramas (astecas), os quais eram associados à imagem daquilo que se desejava representar e não ao som que o designava. É uma forma simples de representar a realidade circundante.

<sup>2</sup> O ideográfico caracteriza-se pela escrita de ideogramas ou logogramas, que são tipos de desenhos especiais das civilizações egípcia, suméria e chinesa (LIMA, 1996, p. 47).

<sup>3</sup>Sistema alfabético, como usamos até hoje, com suas caracterizações, surge por volta do século VII a. C (MARCUSCHI,2002,p.20)

2º) Durante um segundo período, a escrita tende a coincidir com a linguagem articulada, mas não se trata senão de uma correspondência aproximativa; um sinal escrito ou grupo de sinais que visa sugerir – não dizemos anotar – toda uma frase. Disso resulta que o sistema gráfico, por mais engenhosamente que tenha sido concebido, permanece em perpétuo devenir, porque o número de pensamentos e, por conseguinte, de frases possíveis é praticamente infinito. Os esboços dessa espécie de escrita podem ser qualificados de *sintéticos*. Os alemães chamam-nos de *Ideenschrift*, “escrita de ideias”.

3º) Nesse momento, um novo progresso se realiza: o sinal não *evoca* mais frase, mas anota uma *palavra*. Progresso de uma importância incalculável. Daí em diante a elaboração dos sinais da escrita escapa ao arbitrário: o número de palavras sendo finito, o das palavras usuais sendo restrito, pode-se ter um só sinal, e sempre o mesmo, para cada palavra. Assim se constitui um estoque de sinais de valor constante. Por outro lado, o texto exato da frase se conserva, visto que essa frase é decomposta em seus elementos constitutivos, isto é, as palavras, e que cada um destes últimos possui uma conotação própria. De sintética, a escrita se torna *analítica* ou *ideográfica*. Os estudiosos alemães dizem, nesse caso, *Wortschrift*, “escrita de palavras”.

4º) Enfim, uma nova e decisiva simplificação aparece. Da mesma maneira por que há menos palavras que frases, o número de sons ou de elementos fonéticos contidos nas palavras é muito menor que o das palavras. Se anotarmos, por consequência, não mais essas palavras, mas as sílabas ou as letras, poder-nos-emos contentar com um volume de sinais, incomparavelmente, mais restrito do que se recorremos ao processo precedente. A escrita será dita então *fonética*, porque ela não registra senão os sons. Ela poderá ser qualificada de silábica ou de alfabética (...) (FÉVRIER, 1948, p. 10).

De embrionária a alfabética (silábica), a escrita, conforme os estudos de James G. Février (1792 – 1857) passou por um processo evolutivo de longa duração, porém Martins (2002) esclarece que tal “evolução” não passa de uma visão puramente teórica e lógica, face à ausência precisa de temporalidades entre os sistemas de escrita.

Por isso, nada comprova que a escrita ideográfica tenha sido criada por indivíduos que não tinham mais suas necessidades comunicativas atendidas pela escrita pictográfica e que o surgimento da escrita fonética tenha se dado a partir da pouca necessidade dos sistemas de escrita ideográficos. Na verdade, o que existe nos sistemas de escrita não é um processo evolutivo de um para outro, mas um processo interno que se dá em um grau maior ou menor, dentro de cada um,

A estreita relação da escrita com a história da humanidade é expressa por Charles Higounet (2003, p.10):

A escrita faz de tal modo faz parte da nossa civilização que poderia servir de definição dela própria. A história da humanidade se divide em duas imensas eras: antes e a partir da escrita. [...] Vivemos os séculos da civilização da escrita. Todas as nossas sociedades baseiam-se sobre o

escrito. A lei escrita substitui a lei oral, o contrato escrito substituiu a convenção verbal, a religião escrita se seguiu à tradição lendária. E, sobretudo, não existe história que não se funde sobre textos.

Deste modo, é impensável concebermos a escrita como apenas um conjunto de signos linguísticos com funções de reproduzir pensamentos. A escrita é histórica, carrega consigo significados, valores culturais e sociais que são transmitidos ao longo das gerações, ultrapassando as barreiras impostas pelos manuais da língua os quais, muitas vezes, se restringem apenas a normatizar a língua.

Diante do exposto, optamos pelo conceito de escrita a ser utilizado no decorrer do nosso estudo, a partir das concepções de linguagem abordadas nos estudos de Bakhtin (2003, 2006), conforme veremos a seguir.

## **2.2 Escrita e linguagem**

Koch e Elias (2011) afirmam que, em nosso cotidiano, encontramos diversas definições para a escrita. Assim, temos aqueles que concebem a escrita enquanto algo puramente inspirativo; alguns a definem como atividade direcionada apenas para alguns privilegiados que de posse dela se transformam em grandes escritores; outros diferenciam a escrita enquanto domínio das regras da língua e a escrita enquanto expressão do pensamento. Além destes, existem tantos outros conceitos advindos do empirismo.

Para essas autoras, a variedade de conceitos revela uma escrita associada à maneira pela qual compreendemos “a linguagem, o texto e o sujeito que escreve” (KOCH; ELIAS, 2011, p.32). Desse modo, as concepções de linguagem tendem a influenciar diretamente na postura como concebemos, ensinamos e praticamos a escrita, ainda que de forma inconsciente.

As diversas concepções de linguagem influenciam diretamente a postura do sujeito, enquanto produtor e leitor do texto. Para Travaglia (2000) a linguagem é compreendida de três formas: como expressão do pensamento, como instrumento de comunicação e como forma ou processo de interação.

A linguagem como *expressão do pensamento* compreende um ato individual cuja origem encontra-se no próprio ato de pensar. Esse é exteriorizado através dos signos que, devidamente organizados dentro do sistema de normas

estabelecido pelas gramáticas, dão origem a uma linguagem organizada e articulada. Ainda segundo Travaglia (2000), essa concepção considera que o fato das pessoas não saberem articular o pensamento torna-se a principal causa de não saberem se expressar. Assim, a linguagem se restringe apenas a um ato meramente racional, “um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece” (TRAVAGLIA, 2000, p. 21).

De acordo com esta tendência, o texto nada mais é do que fruto do pensamento de quem o escreve, cabendo ao leitor ou ouvinte compreender essa representação e, também, as intenções do produtor do texto. Desse modo, a produção de um texto equivale à transposição de uma realidade interior tal qual é produzida pelo indivíduo (KOCH, 2002). Quanto ao leitor, dentro desta concepção de linguagem, o mesmo se torna impossibilitado, de questionar ou formar uma nova opinião, se limitando apenas a apreensão de ideias que lhe são transmitidas.

Já a linguagem enquanto *instrumento de comunicação* da língua, segundo Travaglia (2000), compreende um código, cuja combinação se dá por meio de regras, as quais tornam possível a comunicação através da mensagem entre o receptor e o emissor. A comunicação, no entanto, só é efetivada quando o emissor e receptor possuem o domínio do código, devendo este ser utilizado de forma preestabelecida e convencionada.

Nessa perspectiva, é como um simples produto da codificação do autor a ser decodificado pelo leitor ou pelo ouvinte que apenas devem ter domínio do código (KOCH, 2002). Sob o prisma desta concepção, o texto não oferece para o leitor nenhuma dificuldade quanto a questões interpretativas, visto que o simples fato de reconhecer o sentido das palavras e o modo como elas se estruturam já é o bastante para se ter domínio daquilo que o texto tem a oferecer.

Na concepção de linguagem como forma ou *processo de interação*, os olhares se ampliam quanto ao uso da língua, pois nela “o que o indivíduo faz [...] não é tão somente traduzir e exteriorizar um pensamento ou transmitir informações a outrem, mas realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor)”. (TRAVAGLIA, 2000, p.23). Conforme o autor, esta concepção abrange as correntes

de estudo da língua que podem ser agrupadas pelo nome de *Linguística da Enunciação*<sup>4</sup>.

Divergindo das concepções anteriores, essa última situa a linguagem enquanto espaço de interação humana, lugar de constituição das relações sociais.

E quanto ao texto, esse não fica mais relegado, ou à mercê do pensamento de quem o produziu, mas, ao contrário, torna-se um grande elo entre autor e leitor, abrindo caminhos para novas interpretações que somente se tornam concretas à medida que percebemos o contexto sócio-cognitivo de cada um.

Nesse sentido, a compreensão do texto ultrapassa a linha da decodificação e começa a ganhar sentido com base na troca de experiências e saberes que circundam a vida de cada indivíduo, não desconsiderando os elementos linguísticos, uma vez que esses são responsáveis pela estruturação das ideias frutos de uma interação.

A linguagem deixa de ser entendida como simples “captação” de uma representação mental ou como a decodificação de um emissor, isto sim, é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície do textual e na sua organização, mas que requer um vasto conjunto de saberes (enciclopédia) e sua reconstrução deste interior comunicativo (KOCH, 2002, p. 17).

Sob o prisma da dialogia, a linguagem nos torna capaz de escrever textos cada vez mais responsivos e livres de um caráter monológico que tende a isolar mulheres e homens da sua realidade histórico-social. Logo, a valorização da natureza dialógica e discursiva da linguagem nos faz reconhecer a interação que há entre os falantes da língua, bem como a produção de sentidos nos diferentes contextos sociais e nas variadas situações de comunicação.

Tal argumento é abordado de forma mais aprofundada com a visão de linguagem formulada por Bakhtin, que deu aos estudos linguísticos novos rumos, ao ultrapassar os aspectos sistemáticos da língua, os quais, por sua vez, não se

---

<sup>4</sup>As correntes de estudo que compõem a Linguística da Enunciação “têm em comum o fator histórico, e o fato de terem se estabelecido como disciplinas dentro de uma ciência específica, a Linguística, e de se sustentarem na filosofia da linguagem, elevando a interação à condição de princípio explicativo dos fatos da língua. Amparadas neste pressuposto, não mais trataram do estudo de palavras ou de frases isoladas, mas relacionadas ao texto, ao contexto sócio - histórico, ao(s) usuário(s) que as produziu/produziram, aos gêneros discursivos/textuais. Estamos nos referindo a uma nova concepção de linguagem: a concepção interacionista ou sociointeracionista que passa a tratar a língua como elemento histórico”( COSTA-HÜBES, 2008, p. 109-110).

apresentam de modo acabado, mas partem do discurso do dia a dia, sem a rigidez que lhes é imposta pelos estudos mais tradicionalistas. Logo, a língua falada ganha vida e se transforma constantemente pela própria atividade no uso cotidiano.

Em virtude desse fato, ela não pode ser separada do fluxo da comunicação verbal, já que

[...] a comunicação é a essência da linguagem na reflexão bakhtniana, que considera ficcional a linguística que abstrai a comunicação, tanto a que o faz para ressaltar sua função expressiva, quanto a que renuncia a ela para conformar um objeto científico mais homogêneo (MARCHEZAN, 2005, p.118).

Como já dito anteriormente, a linguagem é para Bakhtin, a “essência da comunicação”, logo, é no âmbito da linguagem que insistimos na afirmação de seu caráter dialógico, uma vez que, no processo de comunicação, a figura do outro é algo de suma importância na construção do eu. Daí podermos concluir que, ao contrário de Saussure (1857 –1913) e dos estruturalistas, que direcionavam seus estudos para a língua enquanto sistema abstrato dotado de regras formais, Bakhtin apresenta uma visão para além da abstração, pois concebe a língua como “um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal social dos locutores” (BAKHTIN, 2006, p.132).

Marchezan (2005) afirma que a perspectiva dialógica da linguagem é vista a partir de seu caráter histórico, cultural e social, o que inclui a comunicação efetiva, os sujeitos e os discursos nela envolvidos.

A língua materna – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical - não chega ao nosso conhecimento, a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciações concretas [ enunciados concretos] que nós mesmos já ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam [...] (BAKHTIN, 2003, p.153).

Nesse contexto, Bakhtin nos direciona à palavra “diálogo” que, em seu sentido mais amplo, compreende todo tipo de comunicação verbal, pois abrange desde a fala que ocorre no cotidiano até a simples leitura de um livro.

O diálogo, no sentido mais estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido mais amplo, isto é, não apenas como comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. O livro, isto é, o ato da fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação

verbal. Ele é um objeto de discussões ativas sob forma de diálogo (BAKTHIN, 2006, p.127).

Como podemos perceber, a comunicação verbal encontra-se ligada a inúmeras formas de comunicação que são constituídas de enunciados que se desenvolvem a partir de situações concretas vivenciadas pelos indivíduos. Nesse segmento, destacam-se os estudos de Bonini (2005) que cita exemplos de enunciados: os romances, as crônicas, as notícias, as conversas de salões entre outros.

O enunciado não está ligado apenas aos elos precedentes, mas também aos elos subseqüentes da comunicação discursiva. Quando o enunciado é criado por um falante, tais elos ainda não existem. Desde o início, porém, o enunciado se constrói levando em conta as atitudes responsivas, em prol das quais ele, em essência, é criado. O papel dos outros, para quem se constrói o enunciado, é excepcionalmente grande, como sabemos. Já dissemos que esses outros, para os quais o meu pensamento real (e deste modo, também, a mim mesmo), não são ouvintes passivos, mas participantes da comunicação discursiva (BAKTHIN, 2003, p. 301).

Assim sendo, a linguagem não se restringe apenas à transmissão de informações de um receptor a um emissor, nem é uma estrutura separada de seus usuários, mas segue muito mais além disso. É uma forma de interação humana que não ocorre isolada de um contexto social, porém renova-se a cada instante, nos diálogos vivos, proporcionando uma reflexão de si mesma, na construção de uma nova consciência. Portanto, para Bakhtin a linguagem é tomada numa perspectiva de totalidade, e não enquanto sistema abstrato das formas linguísticas, no qual o enunciado tem como centro apenas um único indivíduo capaz de promovê-la, a partir do seu inconsciente.

O reflexo do caráter dialógico da linguagem para a construção da história das mulheres alicerçada nos registros é algo muito significativo, pois com o dialogismo proposto pelos estudos de Bakhtin, conseguimos perceber que o texto é fruto de construções sociais e se direciona para o outro, o que contribui para que a essência da linguagem - a comunicação - se manifeste de maneira concreta. Daí, também, a importância de abordarmos a visão de gêneros discursivos (textuais) na visão *bakhtiniana*.

O desenvolvimento dos gêneros, em um primeiro momento, ocorreu de modo muito restrito e teve seu ponto de partida com povos primitivos com o uso da cultura oral.

No entanto, somente “com a invenção da escrita alfabética por volta do século VII a. C que se multiplicaram os gêneros, surgindo os da escrita” (MARCUSCHI, 2002, p. 20). O fato de a cultura impressa ganhar espaço na primeira metade do século XV propiciou, de forma significativa, o desenvolvimento dos gêneros discursivos, os quais atingiram sua maior expansão no início do século XVIII, período que compreende a primeira fase da industrialização.

Por outro lado, no século XX, ocorreu um aumento significativo dos estudos em torno dos gêneros discursivos. Essas pesquisas se encontram direcionadas para o papel de gênero, dentro do contexto escolar e acadêmico, em especial, na área da Linguística Aplicada. De acordo com Schneuwly e Dolz (2004), a noção de gênero desenvolveu-se de forma tradicional no domínio da Retórica e da Literatura, ganhando expressão com os estudos de Bakhtin.

A definição de gênero, segundo a concepção de Bakhtin, perpassa pelo grande elo que existe entre as diversas esferas da atividade humana e a língua, já que esta se realiza em forma de enunciados orais e escritos que surgem da relação entre ambas.

Segundo Rojo (2005), Bakhtin vê os gêneros discursivos “como tipos relativamente estáveis de enunciados”, uma vez que o enunciado compreende uma unidade real, que se realiza através dos diálogos entre falantes. Logo, é por meio do conceito de gênero que Bakhtin busca criar uma ponte entre linguagem/atividade discursiva/sociedade, visto que o enunciado, enquanto unidade real comunicativa, encontra-se na unidade ao gênero, que assume o importante papel de fonte geradora da linguagem como elemento presente em todas as esferas sociais.

Dessa forma, os gêneros são formas flexíveis que apresentam uma dimensão histórico-cultural, o que implica em um caráter dialógico social da linguagem. Sendo assim caracterizam-se como

[...] eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados às necessidades e atividades sócio- culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação às sociedades anteriores à comunicação escrita (MARCUSCHI, 2002, p.19).

Os novos gêneros, ao surgirem, têm como base outros já existentes. Eles não nascem como fruto do acaso e muito menos se nascem completamente

originais, autênticos, mas, como toda atividade de linguagem, sua origem apresenta um vestígio de outro gênero, como por exemplo: as passagens da carta para o *e-mail*.

Embora o uso da carta não seja mais tão frequente quanto o *e-mail*, este não surgiu de forma inédita, pois, assim como a carta, ele exerce a mesma função, dada sua relevância na transmissão de mensagens. Portanto, podemos afirmar que os gêneros discursivos são importantes ferramentas que tornam possível a comunicação.

Para Marcuschi (2002), a definição de gêneros se dá através da função sociocomunicativa, que se fundamenta nos parâmetros pragmáticos e discursivos, uma vez que sua concretização é feita por meio das práticas sociais que se desenvolvem com a finalidade de atender à necessidade que o homem tem de se comunicar.

Atualmente os gêneros se encontram cada vez mais em evidência. Esse reflexo pode ser visto na cultura eletrônica, que se tornou um terreno cada vez mais fértil para o aparecimento de “novos” gêneros textuais, que nada mais são do que resultados da adaptação de outros já existentes na tecnologia atual. Podemos dizer, pois, que “a tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas” (MARCUSCHI, 2002, p. 20). Como exemplo, temos a evolução da carta para o *e-mail*. Ambos, como já notificamos, apresentam o mesmo conteúdo, porém o *e-mail* é um gênero que apresenta características próprias.

As inovações às quais o gênero está sujeito sempre se direcionaram para um mesmo fim que é a comunicação, por isso “partimos do pressuposto de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto” (MARCUSCHI, 2002, p.22). Por conseguinte, a comunicação verbal só pode ser expressa por meio dos gêneros textuais. Entre outros autores, essa concepção é

Defendida por Bakhtin [1997] e, também, por Bronckart (1999) adotada pela maioria dos autores, que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais. Esta visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva. Privilegia a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua. Afirma o caráter de indeterminação e ao mesmo tempo de atividade constitutiva da língua, o que equivale a dizer que a língua não é vista como um espelho da realidade, nem como um instrumento de representação dos

fatos [...] É neste contexto que os gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo (MARCUSCHI, 2002, p. 19).

Os escritos de Carolina de Jesus (1914- 1977), mineira semianalfabeta, que se tornaram *best-seller* com a publicação do livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, presentearam-nos com produções em diversos gêneros discursivos (textuais), a começar pelo gênero diário, presente nesta sua obra. São cadernos nos quais, segundo França (2015), Carolina de Jesus deixou os seus “desabafos”, registrados a partir de 15 de julho de 1955 até primeiro de janeiro de 1960, ano de publicação da obra, que lhe trouxe grande visibilidade, inclusive entre a classe intelectual de escritoras e escritores respeitados, como Rachel de Queiroz (1910 - 2003) e Manuel Bandeira (1886 – 1968).

França (2015) afirma que os poemas estavam entre os gêneros discursivos (textuais) que mais proporcionavam prazer a Carolina de Jesus. Alguns, inclusive, ela já havia conseguido publicar em jornais, antes do encontro com Audálio Dantas, jornalista descobridor do grande talento e que, à época, exercia suas atividades na Empresa Folha da Manhã, que atualmente publica a Folha de São Paulo.

As inadequações na grafia das palavras e a ausência de acentuação em outras são facilmente percebidas ao longo dos escritos produzidos pela escritora, inclusive na narrativa “Favela”, em cujo trecho grifamos as citadas falhas:

Era o fim de 1948, **surgio** o dono do terreno da Rua **Antonio** de Barros onde estava **localisada** a favela. Os donos exigiram e apelaram queriam o terreno vago no **praso** de 60 dias. Os favelados agitavam-se. Não tinham dinheiro. Os que podiam sair ou comprar terreno saiam. Mas, era a minoria que estava em condições de sair. A maioria não tinha recursos. Estavam todos apreensivos. Os **policiaes** percorria a favela insistindo com os favelados para sair. **So** se ouvia dizer o que será de nós?

São Paulo **modernisava-se**. Estava destruindo as casas antigas para construir aranha céus. Não havia mais porões para o **ploletario**. Os favelados falavam, e pensavam. E vice-versa. **Ate** que alguém **sugerio**.

\_ Vamos falar com O **dr** Adhemar de **Barrós**.

Ele, é um bom homem.

E a Leonor, é uma santa mulher. Tem bom coração. Tem dó **dós** pobres O Dr Adhemar de Barros, não sabe dizer não a pobreza **ê**le é um enviado de Deus. Tenho certeza que se **nos** formos falar com o Dr. Adhemar de Barros, êle soluciona o nosso problema.

E assim os favelados acalmaram. E **durmiram** tranquilos. Ainda não tinham ido falar como Dr Adhemar de **Barrós**. Eles confiavam nêste grande **lider**. Reuniram e foram. E foram bem recebidos pelo Dr. Adhemar que não faz seleção. E abria as portas do **palacio** para a turba. Foi por **intermedio** do

Dr. Adhemar de Barros que o **ze** povinho conheceu as dependências dos campos **eliseos**. Citaram ao Dr. Adhemar os seus problemas angustioso.

\_Dentro de 3 dias eu arranjo lugar para **voçeis**.

É o Dr. Adhemar que não decepciona que tem noção de responsabilidade das palavras conferenciou com o Dr. Paulo Lauro que era o nobre perfeito de S. Paulo. e **ressolveram** instalar os favelados as margens do Rio Tietê, no bairro do Canindé. E ficou ao cargo do **patrimônio** colocar os favelados. E começou a transferência. E os favelados mais de mil pessoas só falavam no Dr. Adhemar (JESUS, 2014, p. 24, grifo nosso).

Esta narrativa retirada da obra que precede *Quarto de despejo* é uma das tantas outras, advindas dos “cadernos de desabafo” da catadora. Nela, podemos acompanhar o drama da comunidade favelada, frente a uma ação de despejo; a angústia e a esperança de tentar buscar soluções junto a alguma autoridade, na tentativa de reverter tal situação; a falta de lugar para pessoas como Carolina de Jesus numa São Paulo em vias de modernização.

Carolina de Jesus apresenta, com pormenores, os impactos das mobilizações políticas contra a expulsão de habitantes dos cortiços, primeira morada dos migrantes que chegavam à “cidade da garoa” nos anos de 1940, até a sua própria entrada no Canindé, em uma das primeiras favelas que surgiram a partir do processo de deslocamento, para fora do centro de São Paulo, desse contingente de excluídos. Em outros de seus cadernos, situados à mesma época deste texto, encontramos a descrição minuciosa da favela como um espaço quase rural, no qual homens, mulheres e crianças conviviam com galinhas, porcos e até conseguiam pescar nas águas do rio Tietê (FERNANDES; DINHA, 2014, p.12).

Os manuscritos da mulher semianalfabeta é a prova de que os aspectos formais da língua em nada impediram que a escritora mineira de 46 anos, mãe de três filhos, que residia em um barracão de madeira localizado às margens do Rio Tietê, na zona norte de São Paulo, revelasse a dura realidade vivida por sua comunidade até sua chegada à Favela Canindé. Realidade esta, ainda presente em nossos dias, que continua despercebida aos olhos da sociedade.

Falar do sujeito mulher e de sua relação com a escrita implica dizer que precisamos conceber a linguagem como algo realmente dialógico, para que nossos registros possam falar mais de nós mesmas, de modo que o outro nos ouça e também nos reconheça enquanto sujeitos que também atuam na construção da História. Isto porque os escritos não se restringem a uma organização estrutural das palavras e orações, mas trazem à tona realidades sociais.

A exemplo do que ainda estamos tratando, podemos citar o uso do gênero discursivo carta, utilizado em palestra proferida pela Profa. Dra. Diomar das

Graças Motta<sup>5</sup> (1942- até hoje), em abertura do XIV Congresso de História da Educação do Ceará, realizado entre os dias 1º a 4 de junho do ano de 2015, no município de Crato - CE, na Universidade Regional do Cariri.

O evento teve como tema “História de Mulheres: amor, violência e educação”. Na oportunidade, Motta discorreu sobre “As mulheres no Brasil”. Ao término de sua fala, usou o gênero discursivo<sup>6</sup> carta, distribuindo exemplares para mais de 200 congressistas, nos quais dava destaque a este fragmento: “Elementos indispensáveis na escrituração da história das mulheres”, composto por 13 itens, registrados a seguir:

1. Inclua, em seus estudos a trajetória de mulheres no seu entorno.
2. Apoie seus estudos, preferencialmente, em produções de estudosas locais, regionais, nacionais e internacionais.
3. Apresente seu percurso, porque ele reflete o seu fazer.
4. Amplie e diversifique a utilização de fontes, pois as usuais omitem as mulheres.
5. Procure outros sentidos, além dos evidentes nas fontes. Às vezes “o evidentemente” (NOVOAS, 2000).
6. Não deixe que em seu olhar nas fontes escape os fragmentos e o não-dito, porque os detalhes e as minudências contribuem na diferença.
7. Incorpore saberes transmitidos no interior de instituições como família, escola, igreja, clubes e outros.
8. Procure dar voz a diferentes sujeitos femininos em seus objetos de estudo. Abordagem com professoras se ressentem da presença de muitas vozes, como as das leigas, rurais, alfabetizadoras, ambulantes, indígenas, entre outras.
9. Focalize estas produções no seu cotidiano acadêmico, questionando a ausência da mulher, pois “o silêncio é música em estado de gravidez” (MIA COUTO,1955).
10. Incentive a formação de arquivos em suas escolas e em outros ambientes de sua atuação, com documentos, ícones e tudo que contribua para a preservação da memória feminina.
11. Atenção às questões do **masculinismo** (corrente inglesa, que alimenta o movimento de ódio contra as mulheres, em especial, contra as feministas).
12. Os estudos feministas vão além das questões sobre as mulheres. Não esqueça que o problema da mulher sempre foi do homem (BEAUVOIR,1980, p.2).
13. Ouse em suas narrativas, use de sua inteligência e demonstre muita altivez! (MOTTA, 2015).

---

<sup>5</sup>Diomar das Graças Motta é professora normalista, licenciada em Pedagogia, mestra e doutora em Educação. Ora coordena o GEMGe, vinculado ao PPGGe na UFMA.

<sup>6</sup>A nomenclatura gênero discursivo utilizada por Bakhtin, perpassa pelo grande elo que existe entre as diversas esferas da atividade humana e a língua, uma vez que esta se realiza em forma de enunciados orais ou escritos, que surgem da relação entre ambas. Rojo (2005) afirma que Bakhtin vê os gêneros discursivos “como tipos relativamente estáveis de enunciados”, haja vista que o enunciado compreende uma unidade real, que se realiza através do diálogo entre falantes.

Em suas recomendações, a professora nos mostra a necessidade de trazermos para o centro dos nossos estudos os diversos sujeitos femininos, suas trajetórias, bem como quebrarmos o silêncio que nos é imposto pelas fontes oficiais.

No referido evento, através deste gênero discursivo, a estudiosa feminista pôde comunicar-se com os participantes, deixando para cada um deles a missão de incentivar e contribuir com os estudos sobre a mulher, em especial a mulher professora na perspectiva histórica.

Rojo (2005) destaca que, ao nos comunicarmos nas mais variadas situações, estamos sempre usufruindo de diversos gêneros discursivos, que apresentam características que lhes são peculiares. “Se não existissem, ou se ainda tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo de fala ou construir cada enunciado, a comunicação seria quase impossível” (BAKTHIN, 2003, p. 283).

Daí a necessidade de estarmos sempre usufruindo da prática da escrita, levando em consideração que nos estudos sobre as mulheres, muito se tem dito sobre elas, mas, na maioria das vezes, em meio aos discursos, o diálogo tem se perdido, por conta da presença de uma única voz: aquela que usufrui da escrita para dizer o que as mulheres nunca disseram ou pensaram de si própria.

Para isso a prática da escrita precisa se processar de forma democrática entre nós, para que possamos lançar mão de um discurso próprio que possa vir a legitimar o que realmente falamos. Infelizmente, enquanto instrumento importante para a sociedade, a escrita não se realiza de forma democrática; e a história nos confirma isso, conforme veremos a seguir.

### 3 DE LEITORA A ESCRITORA

Sem poder, como as mulheres ganharam influência nas redes durante tanto tempo dominadas pelos homens? Primeiro pela correspondência, depois pela literatura e, por fim, pela imprensa (PERROT, Michelle).

#### 3.1 Educação aquém das letras

A escrita é um instrumento cada vez mais utilizado em nosso meio e, paradoxalmente, o surgimento de tantos aparatos tecnológicos como celulares e computadores só ampliam o uso que dela fazemos. Sendo assim, a escrita reflete um pouco da realidade e das experiências que surgem como fruto da relação que temos com o outro e com o mundo.

A atividade da escrita, para a qual a maioria de nós somos invocadas a nos render desde a infância, proporciona acesso à cultura e ao desenvolvimento intelectual. Para Bazerman *et al.* (2007) é um meio de comunicação utilizado entre as pessoas através do tempo e do espaço e pode ser destinada para orientar a atenção, alinhar pensamentos, coordenar ações, induzir prazeres, chamar a atenção para os nossos processos mais subjetivos de sentimento. Todavia, a escrita, como porta-voz da visão que temos de nós mesmas e do meio que nos cerca, aconteceu de forma desigual e tardia para as mulheres em relação aos homens.

Assim é que, para atingirem este artefato cultural, ao qual o homem teve livre acesso, as mulheres enfrentaram grandes dificuldades, a começar pelo próprio objetivo da educação que a elas era destinada. De acordo com Vetter (2009), na Inglaterra e na França, durante o século XIX, a mulher dispunha de uma alfabetização restrita apenas à leitura. Essa mulher se situava na classe burguesa, onde era mulher leitora, “educadora dos filhos, um ser de virtude, o anjo do lar”.

Somente algumas obras faziam parte da solidificação do processo educacional dessas mulheres, tais como, as máximas do casamento e os deveres da mulher casada. Preparadas para o matrimônio, “a educação dada à mulher não instigava suas capacidades intelectual e produtiva” (VASCONCELLOS, 1999, p. 35).

O acesso à escola instruíu os homens para que desenvolvessem suas habilidades intelectuais, através do contato com conhecimentos, que os instigavam à política, ao governo e à filosofia, tornando-os cada vez mais capacitados para

exercerem diversas funções públicas na sociedade. Em contrapartida, o próprio processo educacional explica a grande dificuldade de acesso das mulheres às letras, posto que, educadas em suas próprias residências, não comungavam dos mesmos conhecimentos dos homens, que os adquiriam nos bancos escolares.

Ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos; mas logo algumas distinções apareciam: para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura (LOURO, 2010, p. 444).

Não cabia, portanto, às mulheres o aprendizado da escrita de forma mais abrangente e reflexiva, tendo em vista ser esta considerada um instrumento de perigosa independência, que poderia ser utilizada em correspondências amorosas. Assim, o distanciamento da mulher da prática da escrita fez com que, durante muito tempo, ela não constasse nos registros da História, o que feria sua autoestima, visto que, convencida da sua pouca relevância perante a figura masculina, era levada a queimar os próprios vestígios escritos de sua existência. Perrot (2008, p.21-22) ilustra tal situação:

Num casal cujo cônjuge masculino é célebre, serão conservados os papéis do marido, e não os da mulher. Assim sendo, foram guardadas as cartas de Tocqueville escritas a sua esposa: mas não aquelas que ela lhe enviou [...]. Convencidas da sua insignificância, estendendo à sua vida passada o sentimento de pudor que havia sido inculcado a muitas mulheres, no caso de sua existência, destruíram – ou destroem – seus papéis pessoais. Queimar papel na intimidade do quarto é um gesto clássico da mulher idosa

Esta realidade, durante muito tempo, fez da mulher apenas leitora, telespectadora do mundo em que vivia, presa ao mundo privado e à natureza frágil e inferior que a sociedade lhe impusera. Segundo Telles (2010), o discurso sobre a natureza feminina que se iniciou a partir do século XVIII e se estabeleceu na sociedade burguesa em ascensão, definiu a mulher, ora como ser maternal e delicado, ora como portadora das forças do bem e do mal; apropriando-se de atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas, a mulher era tida como personificação do mal.

Esse discurso que naturalizou o feminino colocou-o aquém da cultura. [...] Tal qual um Deus Pai que criou o mundo e nomeou as coisas, o artista torna-se o seu progenitor e procriador de seu texto. À mulher é negada a autonomia, a subjetividade necessária à criação (TELLES, 2010, p. 401).

Escrever, então, consistia no ato de transgredir o poder masculino, na medida em que “o manejo da escrita é assim caracterizado como a imposição de uma autoridade que pela lei ou pela magia, submete o fraco ao forte” (CHARTIER, 2009, p.125).

Michelle Perrot (2008) afirma que, durante o século XIX, a escrita feminina se restringiu ao domínio privado, tal como à correspondência entre familiares, ou à contabilidade de pequenas empresas, onde muitas vezes a mulher que ocupava o papel de gerente da hospedaria era detentora de certo conhecimento, que lhe propiciava controlar as contas dos trabalhadores e exercer a função de escritã pública. Ultrapassar a escrita limitada ao domínio privado e adentrar ao mundo literário sem que a figura masculina não se fizesse presente não consistia em uma tarefa fácil, como se vê na obra de Motta intitulada “As mulheres professoras na política educacional no Maranhão”, ao se reportar à trajetória da Profa. Laura Rosa:

O ingresso no mundo literário se dá com o pseudônimo de Violeta do Campo. Apesar do pequeno avanço da mulher no mundo das letras, (sobretudo, publicamente), seria inadmissível uma mulher que não pertencesse à elite econômica maranhense, impor seu nome através da sua produção literária de forma ampla. O pseudônimo escondia a poetisa, mas, sobretudo, a mulher simples, pobre, filha ilegítima e solteira. [...] Poetisa, ocupação nada relevante em relação ao homem, e menos considerada quando exercida pela mulher (MOTTA, 2003, p.18).

Como vemos, os pseudônimos foram uma maneira que as mulheres escritoras encontraram de se proteger do olhar sarcástico e condenador da sociedade. Sendo assim,

A mulher autora, esta pretensa literata detestada, atrai para si todos os sarcasmos. Uma mulher que escreve, e sobretudo publica, é uma mulher desnaturada que prefere abrigar-se sob um pseudônimo. Seu sucesso provoca escândalo: ele é depreciado” (PERROT, 2005, p. 271).

As raízes de tanto preconceito contra a mulher que assume o seu discurso por meio da escrita advêm de uma educação oferecida nas próprias instituições escolares, as quais, além de não direcionarem para uma educação emancipatória, ainda eram responsáveis por perpetuarem discursos que viam na mulher um ser associado sempre à figura de mãe e educadora da prole.

O próprio surgimento da Escola Normal no Brasil não serviu de “tábua de salvação” para que as mulheres estreitassem os laços com o saber, já que “quando fomos alçadas ao espaço escolar, através da tão desejada e utilitária escola normal nos tornaram construtoras da nação e higienistas responsáveis pela saúde infantil” (MOTTA, 2010, p. 272).

Quanto ao chavão “a mulher é uma educadora por natureza”, este apenas revela, segundo Motta (2010), a diferenciação feita pela ciência e a pouca relevância da mulher para a sociedade, que a restringe a uma única função social: o ato de educar os seus.

Conforme Silva (2009), o espaço escolar teve presença marcada pela figura masculina até o século XIX. Em contrapartida, os períodos de 1870 a 1930 revelaram a presença de muitas mulheres no exercício do magistério no Brasil, porém esta presença se deu de forma muito precária já que o objetivo era solucionar o problema da escassez de mão de obra nas escolas femininas destinadas às camadas populares. Assim sendo,

Na tentativa de suprir a necessidade de formação de professores para o magistério primário, o Império brasileiro decide criar as Escolas Normais na primeira metade do século XIX. Tratava-se de instituições públicas que eram mantidas precariamente até o fim do período imperial, onde se ensinavam os conteúdos elementares do ensino e algumas noções pedagógicas, caracterizados pela baixa qualidade na formação que proporcionavam. As meninas pobres poderiam contar, além das Escolas de Primeiras Letras e das Escolas Normais, com instituições de caráter assistencial, que complementavam a sua formação. Essas instituições assistenciais, de caráter educativo, eram mantidas pelo Estado ou por Ordens Religiosas Femininas, porém também eram limitadas quanto aos conteúdos, direcionando o ensino às prendas domésticas, aos aspectos básicos de leitura, escrita e das operações básicas da matemática. Depois desse período de ensino básico, as alunas eram consideradas aptas a exercer o magistério público e privado (CUNHA e SILVA 2010, p.97).

De acordo com Ilma Maria Silva, embora muitos pesquisadores considerem que, durante todo esse período, o exercício do magistério tenha “configurado mais uma ocupação feminina, do que uma profissão; vale ressaltar que foi, também, através dessa ocupação que as mulheres das classes médias e alta começaram a circular livremente pelas ruas e instituições urbanas” (SILVA, 2009, p.154).

No Brasil, o acesso ao ensino superior para as mulheres foi regulamentado pelo governo federal em 1879, porém, ainda assim, a presença do

público feminino ocorreu de forma muito tímida. Passos (2000) registra que profissões como escritora, advogada e médica não eram vistas com bons olhos, pelo fato de serem consideradas profissões masculinas pela sociedade. Ainda assim, em 1920, algumas mulheres ingressaram na universidade, inclusive no curso de engenharia. Por outro lado, a maioria feminina permanecia analfabeta.

O cenário atual em relação à taxa de analfabetismo, felizmente tem apontado índices favoráveis às mulheres. Dados do IBGE (2010), com base na Síntese de Indicadores Sociais revelam que as maiores quedas na taxa de analfabetismo, por grupos etários, entre 1999 a 2009 ocorreram na faixa dos 15 a 24 anos. Nesse grupo, as mulheres estão entre as mais alfabetizadas, o que reflete também outra postura em relação à maternidade, pois de acordo com o IBGE, quanto maior o nível de escolaridade menor é o número de filhos. Nos dias de hoje, o ser mãe faz parte da vida da mulher, mas não representa sua única identidade.

Os dados do Ministério da Educação – MEC (2011) com base no Censo de Educação Superior apontam para o aumento da ocupação de vagas pelas mulheres, nas instituições de ensino superior públicas e particulares, entre os anos de 2001 a 2010. Elas alcançaram em 2001, 56% das vagas e, em 2010, o percentual tímido de 57%.

No que tange à conclusão da graduação, no ano de 2001, as mulheres atingiram 62,4%, enquanto os homens obtiveram o percentual 37,6%. No ano de 2010, elas continuaram com o percentual superior, 60,95% contra 39,1% da participação masculina.

No entanto, para que se alcançasse esse nível educacional que as pesquisas hoje divulgam, muito se trabalhou e se trabalha, já que, durante muito tempo, as instituições de ensino se omitiram a corroborar uma instrução que oferecesse à mulher a oportunidade de ser sujeito do seu próprio discurso. E essa dificuldade de acesso às letras se estende até os dias atuais, pois os dados divulgados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO (2014), em seu 11º primeiro Relatório de Monitoramento Global de Educação Para Todos, em janeiro de 2014, dão conta de um total de 774 milhões de adultos não alfabetizados no mundo, sendo que as mulheres representavam 64% deles.

O Brasil vem tomando medidas para mudar esta realidade. No décimo segundo relatório divulgado em 4 de abril do corrente ano, a UNESCO (2015) apontou avanços na educação brasileira, ao conseguir proporcionar escolas do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental praticamente com o mesmo quantitativo de meninas e meninos matriculados. Mesmo com estes avanços de acesso, aos bancos escolares, Motta (2010) nos alerta para o baixo incentivo dado à mulher pela cultura escolar, quando o assunto é falar de si própria.

Matéria-prima sempre existiu para que houvessem grandes escritas nos quais elas fossem autoras do seu próprio discurso e destaque na história do mundo, como ocorreu com os homens. Esta matéria é produzida ao longo da vida, as mulheres sabem disso e o vivenciam muito bem.

O acesso ao ensino continua hoje como um grande desafio para muitas mulheres. A história da Malala Yousafzai, paquistanesa que se tornou símbolo mundial da luta pela educação feminina, traz à tona este percalço em pleno século XXI. Ela, que enfrentou desde o seu nascimento o preconceito por ter nascido do sexo feminino - insatisfação externada pelos pais ao darem para a filha o nome “Malala”, cujo significado é: “tomada pela tristeza” - lutou também para se afastar do destino que lhe foi imposto, tanto que,

Quando Malala nasceu, nenhum vizinho foi dar os parabéns aos seus pais. Em regiões do Paquistão, como o Vale do Swat, onde ela vivia, só o nascimento de meninos é celebrado. Das meninas, espera-se apenas que vivam quietinhas atrás das cortinas, cozinhem e tenham filhos – de preferência antes dos 18 anos (OYAMA, 2013,p.86).

De fato, Malala incorporou o significado do nome que lhe foi dado e foi tomada pela tristeza de ser impedida de frequentar a escola, juntamente com outras meninas do Afeganistão e do Paquistão. Reagindo ao conformismo, aos 12 anos de idade, enfrentou o grupo fundamentalista do Talibã, umas das milícias mais cruéis e violentas da região. O ato de bravura quase lhe custou a vida.

Admirada pela sua luta e honrada por diversas vezes com prêmios, dentre estes o Nobel da Paz em 2014, seu ativismo em prol da educação feminina, jamais será silenciado, pois sua “fala impressa” é registrada na obra intitulada *Eu sou Malala*, sempre trará à memória de outras gerações o significado de ter nascido mulher.

A relevância social da mulher, enquanto pessoa capaz de exercer a razão, permanece sendo um grande desafio, pois ainda são muitos os preconceitos gerados, a partir de discursos, que aprisionam a mulher nos espaços domésticos e na “maternagem”, o que a distancia ou põe em cheque sua habilidade para o exercício intelectual. A dúvida pode vir dos muitos discursos engendrados, a partir de obras que tramitam nos universos acadêmicos e escolares. Dessa forma, as mulheres carecem de serem abordadas com o devido cuidado, haja vista que muitas opiniões sobre a figura da mulher reproduzem uma imagem incompatível com o real, como se pode aferir nos escritos do filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860) e do literato maranhense Viriato Correa (1884 – 1967).

### **3.2 Identidades construídas com base em escritos filosóficos e literários**

#### **3.2.1 Na Filosofia**

O pensamento predominante ao longo do século XIX transformou a mulher em escrava do seu próprio corpo, pois sua anatomia era a bússola que conduzia os passos de sua vida rumo ao único objetivo: a maternidade. Dessa forma, o destino das mulheres já se encontrava de certa forma definido, impossibilitando a igualdade social e política entre os sexos, “e mais do que isso: essas diferenças anatômicas estariam na base de uma harmonia familiar e social” (NUNES, 2000, p. 60).

Segundo Nunes (2000), Augusto Comte (1798–1857), filósofo e reformador social, era defensor dessa tal ideia discriminatória e acreditava que a diferença entre os sexos seria uma justificativa para a hierarquia estabelecida entre homens e mulheres. Para Comte elas estariam em um estágio infantil, o que determinaria sua vida no âmbito doméstico e sua posição como companheira do homem.

A submissão feminina seria uma necessidade natural da mulher de sentir-se protegida pelo homem, discurso este legitimado pela própria medicina da época. A respeito desse aspecto,

O médico Briquet argumentava [...]: a mulher teria uma superioridade afetiva e o homem uma superioridade intelectual. Essa superioridade intelectual masculina faria com que ele pudesse ser o guia da mulher. A dependência que se instala entre os dois seria uma consequência direta das diferenças naturais entre os sexos (NUNES, 2000, p. 78).

Entre os filósofos citados neste estudo, destacamos Arthur Schopenhauer nascido em Danzig, na Prússia, e proveniente de família rica. Por direcionamento do pai dedicou-se ao comércio e, por conta do ofício, também teve oportunidade de viajar pelo continente europeu. Retornando aos estudos teve contato com obras de filósofos como Platão (427 - 347 a. C) e Kant (1724 – 1804), o que resultou na sua primeira publicação *O mundo como vontade e representação*, em 1819, com reconhecimento após sua morte. “Parerga” e “Paralipomena”, datada de 1851, é título de sua última obra, estando entre os seus escritos mais conhecidos do público (GRISSAULT, 2012).

Dentre as diversas produções do autor, o tratado intitulado “A arte de lidar com as Mulheres” chama a atenção pelas ideias concebidas sobre a figura do feminino. Mesmo tendo contato com as obras de Rousseau (1712 – 1778) e de Kant, filósofos do século XVIII, as ideias de Schopenhauer em relação às mulheres, segundo o Prof. Franco Volpi, são resultantes do contexto da época e das inúmeras decepções que o filósofo alemão teve no conturbado relacionamento com a mãe e nos seus casos amorosos.

A difícil relação com a figura materna provavelmente está na origem da exacerbada misoginia e da indefensável, quase caricatural imagem da mulher que, em sua obra, Schopenhauer pretendeu fundar em bases metafísicas. Os bastidores biográficos podem justificar muitas de suas convicções singulares a esse respeito (VOLPI, 2010, p. 15).

Ainda que as explicações na Introdução da obra, traduzidas por Franco Volpi, apresentem uma justificativa para os escritos de Schopenhauer, consideramos relevante conhecer o pensamento deste filósofo em seu pequeno tratado, quando vemos que, infelizmente, na atualidade, ainda são muitos os que comungam, mesmo que de forma velada, de algumas das ideias retratadas na obra “A Arte de lidar com as Mulheres”.

No que tange ao exercício das profissões ligadas ao ato de cuidar, Schopenhauer atribui este tipo de função às mulheres. Assim ele afirma “para as amas e educadoras em nossa primeira infância, as mulheres se mostram

particularmente adequadas, já que são infantis, tolas, e têm visão curta” (SCHOPENHAUER, 2010, p. 6).

Em outro trecho, o autor trata da questão da maturidade entre homens e mulheres, o que nos leva, também, a compreender o caráter infantil atribuído ao gênero feminino. Segundo ele, o fato da mulher adquirir a maturidade primeiro que o homem, aos dezoito anos de idade, faz com que ela permaneça no *status* infantil por toda a vida e com isso não consiga ultrapassar a linha superficial da realidade, ao contrário da maioria dos homens que, ao atingir mais tardiamente a maturidade, tornam-se mais aptos para perceberem a realidade das coisas de maneira mais profunda.

Quanto mais nobre e perfeita é uma coisa, tanto mais tarde e mais lentamente ela atinge a maturidade. O homem dificilmente alcança a maturidade da razão e de suas capacidades intelectuais antes do vinte e oito anos de idade; a mulher, aos dezoito. Trata-se também de uma lógica: uma lógica bem medida. Por isso, as mulheres permanecem crianças ao longo de toda a sua vida, sempre vêem apenas o que está próximo, prendem-se ao presente, tomam a aparência das coisas pelas coisas em si (SCHOPENHAUER, 2010, p. 8).

Para ele a curiosidade está para a mulher, assim como o conhecimento está para o homem, por isso afirma que:

O anseio por conhecimentos, se dirigido para as coisas gerais, chama-se ânsia de conhecimento; dirigido a coisas particulares, curiosidade. Na maioria das vezes, os meninos mostram ânsia do conhecimento; as meninas pura curiosidade; esta, porém num grau muito elevado e sempre com uma ingenuidade exasperadora (SCHOPENHAUER, 2010, p. 10).

Na obra em foco, no capítulo “As tarefas que estão de acordo com sua natureza”, o filósofo afirma que as mulheres encontram-se destinadas e restritas apenas à função biológica de procriar; e os assuntos com os quais ela deve se importar são os do âmbito doméstico, do cuidado com os filhos e com o marido. Concebida como sexo frágil, torna-se incapacitada para o desenvolvimento das atividades intelectuais e físicas.

A simples observação da figura feminina já mostra que a mulher não foi destinada a grandes trabalhos intelectuais e físicos. Ela carrega a culpa da vida não por meio da ação, mas do sofrimento, por meio das dores do parto, do cuidado com as crianças, da submissão ao homem, para quem ela deve ser companheira e alegre (SCHOPENHAUER, 2010, p. 13).

Conforme Nunes (2000), Schopenhauer, no início de seus estudos, teve contato com obras de outros filósofos, entre eles, Jean Jaques Rousseau, nascido no século XVIII. Tal contato levou-o a afirmar que a mulher não estaria em posição inferior ao homem, mas sim numa posição permitida pelas suas características biológicas e morais. Estas seriam perfeitamente condizentes com as funções maternais e com a vida doméstica, enquanto que os homens estariam mais aptos a desempenhar as atividades intelectuais e voltadas para a vida pública. Diante dessa realidade, o filósofo alemão compreende que a dedicação que as mulheres disponibilizam para as artes, música e poesia, não passa de artifício para conquistar os homens.

Kant é outro filósofo oitocentista, que deixa à mostra o que pensa sobre o feminino, revelando-nos uma identidade definida para a mulher, a partir do momento em que direciona “o caráter moral” feminino para o belo, e o do homem para o sublime. Tais pressupostos contribuem para limitar a mulher à esfera doméstica e restringi-la a uma educação elementar.

Sob essa percepção, para as mulheres não existe “historicidade nem cultura que possa entrosar-se com sua natureza biológica e proporcionar-lhe um horizonte de vida como projeto de liberdade. Para elas, o futuro era sempre destino e destino de espécie” (FERREIRA, 2010, p.184).

Para Zinani (2013) tal pensamento implica dizer que, tanto na vida real quanto nos escritos literários, os papéis sociais e a condição geral das mulheres não de ser sempre construídos a partir de um conjunto de pressupostos, de valores e de uma moralidade ética determinada, previamente, por uma perspectiva de dominação patriarcal. Resultado este, que em condições reais, tem limitado a ação social autônoma das mulheres, criando mitos justificadores, enraizando ideologias dominantes e reservando à mulher espaço coadjuvante, secundário, menor e sem grandes destaques no desenvolvimento social.

Obras literárias como “Cazuza”, do autor maranhense Viriato Corrêa, uma das eleitas para este estudo, exemplificam o papel coadjuvante da figura feminina, ao nos revelar o lugar definido que cada personagem ocupa dentro da narrativa, conforme veremos a seguir.

### 3.2.2 Em uma obra literária

A obra “Cazuza” foi escrita, em 1938, pelo autor maranhense Manuel Viriato Correia Baima do Lago Filho (1884–1967), tornando-se uma das mais populares obras de ficção nacional voltada para o público infanto-juvenil. Seu sucesso foi tamanho que romancistas consagrados cuja produção tinha cunho político, visando à transformação da realidade social, acabaram por optar “redigir textos para crianças, como forma de ampliar seu público, é o caso dos autores Érico Veríssimo e Graciliano Ramos” (ZILBERMAN, 2005, p. 38).

Segundo Zilberman (2005), “Cazuza” chama a atenção por ir ao encontro das experiências vividas pela maioria das crianças que vive a realidade dos centros urbanos, tendo em vista retratar as distintas etapas do processo escolar pelas quais passa o personagem principal, o menino Cazuza.

A trama é apresentada como se contivesse as memórias da vida escolar de quem escreve. Segundo Ferro (2010), Viriato Correia não se confunde com o personagem principal do romance. Ele afirma que o texto lhe foi entregue por um desconhecido, como um artifício comum dos escritores, desde o século XIX, destinado a criar um efeito de verdade. No entanto, por uma série de elementos, encontram-se coincidências entre a biografia de Viriato e a trajetória do personagem, o que contribui para tomarmos o texto como autobiográfico.

A obra apresenta três espaços narrativos: o primeiro trata de Pirapemas<sup>7</sup>, vila de gente pobre e humilde, onde todos conviviam como se pertencessem a uma única família; o segundo, retrata a Vila de Coroatá<sup>8</sup>, no Maranhão, localidade na qual acompanhado de seus pais, o personagem Cazuza passou a residir. E por fim, o terceiro e último espaço é retratado em São Luís, capital do Estado, onde o menino deu continuidade a suas experiências escolares.

No texto de Viriato, o conhecimento associado ao espaço escolar aparece como forte atributo ligado à figura masculina, de modo que percebemos na fala do menino Cazuza o interesse pelos estudos, por conta da sua motivação maior em

---

<sup>7</sup>Pirapemas foi elevada à categoria de município do Estado do Maranhão, em 1952, e se localiza na margem direita do Rio Itapecuru (CARDOSO, 2001).

<sup>8</sup> Coroatá tornou-se município pela Lei Estadual nº 924 de abril de 1920, e situa-se na margem esquerda do Rio Itapecuru, ao norte de Pirapemas (CARDOSO, 2001)

usar uma vestimenta associada à figura masculina, no caso, as calças, conforme fragmento a seguir:

Dois motivos é que me deram vontade de estudar. O primeiro deles – as calças. Desde que me entendi, tive a preocupação de ser homem e nunca me pude ajeitar nos vestidinhos rendados de menina. Sempre olhei com inveja os garotos mais taludos do que eu, não porque eles fossem maiores e gozassem regalias que os garotinhos não gozam, mas porque usavam calças (CORRÊA, 1990, p. 13).

Outro ponto a ser destacado consiste na demonstração de repulsa ao feminino por meio das vestimentas que lembram o gênero. “Os vestidinhos” carregam a simbologia do sentimento de pouco poder (conhecimento), fato este que se encontra reforçado na mente da criança, pela figura materna, conforme é expressa na seguinte frase: “Minha mãe prometia frequentemente: -- Quando você entrar para a escola deixará dos vestidinhos. E, por amor às calças, comecei a mostra amor aos livros” (CORREIA, 1990, p. 13).

Mesmo com pouca idade, Cazuza nutria o forte desejo em ser homem, e a figura do pai representava muito bem o retrato desta inspiração. Ei-la:

Minha mãe caprichava em satisfazer a todos os meus desejos de criança. Além das calcinhas de meninos, ela me fizera uma camisa igualzinha às camisas do meu pai, com punhos, abertura de colarinho. Havia ainda sapatos novos, e um gorro azul com borla de seda e uma blusa à marinheira (CORREIA, 1990, p. 28).

Segundo Oliveira (1993), nas várias semânticas que transitam os diversos rituais que marcam o limiar da idade adulta, o preço para adentrar o mundo dos homens consiste na não aceitação do mundo feminino – no qual reside a lembrança do prazer infantil, bem como do ato de pertencer de forma indiferenciada ao mundo do ser mãe. Nesse contexto, “constituir-se em homem significa aceitar essa separação pelo esquecimento e pela renúncia, partilhando o destino dos seus ancestrais que, a esse preço, construíram as regras e normas sociais” (OLIVEIRA, 1993, p.36-37).

Observamos, portanto, que a figura masculina é retratada na obra sempre de maneira superior. Personagens como o pai e o professor do menino nos remetem a essa ideia de superioridade, exemplificada em certas expressões: pai que tinha cabeças de gado; uma pequena “fortuna” e quando necessário, exercia as funções de autoridade policial, conselheiro, juiz e médico no pacato vilarejo onde viviam; o

professor João Ricardo, visto em sala de aula como “criatura incrível, de cara amarrada, intratável e feroz” (CORREIA, 1990, p.29).

Ferro (2010), ao analisar as relações existentes entre o pai e o professor, percebeu que o pai era proprietário de “fortuna” e detinha certa dominação, enquanto o professor ostenta a dominação, por conta da posse do saber que lhe empresta um valor social, além de ser um personagem capaz de justificar seu autoritarismo em sala de aula.

Em contrapartida, os personagens femininos, na maioria das vezes, encontram-se associados apenas ao aspecto maternal. Percebemos, então, a mãe de Cazuzza ligada de forma intensa à maternidade, conforme observamos no pequeno trecho da narrativa, em que a fala do personagem principal se referia ao comportamento dos pais com as crianças do vilarejo onde moravam. “Meus pais eram padrinhos de quase toda a meninada dos arredores, e o maior prazer da minha mãe era criar outras crianças da localidade quando órfãs de mãe” (CORREIA, 1990, p.17).

Outros personagens, também, reforçam a função dada como primordial e quase única da mulher dentro da obra. É o caso da diretora que recepcionou Cazuzza no seu primeiro contato com a escola na Vila Coroatá:

A diretora recebeu-me com o carinho com que se recebe um filho. Os meninos e as meninas, que me viram chegar, olharam-me risonhamente, como se já tivessem brincado comigo.

Dona Joca tinha vindo da capital, onde aprendera a ensinar crianças. Era uma senhora de trinta e cinco anos, cheia de corpo, simpática, dessas simpatias que nos invadem o coração sem pedir licença.

Havia nas suas maneiras suaves um quê de tanta ternura que nós, às vezes, a julgávamos nossa mãe (CORREIA, 1990, p. 75- 76).

Dentre as crianças, companheiras de brincadeiras, citadas ao longo da narrativa, destacamos Carolina, que apesar da pouca idade era vista pelas outras crianças como mãe:

A Carolina chefiava a turma tinha um ar de mãe da gente: na voz, nas maneiras, nas expressões, sentia-se que havia nascido para cuidar de criancinhas. Até para ralar parecia uma senhora. Quando qualquer um de nós se excedia em traquinadas, ela com maneiras de avozinha, dizia: - Que é isso, Fulano? (CORREIA, 1990, p. 100).

O ato de cuidar é invocado a todo instante e materializado nas personagens femininas de Viriato Correia, que constantemente encontram-se desempenhando a função de mãe. Com base neste contexto, Morgado (2004) afirma que, apesar das diferentes concepções de famílias, prevalece até os dias atuais o modelo nuclear burguês, cuja família tem como uma das suas principais características a naturalização da divisão sexual de trabalho. Esta traz consigo a rígida divisão de papéis, nos quais o homem sempre exerce a função de provedor, enquanto a mulher exerce a função de cuidadora. Assim, esta função passa a ser justificada pelo amor, incorporado a certo “instinto”, como se percebe neste fragmento:

O amor materno foi por tanto tempo concebido em termos de instinto que acreditamos facilmente que tal comportamento seja parte da natureza da mulher, seja qual for o tempo ou o meio que a cercam. Aos nossos olhos, toda mulher, ao se tornar mãe, encontra em si mesma todas as respostas à sua nova condição (BANDITER, 1985, p. 20).

Pelo fato de estar presa ao “instinto maternal”, ocupar outros espaços e desenvolver outras habilidades é sinônimo de intromissão em um mundo que não pertence ao sexo feminino. A disseminação desta forma de pensar infelizmente encontra-se legitimada ao longo do tempo, através dos discursos de grandes literatos e filósofos.

Muitos podem pensar que a incursão aqui realizada – tendo como base trechos das obras de pensadores como Schopenhauer e do intelectual Viriato Correia – não necessita de maiores reflexões, devido ao contexto histórico em que foram produzidas, assim como ao momento pessoal em que cada um deles lançou mão da escrita para expressar o que pensavam sobre as mulheres, conforme tenta justificar o organizador Volpi na introdução da obra “A Arte de lidar com as Mulheres”, do filósofo alemão Schopenhauer.

Entretanto, são registros que consideramos relevantes, a fim de percebermos as consequências que, escritos como estes, lidos sem os devidos cuidados, possam trazer reflexos, de certa forma, negativos, para os meios acadêmicos e escolares. Nessa perspectiva, citamos as mulheres filósofas, que não são contempladas nos livros didáticos, e nem mesmo na própria literatura.

Nesse contexto, percebemos a importância das discussões dos estudos feministas que tendem a fortalecer outras imagens da mulher, ao invés da imagem que sempre teve ao longo da História. Estas imagens, muitas vezes, encontram-se escondidas atrás de diversos escritos literários e filosóficos, produzidos sob influência de uma visão androcêntrica, gozando de ampla circulação e legitimação em nosso meio exercendo “o poder de construir discursos, disciplinar corpos e mentes”

Em relação a esse aspecto, Xavier (1991) afirma que a imagem da mulher ligada à família, aos afazeres do lar, é uma herança engendrada a partir dos valores patriarcais, o que acaba por interferir na imagem feminina, na medida em que ela é concebida no interior da hierarquia familiar como a pessoa de menos importância e com uma identidade limitada.

Subverter tal situação implicou durante muito tempo lutar com armas que tinham como pano de fundo a própria visão masculina. Gonçalves (2006) considera que a reflexão sobre o papel subalterno da mulher na história alçou o protagonismo com a conquista dos direitos civis. Daí elas puderam tomar consciência da forma como os direitos legais estavam distantes de se inserirem nas práticas sociais, levando-as a perceber que mesmo a sua entrada no mercado profissional não se configurou como uma conquista de fato e de direito. Constatação esta que serviu apenas para ratificar o abismo existente entre as práticas sociais e os direitos, uma vez que, com a dupla jornada de trabalho, foi posto em evidência um mercado cujas regras davam continuidade à reprodução das desigualdades.

Nesse processo de reflexão e na tentativa de subverter o papel feminino que se configurou na História, é válido destacar o relevante papel das feministas ao se fazerem presentes através dos movimentos sociais e da crítica teórica.

Ressaltamos, também, a atividade literária que, usada como mecanismo de empoderamento feminino, possibilitou a luta por espaços, ampliação de direitos, bem como a quebra de crenças e valores construídos, dando lugar à concepção de que o masculino e o feminino consistem em construções discursivas dentro da cultura. Logo, ao buscar o seu lugar no mundo das palavras, a mulher se reinventa e transgredir o discurso misógino que a representa e a descreve.

Desse modo, as ondas do feminismo trazem uma trajetória de luta com nomes de mulheres que fizeram dos seus textos vozes reivindicadoras de direitos.

### 3.2.3 Nos movimentos feministas

Segundo Duarte (2003), durante o início do século XIX, as mulheres brasileiras, em sua maioria, ainda se encontravam submersas em antigos preconceitos e pobreza cultural. A luta no momento não poderia ser outra: o acesso ao direito de aprender a ler e escrever, direito este concedido apenas aos homens. Mas a bandeira em defesa desta causa partiu das poucas mulheres que tiveram acesso a uma educação distante daquela de costume, que tomaram, para si, a missão de propagar o conhecimento para as demais. Assim, criaram escolas, escreveram livros, enfrentaram as vozes que ecoavam no sentido de convencer a mulher da pouca importância da necessidade de aprender a ler e escrever.

Dionísia Gonçalves Pinto (1810-1885), norte-rio-grandense cujo pseudônimo era Nísia Floresta Brasileira Augusta, fundou, em 1838, um colégio para meninas no Rio de Janeiro - O Colégio Augusto, onde inovou o ensino com a introdução das disciplinas Geografia, História do Brasil e Educação Física, além de dar ênfase ao ensino de quatro idiomas, em detrimento às prendas do lar.

Muzart (1999) destaca Nísia como uma das primeiras mulheres no Brasil que ultrapassou os limites do privado, publicando contos, poesias, novelas e ensaios em jornais da grande imprensa, como “O Diário do Rio de Janeiro”, “O Liberal” e “O Brasil Ilustrado”. Sua atuação na imprensa nacional inicia-se em 1830, na cidade de Recife (PE) em “O Espelho das Brasileiras”, jornal onde sempre comentava temas polêmicos da época nos quais revelava, segundo o autor, traços de modernidade.

A preocupação com o tema da educação feminina se encontra na obra “Direitos das mulheres e injustiça dos homens” (1832) que defende o direito das mulheres a terem acesso ao estudo. Nela a feminista denuncia as barreiras impostas que impediam as mulheres de alcançar os bancos escolares e de sair do *status* de dependência do sexo masculino. Outras obras apresentam o mesmo teor como “Conselhos a minha filha” (1842); “Opúsculo humanitário” (1853), com sessenta e dois artigos sobre a educação, e “A mulher” (1859).

Muzart (1999) revela ainda que as novelas *Fany ou A jovem completa* e *Daciz ou O modelo das donzelas*, todas publicadas em 1847, registram conselhos sobre comportamentos femininos, além de uma narrativa minuciosa referente à condição da mulher em diversas civilizações e épocas. Apesar de tamanha atuação,

poucos têm conhecimento de sua trajetória e, na Literatura Brasileira, beira o invisível como escritora romântica. Felizmente, trabalhos de resgate e de recuperação de escritoras e obras do passado já estão sendo realizados, alimentando a esperança de que, nomes como o de Nísia e tantos outros passem a ser reconhecidos e valorizados.

Pouco tempo depois, em Porto Alegre, eis que outro nome surge: Ana Eurídice Eufrosina de Barandas (1806 -?), cuja obra “O ramalhete ou flores escolhidas no jardim da imaginação” (1845), apresenta em seus contos, poemas, crônicas e versos, temáticas referentes ao empoderamento feminino através do direito ao exercício de cargos de liderança e a liberdade de opinião.

Além das publicações de obras, os jornais foram instrumentos utilizados pelas feministas para lutarem a favor das causas feministas como a educação. Assim, em meados do século XIX, começaram a aparecer os primeiros jornais com liderança feminina, o que, para os críticos da época, não passava de uma imprensa de segunda categoria, sem consistência e supérflua, considerando o público a quem eram direcionados: as mulheres. Apesar das críticas, o jornal pôde contribuir no avanço em direção à construção da identidade feminina. É o que afirma Duarte (2003) ao falar do *Jornal das Senhoras*, fundado em 1852.

O público leitor do Rio de Janeiro surpreendeu-se com o lançamento deste jornal no qual Joana Paula Manso Noronha, uma argentina radicada no Rio de Janeiro, expusera pela primeira vez no editorial o firme propósito de encorajar as mulheres para que buscassem “um melhoramento social” e um empoderamento moral. Ela acreditava que a mulher era dotada de inteligência e queria convencer as mulheres de que Deus colocou homem e mulher na terra em condições iguais.

O direito ao voto veio representado na figura da jornalista Josefina Álvares de Azevedo (1851-?), nascida no Recife (PE), fundadora do jornal “A família” (1888), instrumento que serviu para a propagação da importância da mulher de intervir nas eleições, votando e sendo votada, assim como os homens. O direito de voto deu título a diversos artigos escritos por ela na luta por mais esta conquista. Segundo Duarte (2003), estando Josefina na liderança do jornal realizou um intenso trabalho de militância feminista, denunciando a opressão e protestando pela insensibilidade do homem ao não reconhecer o direito da mulher ao ensino superior, ao divórcio, ao trabalho remunerado e ao voto. Bertha Lutz (1894-1976) também

atuou em defesa da emancipação intelectual feminina e do direito ao voto, tendo fundado a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que durou cinquenta anos.

Para finalizar estes destaques sobre escrita de mulheres brasileiras, citamos também, Maria Lacerda de Moura (1887–1945), que iniciou sua carreira com a publicação “Em torno da Educação (1918)”, obra em que defende a instrução como fator primordial para a transformação de vida da mulher.

Estes são alguns exemplos de mulheres que fizeram da pena um instrumento na luta pelos direitos femininos, ensinando a cada uma de nós que a transformação pode partir do papel para a realidade, ao considerarmos que os escritos nunca são portadores de neutralidade, mas sempre têm algo a nos dizer e, conseqüentemente, influenciar falsas opiniões arraigadas.

Deste modo, quando invisibilizamos os escritos destas feministas, que tanto deram ênfase ao processo de empoderamento pelo acesso à instrução, dificultamos a chegada das mulheres ao mesmo patamar masculino, pois existe ainda quem acredite que a mulher ao se voltar para atividades intelectuais o máximo que pode alcançar é ser uma boa leitora.

Tal realidade tem sido desconstruída por uma parte de mulheres que insistem com seus escritos em apresentarem identidades diferentes das já legitimadas pelos cânones literários e, em sua luta, denunciam o pouco reconhecimento que se tem dado a suas produções.

### **3.3 O texto feminino e sua visibilidade**

O jornalista Bolívar Torres, apresentou no *site* do Jornal O Globo, datado de novembro de 2014, a escritora e designer Ana Luísa Escorel, de 70 anos, como a vencedora do Prêmio São Paulo de Literatura, em cerimônia realizada no Museu da Língua Portuguesa. A escritora concorreu com o romance “Anel de Vidro (Ouro sobre Azul)” na categoria livro (TORRES, 2014).

Tal acontecimento marca a presença feminina, pela primeira vez, em uma das mais importantes premiações literárias do Brasil, o que traz também à luz, reflexões sobre a participação feminina da mulher idosa no campo da literatura. Segundo o jornal, a premiação criada desde o ano de 2008, contava, até então,

apenas com a presença masculina na categoria de maior destaque, tendo, pela primeira vez, premiado uma mulher em sua categoria principal.

Ainda nesta edição de *O Globo*, Marina Colasanti situa-se entre as literatas premiadas durante o ano de 2014. Ela, que é jornalista e escritora, recentemente foi honrada com o 56º Prêmio Jabuti, realizado no dia 18 de novembro, no Auditório do Ibirapuera, em São Paulo, com a obra infantil intitulada “Breve história de um pequeno amor” (TORRES, 2014).

Durante os 20 anos dedicados ao trabalho com questões femininas, Marina Colasanti considera que tais premiações soam como um avanço, tendo em vista que, em outras épocas, o reconhecimento à mulher neste espaço era quase impensável.

De certa forma, esses eventos refletem os valores que há tempos têm norteado as academias de letras, meios de comunicação, editoras, dentre outros espaços que corroboram para divulgarem e definirem os valores que, de alguma forma, as orientam e, por conseguinte, atuam na divulgação das produções literárias que, trazem consigo os valores que representariam estas instituições (BOURDIEU, 1996). Com isso, os valores acatados pelos grupos dominantes, ao serem incorporados à literatura publicada, engendram no meio social o mérito para autoria de obras masculinas.

Assim, estes registros legitimados passam a fazer parte dos cânones literários, dos acervos em bibliotecas, sendo referendados e divulgados em trabalhos de cunho científico, além de outros meios de comunicação. Tornam-se com isso parte, ou grande parte, da feitura da história, a qual nos é apresentada quotidianamente, nas escolas e nos meios acadêmicos.

A escritora Colasanti aponta, dentre outros fatores que têm justificado uma maior participação feminina no campo literário, o aumento do acesso aos cursos de pós-graduação e as ações do movimento feminista. Segundo a autora são os itens que mais contribuem para solidificar a presença da mulher no âmbito literário.

O mercado de leitores, também, se encontra entre os fatores citados pela escritora, haja vista que, segundo ela, o público feminino é o que mais se dedica ao hábito da leitura em detrimento da escrita. Com esta afirmativa, a escritora Marina Colasanti, nos mostra o quanto as mulheres não avançaram, pois ainda continuam

se mantendo na mesma posição que ocupavam em séculos passados: muita leitura e pouca escrita.

A escritora afirma que, muito embora conquistas como o reconhecimento de obras produzidas por mulheres venham acontecendo, precisamos dar mais visibilidade à mulher, através dos escritos, pois o silenciamento desses registros continuam causando danos à nossa visibilidade, em diversos setores da sociedade. Não falamos de nós, “apenas falam de nós e por nós”. Estamos presentes, mas não somos vistas.

A Coleção *Antiprincesas*, lançada pela editora argentina Sudestada y Chirimbote, tem se dedicado ao testemunho de experiências de personagens femininas que fizeram história na América Latina. Seus três primeiros volumes enfocam as trajetórias da cantora chilena Violeta Parra, da pintora mexicana Frida Kahlo e da militar espanhola Juana Azurduy.

Em entrevista ao periódico eletrônico *Diário La Capital de Mar del Plata* (2014), Nadia Fink, jornalista e escritora, ressalta que aquelas personagens foram escolhidas por não serem trabalhadas em sala de aula, talvez, segundo ela, por apresentarem conflitos com a sociedade machista, haja vista que cada uma em sua história de vida apresenta outras maneiras de experimentar a vida, sobretudo no que se refere a assuntos como a maternidade, a relação com o corpo e a sexualidade. E isso, de certa forma, vai de encontro às personagens europeias, princesas, que não lembram as mulheres latino-americanas, o que justifica também o nome da obra: *Antiprincesas*.

Na verdade, busca-se com tal produção romper com estruturas cristalizadas e impostas pela sociedade, na medida em que meninos e meninas se deparam com outras personagens da vida real, diferentes das que lhe impuseram.

Outra preocupação de Fink é evidenciar em seus futuros trabalhos mulheres que atuam nas letras e artes como Alfonsina Storni y Alejandra Pizarnik, poetas; Lola Mora, escultora; e, também, outras mulheres que lutaram pela liberdade do seu povo, como Micaela Bastidas Puyucahua - heroína indígena e mártir na independência do Peru.

A partir dessa iniciativa, podemos ver as mulheres enquanto protagonistas de seus escritos, ao mesmo tempo em que apresentam seu legado para a formação das futuras gerações, as quais não de crescer compreendendo que

de fato somos e devemos ser iguais em oportunidades. Quer seja nas artes, na filosofia ou em qualquer outra atividade, busquemos usufruir de identidades múltiplas que nos façam presentes nos espaços sociais com a representação da mulher, pois,

As representações se constituem em categorias importantes na medida em que, por seu intermédio, vislumbra-se a natureza das formações discursivas em que foram concebidas as relações de poder, os elementos da dominação e da resistência. Ao se representar está-se, concomitantemente, estabelecendo identidades e relações. Essa dimensão da representação torna-se mais evidente, quando se lida com a produção literária e com o seu poder de influenciar as crenças, os valores as identidades e a memória social. Ao representar a figura feminina constrói-se, projeta-se e estabiliza-se a identidade social em processos definidos histórico e culturalmente (TEIXEIRA, 2008, p. 28).

Em entrevista concedida à Revista “Filosofia Ciência e Vida”, a filósofa Magali Menezes fala da invisibilidade das mulheres que, mesmo sendo referenciadas nos textos de filósofos como Platão, Aristóteles, Kant, entre outros, não ganharam a devida credibilidade por seus feitos: a Filosofia, considerada ciência do saber, está voltada apenas para o sexo masculino. Logo, a falta de registros que fossem de autoria feminina, leva-nos ao desconhecimento de seus feitos. Ao adentrarmos nos espaços acadêmicos do campo da Filosofia, lembra Menezes (2008, p.8) que: “me inquietava o fato de nem sequer ouvir meus professores, em sua maioria homens, citarem alguma filósofa. Fui percebendo, aos poucos, que este universo era tipicamente masculino”.

A estudiosa registra que o motivo para a ausência feminina não se encontra na falta de participação das mulheres filósofas na construção de um saber, mas na falta de registros que tragam à nossa memória seus feitos. Assim, ela cita o trabalho *A History of Women Philosophers datado de 1987* realizado por Mary Ellen Waithe que, *a priori* tinha por objetivo abordar em artigo as histórias das mulheres filósofas, mas o trabalho lhe rendeu uma coleção de quatro volumes.

Isto demonstra que temos muito ainda a revelar e que esse exercício não surgiu apenas como uma preocupação de resgatar o passado, mas de relacionar-se com ele de uma forma nova. Olhar para esta história, buscando compreender as formas como ela construiu identidades, mostra que o sujeito produtor e reproduzidor do conhecimento não é neutro, muito menos ingênuo (MENEZES, 2008, p.14).

Para tanto, precisamos ter consciência do nosso papel na construção da História, pois aquilo que lemos, advém de uma visão masculina. Não conseguimos nos reconhecer nos momentos mais relevantes dessa construção, pois os livros, em geral, não costumam ressaltar nossa atuação. Portanto, é preciso que estejamos inclusas na busca do conhecimento para que a escrita, também, possa se tornar um instrumento no qual ecoe a voz do sujeito mulher em todas as fases de sua vida.

Com esta discussão ressaltamos a necessidade de haver um incentivo da prática da escrita para as mulheres, em especial para as idosas, levando sempre em consideração o caráter dialógico, que a língua possui. Só assim as mulheres idosas saberão da importância de seus escritos, haja vista que todas possuem requisitos suficientes para produzir sua interação com o mundo.

Evidenciar e incentivar a produção de mulheres que não têm destaque nos meios literários é também reconhecer que a chamada “terceira idade” representa um acúmulo de inúmeras experiências que merecem ser registradas, além de demonstrar que, enquanto mulheres que somos, podemos e devemos ser autoras e escritoras de nossas vidas, durante a nossa existência. Felizmente a escrita nos dá o poder de nos tornarmos presentes na memória dos outros e de nós mesmas.

O ato de escrever nos torna visíveis. Desde a metade do século XIX, através da imprensa feminina, principal veículo de propagação das ideias iluministas, os escritos de Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), considerada a primeira feminista brasileira, contribuíram para o desabrochar da criticidade, no que se refere à condição feminina no Brasil.

Ressalta-se, assim, a importância de seus escritos que a caracterizavam como feminista no Brasil, à época. Em meio a muitas mulheres não escolarizadas, buscou desconstruir o retrato feminino da mulher como musa inspiradora para muitos homens, o que a torna aprisionada por uma identidade que a destitui dos seus direitos. Duarte (2005, p.17) elogia o modo como Nísia defende a causa da mulher, discorrendo que

O primeiro livro que Nísia Floresta publicou em 1832 é, também, o primeiro que se tem notícia no Brasil, que trata dos direitos das mulheres à instrução e ao trabalho, e exige que elas sejam consideradas como seres inteligentes e merecedoras de todo respeito pela sociedade [...]. Com o sugestivo título *Direito das Mulheres e injustiça dos homens*, surgiu quando a autora tinha

apenas vinte e oito anos e a grande maioria das mulheres brasileiras vivia enclausurada em preconceitos, sem qualquer direito que não fosse o de ceder e aquiescer sempre a vontade masculina [...]

De acordo com Perrot (1988), a escrita para a mulher, além de uma conquista, é também símbolo de resistência que tem o poder de inseri-la no espaço público. Os escritos de Virgínia Woolf, na primeira metade do século XX, são um dos exemplos do poder alcançado através da escrita pela militância feminista. Na coleção de ensaios intitulada “Um teto todo seu”, publicada em 1929, Woolf tece uma crítica à ausência das mulheres na produção literária, assim como sua exclusão do meio acadêmico (GONÇALVES, 2006).

Apesar das resistências, a produção escrita das mulheres desperta, nos dias de hoje, a atenção de estudiosas (os), que procuram por meio da escrita silenciada, descobrir um pouco da história do mundo que ficou relegada aos sabores do tempo. Logo, a nova maneira de se fazer a historiografia passou então a se aproximar da vida das mulheres, através das fontes disponíveis.

Multiplicaram-se as interpretações e os temas abordados dos quais são exemplo as pressões culturais, modos de vida, relações pessoais, redes familiares, étnicas e de amizade entre mulheres e entre mulheres e homens, seus vínculos afetivos, ritos e sistemas simbólicos. [...] (GONÇALVES, 2006, p. 88).

Assim, romances, contos, poesias e poemas registram o que se vivencia e o que brota do imaginário. A relação da mulher com a escrita, tão pujante nos registros de Maria Firmina dos Reis (1825-1917), Cora Coralina (1889–1985) e Adélia Prado, entre muitos outros nomes, materializa na palavra a visão que sai de si para o outro, e não o inverso, e a fase mais madura da vida destas mulheres só veio acalorar o talento que brotou e brota de suas experiências.

De acordo com Brandão (2000), Maria Firmina dos Reis, afrodescendente, autora de “Úrsula”, primeiro romance abolicionista escrito no Brasil, também considerada como a primeira romancista brasileira, através de uma visão para além de seu tempo, demonstrou sensibilidade com a causa do povo negro ao denunciar a violência e a ilegitimidade da escravidão. Sem acesso à escola, estudou sozinha, chegando a exercer a carreira de professora. Os que a conheceram a firmam que mesmo aos 85 anos de idade, ainda “escrevia durante horas” (TELLES, 2010, p. 412).

Na contemporaneidade, a voz de Adélia Prado, escritora mineira e professora primária, revela, através de seus contos e poesias, a fé e a simplicidade do cotidiano: “Adélia escreve quando a beleza das ou nas coisas pede expressão clamando pelo verbo” (FARIA, 2003, p.19). Tudo é matéria-prima para a poesia “a poesia não é assunto, não é enredo, não é tema. Poesia é forma que se utiliza de tudo. Não há temas mais poéticos. O real é o grande tema. E nós temos o real no cotidiano. Qualquer coisa é a casa da poesia [...]” (PRADO, 2010, p. 3).

No tocante a Cora Coralina (1889–1985) poeta nascida em Goiás, embora escrevesse desde a mocidade teve sua primeira obra, “Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais”, publicada aos 76 anos. Nesta obra, o poema “Todas as vidas” nos coloca diante das diversas identidades que “transitam o interior” da autora e que se refletem na vida de milhares de mulheres deste país. Ei-lo:

Vive dentro de mim  
 uma cabocla velha  
 de mau olhado,  
 acororada ao pé do borralho,  
 olhando pra o fogo.  
 Benze quebranto.  
 Bota feitiço...  
 Ogum. Orixá.  
 Macumba, terreiro.  
 Ogã, pai-de-santo...

Vive dentro de mim  
 a lavadeira do Rio Vermelho,  
 Seu cheiro gostoso  
 d'água e sabão.  
 Rodilha de pano.  
 Trouxa de roupa,  
 pedra de anil.  
 Sua coroa verde de são-caetano.

Vive dentro de mim  
 a mulher cozinheira  
 Pimenta e cebola.  
 Quitute bem feito.  
 Panela de barro.  
 Taipa de lenha.  
 Cozinha antiga  
 toda pretinha.  
 Bem cacheada de picumã.  
 Pedra pontuda.  
 Cumbuco de coco.  
 Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim  
 a mulher do povo.  
 Bem proletária.  
 Bem linguaruda,

desabusada, sem preconceitos,  
de casca-grossa,  
de chinelinha,  
e filharada.

Vive dentro de mim  
a mulher roceira.  
- Enxerto da terra,  
meio casmurra.  
Trabalhadeira.  
Madrugadeira.  
Analfabeta.  
De pé no chão.  
Bem parideira.  
Bem criadeira.  
Seus doze filhos.  
Seus vinte netos.

Vive dentro de mim  
a mulher da vida.  
Minha irmãzinha...  
tão desprezada,  
tão murmurada...  
Fingindo alegre seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim:  
Na minha vida –  
a vida mera das obscuras.  
(CORALINA, 2003, p.32 -33).

Os versos de Cora, publicados em 1965, já traziam consigo a existência das múltiplas identidades, e a definição daquelas identidades já caminhava alheia àquela alicerçada na visão biológica que tanto engessou o gênero feminino. Como bem se exprime Hall (2006): “a identidade é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos” (p.13). Desse modo,

A UNITI é um espaço socioeducativo para a educação continuada do idoso. [...] A dinâmica desse laboratório educacional tem como orientação de ensino para a terceira idade o suporte teórico-prático na pedagogia interativa que subsidia, através de seus pressupostos, a capacidade dos sujeitos idosos e suas necessidades específicas e por uma filosofia que privilegia a autodescoberta e a autovalorização (FEITOSA, 2011, p.80).

Nesse contexto, a prática da escrita é um legado que eterniza o orgulho de, também, contribuir para a edificação do ser mulher, enquanto sujeito de escolhas e múltiplas identidades, identidades estas que vão sendo descobertas e refeitas a cada dia de muitas mulheres que se permitam viver novas experiências em espaços como as Universidades da Terceira Idade.

## **4 A MULHER IDOSA E A ESCRITA NA CONTEMPORANEIDADE: o espaço UNITI**

Devem ser oportunizadas várias alternativas para que participem na produção de bens culturais, demonstrem prazer em realizar aquelas atividades e em descobrir em si mesmo o novo talento e habilidades. Além do que a participação do idoso transmitindo informações e experiências, apresenta-se como um aspecto que deve ser preservado (OLIVEIRA, Rita).

### **4.1 A UNITI**

Quando falamos em envelhecimento não estamos tratando de nenhuma novidade. Ao contrário, segundo Beauvoir (1990), desde os tempos da Antiguidade tem-se investigado sobre o assunto. Pautados nos conhecimentos da medicina, a humanidade busca conhecer como se desenvolvem as raízes desse processo que, até o século XX, não era concebido como algo positivo, mas visto como uma enfermidade. Inclusive, em países como a França, o assunto está em pauta há muitos séculos, sendo que as mulheres francesas, através dos seus escritos, já demonstravam atenção à temática.

Clarice Peixoto (1988) cita o caso de marquesa Anne de Lambert que no ano de 1748 já escrevia sobre o assunto em sua obra “Tratado da velhice”, um guia voltado para as mulheres idosas, onde a marquesa chama a atenção para elementos como a paz e a piedade, elementos relevantes para a vivência de uma velhice mais sossegada em família.

Já em 1822, o livro “Quatro cartas sobre a velhice das mulheres”, de autoria da baronesa Maussion, também atenta para a questão da velhice, destacando a relação social dos idosos com outras gerações como elemento fundamental para o envelhecimento saudável. Esta relação com outras gerações da qual fala a baronesa Maussion, em seus registros durante o século XIX, período em que o tema ganhou maior relevância no contexto francês, atualmente, nos remete ao termo intergeracionalidade.

O professor pesquisador e especialista em relações intergeracionais da Universidade de Granada na Espanha, Mariano Martinez, em entrevista concedida ao jornalista Gabriel Vituri e publicada na Revista Cadernos SESC Cidadania, em 2013, registra que a intergeracionalidade não se trata apenas de um simples contato

entre gerações, ou relações sociais nas quais se cultiva um diálogo, interação, troca de experiências. Para ele, representa tipos de relações, pois o que conta, de fato, é o estabelecimento de ações nas quais as pessoas se encontram plenamente envolvidas, a ponto de atentarem para si mesmas, compreendendo-se e desenvolvendo a capacidade de aprendizado a todo instante no mundo no qual elas estão “conectadas”.

Isso implica, segundo o estudioso, assumir uma identidade não no aspecto individual, mas sempre de cunho coletivo. E esta experiência coletiva de autoconhecimento não perpassa por questões políticas e governamentais, mas advém de cada cidadão, tratando-se, na verdade, de um compromisso civil.

Mariano Martinez afirma ainda que “o Estado não tem como promover relações entre pessoas”, mas pode contribuir com recursos e ações que visem direcionar as pessoas a adotarem uma postura diferenciada frente a esta experiência coletiva e de autoconhecimento na qual todos (as) nós saímos ganhando e somos convidados a nos engajar.

As mulheres idosas, em especial, têm assumido este compromisso constantemente, seja dentro do ambiente familiar ou fora dele. Muitas delas aceitam o papel de cuidar dos netos e de membros da família quando adoecem. Outras, depois de aposentadas continuam a exercer papéis profissionais como docentes, escritoras, costureiras, presidentes e tantas outras atividades que ultrapassam as paredes do lar.

A UNITI, desde sua fundação em 1995, tem se mostrado favorável, não apenas para aproximar gerações, ou simplesmente promover atividades que potencializem o resgate do diálogo entre as diferentes gerações, mas em criar um espaço onde elas aprendem entre si o significado um do outro. Espaço este onde jovens e idosas aprendem entre si o estar no mundo, independentemente da faixa etária. É o que percebemos na colocação da jovem estagiária, estudante de Psicologia, a qual será tratada no decorrer do estudo por ESTAGIÁRIA. 1.

Atuando há dois anos no projeto como extensionista, ela lida diretamente com os idosos. E, ao falar da forma como realiza seus trabalhos junto a eles, assim se expressa:

Trabalhamos com oficinas, palestras, aulas e também com temáticas trazidas por eles: relações afetivas, religião, conflitos e tantas outras. O bom é que, durante este processo, a gente aprende com eles e eles com a gente, pra nós então, é um grande aprendizado, pois trazem relatos de suas vivências e com isso aprendemos muito (ESTAGIÁRIA. 1, entrevista concedida em 23.9.2015).

Percebe-se, então, que as mulheres que frequentam aquela entidade têm exercido o papel de mestras, pois trazem para dentro da sala de aula o exercício constante das identidades que são exercidas pela maioria delas como o de serem mães, tias e avós.

A jovem estagiária acrescenta: *“com as experiências que tenho tido com as alunas aprendi a ser mãe antes mesmo de ser mãe, e ser avó sem ter sido avó. É comum a maioria das idosas falarem de situações com filhos, netos”*. Estas experiências geram, segundo a jovem, reflexões com relação aos conceitos que a mesma tem construído, enquanto acadêmica do Curso de Psicologia e, também, no plano pessoal, pois ao lidar com as idosas, tem aprendido a ser mais sensível ao observar o modo como se dão as relações familiares desta clientela. No plano pessoal, consegue ver mais de perto o papel das mulheres no exercício da maternidade e também no papel de ser avó.

A estagiária de Espanhol, aqui denominada de ESTAGIÁRIA. 2, nos contou o que aprendeu com as mulheres idosas, quando lecionava a disciplina Língua Estrangeira.

As mulheres idosas elas sempre têm muito a oferecer, porque na própria aula elas trazem inferências de sua vida. Então isso é muito importante para o ensino da Língua Estrangeira, [...] A gente tem conhecimentos práticos do dia a dia delas. Por exemplo, se eu estou dando aula de frutas, eu vou aprender com elas como fazer uma mousse com aquela fruta, o nome da fruta em português, isso se dá devido ao regionalismo na sua história de vida, pois muitas delas são do interior do estado (ESTAGIÁRIA. 2, entrevista concedida em 23.9.2015).

Além dos conhecimentos que são frutos da vivência dessas mulheres, o convívio no espaço da UNITI também oportunizou às idosas um aprendizado para além dos conteúdos programáticos das disciplinas ministradas pelas duas jovens estagiárias, como o contato com a tecnologia.

A ESTAGIÁRIA. 1 diz ser comum, em meio às aulas, as idosas a interromperem solicitando ajuda para manusear o telefone celular. *“Eu sei que a senhora não é professora disso (informática), mas me ensina a mexer aqui (telefone*

*celular), meu neto é que sabe mexer nisso*". O mesmo fato é verificado na fala da ESTAGIÁRIA.2, durante o período de sua disciplina:

A gente precisava fazer uma apresentação. Pois elas têm dificuldades em relação à língua estrangeira por conta do aparelho fonador delas. Muitas não iam a aprender a Língua para recitar, o que seria um pouco mais demorado; umas iam apresentar aquela parte do versículo bíblico de Coríntios; outras iam declamar a poesia. Como o tempo era muito reduzido para o que elas se propuseram a fazer, eu gravava e mandava para elas, aquelas que tinham whatsapp. Muitas delas têm aparelhos bons e gostam da tecnologia. As que não tinham este aplicativo, eu ia lá ao celular e gravava. Aí diziam: - Ah minha filha, eu nem sei mexer nisso aí não, vê aqui pra mim. Onde é? (ESTAGIÁRIA 2, entrevista concedida em 23.9.2015).

Além da tecnologia, a ESTAGIÁRIA. 2 procurava passar para suas alunas outra experiência, ou seja, o estímulo para que as mulheres idosas retomassem os estudos, independentemente das dificuldades enfrentadas por elas no cotidiano, com problemas relacionados à saúde ou a família. Tanto que houve uma aluna idosa que passou no Enem e, atualmente, cursa Artes na UFMA.

Exemplos como este contribuem para romper mitos, que costumam ser construídos em torno da terceira idade. Simone de Beauvoir em sua obra *A velhice*, datada de 1970, já suscitava reflexões sobre o isolamento pelas quais passariam as pessoas idosas na sociedade capitalista, por conta da criação de mitos em torno da terceira idade. Nesse contexto, a filósofa denuncia:

Os mitos e os clichês postos em circulação pelo pensamento burguês se aplicam em mostrar o velho como um outro. Se os velhos manifestam os mesmos desejos, os mesmos sentimentos, as mesmas reivindicações que os jovens, eles escandalizam (BEAUVOIR, 1990, p.10).

Para Oliveira (1999) a sociedade tende a marginalizar as pessoas idosas, na medida em que cria empecilhos, com base em atitudes de desrespeito, preconceito e discriminação social. Em muitos casos, a pessoa idosa é vista como improdutiva e destituída da capacidade de aprender e fazer planos futuros.

Conceição Cuba em sua obra "Guarnicê e Cidadania na amizade de cariocas e ludovicenses", revela que, durante o desenvolvimento de sua pesquisa com idosas e idosos que frequentavam as Universidades da Terceira Idade, nas cidades de São Luís e do Rio de Janeiro, ambos disseram ter sofrido preconceito por estarem frequentando um espaço reconhecido como típico do público jovem. Como já vimos, a UNITI faz parte dos projetos de extensão nestas universidades,

seguem o calendário normal dessas instituições e costumam funcionar no mesmo espaço físico.

Sob a visão de Amendoeira (2015), o processo de envelhecimento é algo natural e consiste num processo de crescimento, que se dá como um ato novo psíquico de desenvolvimento.

O ENEM tem se constituído como uma realidade comum a jovens e adultos. Entretanto, o exemplo de mulheres idosas que adentram os espaços de educação formal, vem demonstrando que o envelhecimento é uma nova etapa que pode e deve ser vivida de forma diferenciada. Com isso, as mulheres idosas podem assumir novas identidades e adquirir outros conhecimentos através de diferentes experiências, o que Scott (1999, p. 20) assim ilustra:

Experiência é, ao mesmo tempo, já uma interpretação e algo que precisa de interpretação. O que conta como experiência não é nem auto-evidente, nem definido; é sempre contestável, portanto, sempre político. Sendo assim, o estudo da experiência deve questionar sua posição enquanto origem na narrativa histórica. Isso vai acontecer quando os/as historiadores/as tiverem como projeto não a reprodução e transmissão de um conhecimento ao qual se chegou pela experiência, mas sim a análise da produção desse conhecimento.

Ao dissecar sobre experiência, Scott enfatiza a história como elemento primordial na construção e compreensão desta categoria. Deste modo, a autora reafirma seu pensamento ao dizer que os indivíduos não são portadores de experiências, mas sujeitos constituídos através delas.

Os sujeitos que se constituem no âmbito da UNITI são mulheres que podem ir além da representação da mulher que, ao alcançar a velhice, limita-se a cuidar de membros da família. A vivência na UNITI contribui no processo de construção de novas identidades e empoderamento do público feminino. Relatos da ESTGIÁRIA 2 revelam a importância dos trabalhos da UNITI, na desconstrução desta identidade única, que a sociedade costuma reforçar nas mulheres, quando atingem a terceira idade.

O melhor projeto da UNITI é proporcionar a vivência delas com outras pessoas e, de alguma forma, também a sua reintegração; porque quando chega esta fase do envelhecimento a maioria delas só tem o convívio familiar, ou então recaem sobre elas mais atribuições, tipo ser avó. Às vezes elas ficam com os netos delas, [...] Elas falam que se não estivessem na UNITI elas estariam aposentadas dentro de casa cuidando dos netos (ESTGIÁRIA 2, entrevista concedida em 23.9.2015).

A estagiária já presenciou casos em que o filho de uma idosa procurou a Coordenação para questionar o que houve com sua mãe, pois desde que entrou na UNITI ela não parava mais em casa. Todos os dias ela (mãe) pegava a bolsa e saía. Esta situação incomodava o filho, devido o mesmo ter que sair para o trabalho e não ter mais com quem deixar seus filhos.

As funções nas famílias intergeracionais têm sido redirecionadas, em virtude das mudanças ocorridas nas estruturas da família nuclear, o que tem deixado em evidência a figura dos avós. Sobre esta questão, Falcão e Salomão (2005, p.208) revelam:

Um dos fenômenos registrados pelo estudo “Perfil dos Idosos Responsáveis pelos Domicílios no Brasil”, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é o crescimento do número de netos e bisnetos que vivem com os avós e, em geral, são sustentados por eles. Em 1991, eram 2,5 milhões de netos e bisnetos e passaram a ser 4,2 milhões em 2000. Dentre outros fatores, ocorre que, muitas vezes, eles moram com os avós pelo fato de os pais não disporem de condições econômicas para criá-los sozinhos, devido ao divórcio, uso de drogas, morte dos pais e pela ocorrência da maternidade adolescente.

No que tange à figura da mulher, Mascaro (2004) ressalta que o maior quantitativo de mulheres na fase da velhice, sinaliza para consequências importantes no plano das responsabilidades familiares. Pois o *status* de viuvez faz com que a tarefa da mulher fique mais pesada, cabendo a ela, o cuidado com os filhos, netos e, muitas vezes, até da própria mãe. Todavia, temos percebido que nos dias atuais, mesmo sem fazer parte desse *status*, as mulheres têm assumido outras responsabilidades, da mesma forma que as que ficaram viúvas.

Conforme Hall (2006, p.13), “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. Ao contrário disso, à proporção que os sistemas de significações e representação cultural se reproduzem, somos levados a uma acareação, pela qual percebemos que diversas identidades, flutuantes, e em desarmonia com aquilo que nos é proposto, podem, em algum momento de nossas vidas, ser assumidas, mesmo que temporariamente.

Assim, acreditamos que a mulher, ao atingir a terceira idade, pode assumir outras identidades, como a de escritora, por exemplo. E, nesse processo, as instituições educacionais assumem um papel relevante, conforme percebemos ao visitar os arquivos da UNITI, em busca da produção de mulheres que por lá

passaram e através de seus escritos deixaram um pouco de suas histórias e fizeram parte da história da instituição.

## **4.2 Os arquivos**

Durante muitos anos, a UNITI ofereceu a seu público a disciplina Criação Literária, em formato de oficina, atividade esta interrompida atualmente por falta de recursos que visem incentivar projetos que se voltem para o desenvolvimento e continuidade desse trabalho com as idosas. Todavia, os arquivos da instituição sinalizaram que tudo que foi feito muito contribuiu para dar visibilidade aos textos escritos por elas, valorizando assim suas experiências e descobrindo novas identidades.

Nos arquivos foram encontradas três produções avulsas referentes a poemas, poesias e acrósticos; três exemplares de Boletins, contendo poesias e textos diversos; e dois livros. Um dos livros foi escrito por uma ex- aluna; o outro agrupa uma coletânea de textos produzidos por alunas e alunos da UNITI. Nas produções avulsas das mulheres, a UNITI ocupa um lugar especial, conforme demonstram os registros a seguir.

Amália descreve uma cidade, um lugar onde se pode curar dores, desabafar, sonhar, ser feliz. Neste lugar se trocam conhecimentos, experiências, e as disciplinas ofertadas são os caminhos que a fazem chegar à cidade chamada UNITI. O texto demonstra certa escolaridade da autora pela pertinência da sua construção.

Figura1 – Escrito de Amália.

Há uma cidade e como toda cidade tem um bonito santuário onde todos seus habitantes se juntam para pedir a Deus paz, esperança e amor... Que cidade será esta?

Grande e ensolarada na sua imensidão pois, cada raio de sol desta cidade jorra sabedoria. Ruas largas com um calçamento feito de alegria misturada com amor. Seus vastos canteiros em forma de coração jorram águas claras que regam suas florzinhas: saudades, gigantes girassóis, rosas vermelhas e bem-me-quer. Nas suas praças há bancos gastos pelos sonhos e confissões íntimas dos que neles sentam; farmácias repletas de remédios que curam sentimentos e dores; óleos de esperanças, elixir de uma longa e feliz vida.

Nesta cidade seus governantes são transparentes e acima de tudo simples e honestos e seus assessores completam a grande equipe. Seus habitantes sonham e vivem felizes, pois são os filhos ilustres. A preguiça não tem vez e o mau humor não se conhece. Somente a felicidade reina, os pássaros cantam nas mangueiras e cajueiros como um bando de colegiais seguem para a escola com as borboletas amarelas revoando e colorindo o tempo. Das luzes dos postes caem raios que iluminam o ciclo do tempo dos antigos habitantes que por aqui passaram, dando lugar a novos que chegam para fazer dela seu lar.

Não se cala a cidade, não termina o sonho. O sol se põe e outra manhã volta feliz. Nela não há chuva, somente amor. O inverno passa despercebido, pois o verão reina o tempo todo.

Uma equipe de desbravadores se preocupa a descobrir suas riquezas, ensinando com amor conhecimentos e dedicação aos queridos habitantes.

A saudade chegou... e com ela o meu tempo... Mas as sementes caídas germinam e florem novamente.

Querem saber sobre esta cidade? Ai vão algumas dicas:

BR de turismo, gerontologia, pontes de história da arte e memorização, meios fios conhecendo o sentido do corpo e tachichuã, lagoas de dança e hidroginástica, rios de fitoterapia e espiritualidade, campo de terapia ocupacional, psicologia e computação, serras de nutrição, vales de artesanatos, cachoeiras de esportes.

Seguindo estes caminhos, vocês chegam à cidade onde eu cheguei.

Depois disso tudo, com a mala cheia de saudades e ensinamentos, continuo habitando esta cidade, agora com mais responsabilidades na nossa cantina.

Abraços,  
Amália

Fonte: Arquivo da UNITI

Os acrósticos feitos por Maria da Graça Telles com as iniciais da palavra UNITI revelam o que a aluna aprendeu durante o tempo que participou do projeto, considerado o marco de um novo ciclo de sua vida.

Figura 2 – Escrito de Maria da Graça Telles.

**U**nião de pessoas com o mesmo objetivo , melhorar a qualidade de vida em todos os sentidos.

**N**oção de como ser e viver melhor, daqui pra frente.

**I**ntegração de pessoas que não se conheciam e agora estão ligadas pelos laços de amizade que fizemos na UNITE.

**T**risteza por termos de nos separar, mais vamos está sempre nos encontrando com a mesma alegria que tivemos ao longo desse período.

**I**nício de uma nova etapa em nossas vidas, com mais sabedoria, mais consciência e muito orgulho de termos participado da UNITE.

Obrigada UNITE por tudo que nos deu de bom.

Maria da Graça Telles  
 São Luís 30 de novembro de 2005.

Fonte: Arquivo da UNITI

Apesar de ser um texto bem expressivo, a autora comete um pequeno deslize em relação à escrita da sigla do projeto, presumindo-se desvio de atenção, já que usa as iniciais corretas da sigla, mas a grafa de forma diferente nos versos.

A aluna que assina como Dioli Brito fala também em seus escritos sobre a transformação que a UNITI fez em sua vida, dando-lhe a oportunidade de adquirir novos conhecimentos relacionados aos campos da literatura, da psicologia, do corpo

e da espiritualidade. Porém o que a surpreendeu em tudo isso, foi ela ter se encontrado no âmbito da universidade, os amigos que conquistou, os profissionais que atuam na UNITI.

O término do texto traduz muita emoção, quando a aluna se despede do espaço que muito contribuiu para o seu crescimento. Optamos por transcrevê-lo da forma que foi construído o que evidencia algumas inadequações gramaticais, testemunho de que a escrita não contava com uma devida orientação.

Autoria de Dioli Brito

Unite minha querida  
Tu transformas-te a minha vida  
Consertaste a minha mente  
e deste-me mais conhecimento

Deste-me um milhão de amigos  
pessoas cultas e generosas e  
Finíssima educadas  
tú me destes um cenário cor de rosa  
Minhas professoras são

Um boquê de rosas perfumadas  
Tratam as suas alunas com  
Muito amor e cinceridade  
Que a nossa sala de aula  
É um palco de felicidades  
Meus irmãos e minhas  
Irmãs da 3ª idade

Vamos agradecer a je pela unite  
Que nos deu esta oportunidade  
De estudarmos literatura psicologia  
Conhecimento do corpo, vida e espiritualidade  
tudo isso na unite e na universidade  
E devemos tudo aos representantes da unite  
Este incentivo esta amizade esta união e Amor  
Agrade-ço em nome de todos os grupos de  
3º idade de todo coração ao meu senhor

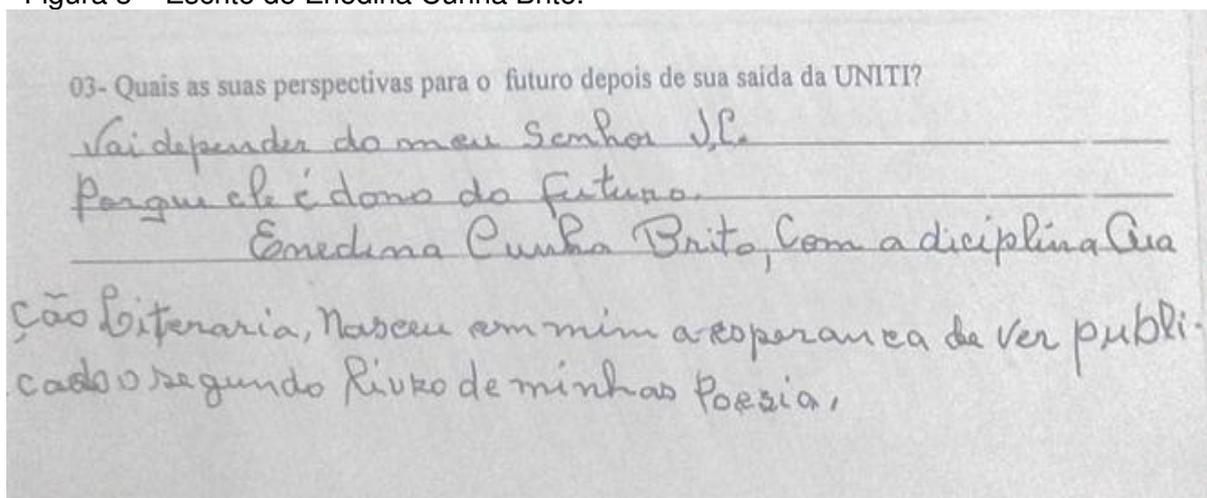
E aqui desperço-me chorando  
na paz do senhor eu vou  
Eu peço muitas desculpas  
Dos verços se não agradou  
Isto é, se a mente desta vez  
Não me tiver falhado  
Alegria vem em frente  
Cunha é de nascimento e  
Brito foi do céu mandado  
E o meu nome no meio deste salão  
Ficará gravado

Os textos encontrados revelaram a experiência que as mulheres tiveram durante sua passagem pelo projeto. Num tom de despedida “suas vozes escritas” expressaram sentimento de gratidão pela oportunidade de cultivar novas amizades e descobrir novos conhecimentos. A pesquisadora Conceição Cuba (2015, p.327), na obra *Guarnicê e Cidadania na amizade dos idosos cariocas e ludovicenses*, afirma que

Ao valorizarem a amizade como suporte social, associada ao bem-estar subjetivo, idosos e profissionais mostram o aspecto político da amizade, visto que a exercitam como ação no espaço público, pelo diálogo franco e aberto do conteúdo diverso, que possibilita concretizar direitos e alargar a sua cidadania.

Dentre as produções avulsas encontradas no arquivo, uma nos chamou a atenção, por conta do seu anexo. Junto ao poema escrito pela aluna, no qual ela expressa a alegria e gratidão por ter estado na UNITI, a folha de questionário de sondagem avaliativa registrava no item de número 3, o desejo que a aluna trazia consigo de publicar seus escritos.

Figura 3 – Escrito de Enedina Cunha Brito.

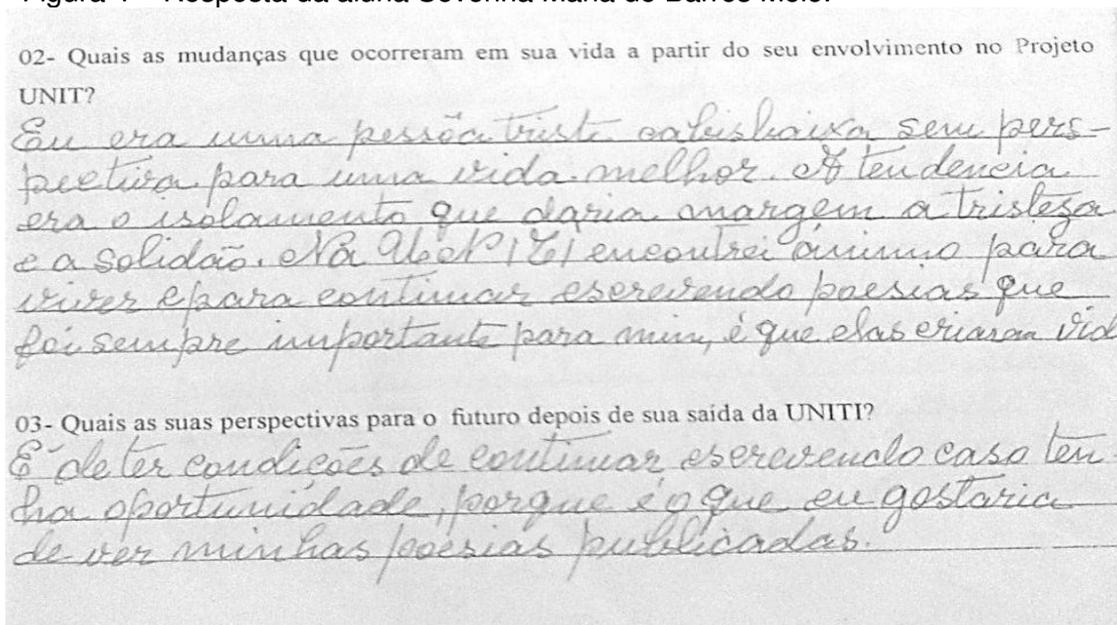


Fonte: Arquivo da UNITI

Enedina apresenta potencial para a expressão escrita, ainda que demonstre a necessidade de melhoria no uso adequado das palavras. Encontramos outra ficha avaliativa, com considerações relevantes, em relação à oficina de Criação Literária. Nela, a discente afirma, no item de número 2, que a contribuição da UNITI foi de grande valia, na medida em que a estimulou a prosseguir com sua

escrita. No item seguinte, expressa a vontade não só de continuar escrevendo, mas também de publicar seus escritos.

Figura 4 – Resposta da aluna Severina Maria de Barros Melo.



Fonte: Arquivo da UNITI

Convém registrar que as Fichas Avaliativas foram preenchidas até o ano de 2010. Procuramos fazer uma amostragem cujo indicador fosse algum registro sobre a Oficina de Criação Literária, daí a seleção recaiu nas apresentadas anteriormente.

Os exemplares encontrados do Boletim Informativo do Projeto Universidade da Terceira Idade dos anos de 1998, 1999 e 2000 revelam muitos escritos femininos, produzidos durante os semestres em que a oficina foi oferecida. No Boletim nº 2 do mês de fevereiro, do ano de 1998, sob a orientação da professora Núbia Soares de Lima, encontramos a seção denominada Produção Literária I e II, com seis produções de autoria de várias alunas. Na I, tivemos a produção da poesia de autoria da aluna Nazaré Farias, transcrita a seguir.

#### UMA LEMBRANÇA DE CRIANÇA

O nosso querido sítio,  
 O "Treze de Maio" chamado,  
 Situava-se num monte,  
 E foi por mim muito amado.

De longe era distinguido

Por sua grande beleza,  
Modesto e aconchegante,  
Aprazível e sem riqueza.

O amarelo das paredes  
Brilhava ao nascer do sol  
Atraindo os que passavam  
Como um pequeno farol  
Que chegava, recebia  
Nesse mini – “paraíso”  
Do meu pai, a gentileza  
Da minha mãe, o sorriso.

Lá, vivíamos felizes,  
Meus pais, meus irmãos e eu,  
Unidos na fé e no amor  
Até que meu pai morreu ...

Nazaré Farias  
São Luís, 29.03.97

No mesmo número deste Boletim, na sessão “Produção Literária II” contou-se com a participação das alunas Jane Albuquerque; Vilma Melo; Ivonildes Dias e Mabel, transcritas a seguir.

### **SER JOVEM**

Jane P.F.C. de Albuquerque

Ser jovem é ter garra para ir atrás  
Da felicidade e da paz  
É peitar a vida,  
Não importar-se com a dor  
É esconder o sofrer  
É procurar no hoje viver  
É de esperanças encher  
O amanhã de prazer.

Ser jovem é deixar o ontem onde está  
Saudades e lembranças de cor  
Mas, a alegria de estar aqui hoje  
Tem que ser maior, melhor  
É ver com serenidade o entardecer,  
A força morrer, o cabelo embranquecer  
É deixar escorregar pelo olhar  
O sorriso, a alegria de viver.

Ser jovem é procurar não fazer  
À sua volta alguém corar,sofrer...  
É deixar o tempo encontrar  
Aprender, dividir, compartilhar.  
A vida não tem tempo de esperar  
É agora, é já, vamos nos encontrar.  
Amanhã pode ser muito tarde  
E escorregar das mãos o bem viver  
O bem amar.

**ESTA É A VIDA**

Perca o hábito de chorar  
 As lágrimas não resolvem  
 As coisas boas se vão  
 E o mal por si se dissolve.

O amor é acima de tudo  
 Uma força criada por Deus  
 A expressão para os filhos  
 seus.

É pena que todos não  
 Consigam  
 Este verbo no seu coração  
 conjugar  
 Trocam a mais bela palavra:  
 Amor  
 Pelo triste verbo odiar.

Se ao invés de tanto rancor  
 Pudesse-mos nos apaixonar  
 Pelas lindas coisas da vida  
 Enfim era só amor, amor  
 Vilma Melo

**TROVA**

Ivonildes Dias

Gosto muito de  
 cantar  
 E gosto também de  
 dançar  
 Mas tudo isso só  
 sei fazer  
 Quando estás a  
 me olhar.

Ivonildes Dias

**PENSAMENTO**

A saudade é o  
 suco gostoso  
 e amargo do fruto  
 da vida.

Mabel

Em agosto de 1999, foi publicado o Boletim de nº 3, sob a direção da professora Rosângela Jacinto. Este trouxe em suas páginas registros sobre a comemoração das festividades juninas e da festa de encerramento da oficina de Criação Literária naquele período letivo.

Na primeira página, as idosas foram autoras de três estrofes e dois acrósticos, nos quais exprimiam a alegria que sentiam por fazer parte da UNITI e do seu significado em suas vidas.

UNITI  
 És a luz que descortina  
 o céu da minha alma,  
 dando-me a oportunidade  
 de viver e sonhar  
 momentos que jamais  
 esquecerei.

Magnólia Raimunda

UNITI  
 São apenas cinco letras  
 Importantes pra valer  
 Além de amor e carinho,  
 Dá-nos profundo saber

Elcy

UNITI  
 A UNITI veio nos tirar  
 De uma grande solidão  
 Para todos os idosos  
 É a grande solução

Eleodoria

U- Uma  
 N-Notável  
 I-Imensidão  
 T-Trouxe  
 I-Imaginação  
 Esmeralda

UNITI É A REALIZAÇÃO  
 DOS IDOSOS

U- União de todos  
 N-Nascer de novo  
 I-Integração maior  
 T-Tempo de Viver  
 I-Illumina a vida

Maria do Socorro Garcia

Na página seguinte, as alunas Maria Mendonça, Ely Ferreira e Maria Garcia criaram poesias em homenagem ao Dia das Mães, conforme o transcrito:

### **Mãe**

Palavra divina  
 Que se diz como a rezar  
 E que jamais  
 Deixamos de amar

Seu sorriso é tudo  
 O que a vida traduz

Vale mais que o ouro  
Que no mundo reluz

Maria do S. Mendonça

**Mãe**

Mãe adorada  
Mesmo longe dos meus olhos  
Estás presente em minha mente  
E és sempre venerada!

Elcy Ferreira

**Mãe**

Que força há em você  
Capaz de transformar  
As lágrimas em sorrisos?  
Mãe, você é um sonho  
De Deus que o amor  
Realizou  
Neste mundo conturbado  
Resta ainda uma esperança;  
Enquanto a bondade de Deus  
Tiver espaço para se revelar  
No amor e na ternura  
De um coração de mãe.

Maria do S. Garcia

Na edição de setembro do mesmo ano, à página 04, na seção Produção Literária, encontramos três escritos de autoria feminina, que homenageavam a cidade de São Luís, Patrimônio da Humanidade, por mais um aniversário.

a) Reviver

I

São Luís, minha terra  
Minha musa adormecida  
Meu Deus, quanto privilégio!  
Morar nesta ilha querida

II

Reviver tempos dourados,  
Casarões, sobradões,  
Um painel da tua história

III

Tua feira,  
Pescadores e camarões  
Jamais me saem da memória

Mirtes Cantanhede

b) São Luís

Desperta cidade histórica  
De São Luís do Maranhão

Em todo o Brasil és admirada  
Pois és Patrimônio da Humanidade

Maria da Paixão

c) O Teatro

Agora é só magia, a do teatro  
Em meio às paredes e os lustres  
Que deixara para trás seus ilustres  
Espetáculos, apresentação e atos.

Renovando-se a cada dia  
Em ouro e flor, em alegria e dor  
Sua beleza, seu público e esplendor  
Brilha em intensa alegria.

E como o passado respira ali dentro!  
Há de convir Artur, que a descansar  
Tem por ele intenso sentimento.

Há de convir Jomar, que a dispensar  
Ao maior Teatro, o maior momento  
E viver intensamente o que há de passar.  
Esmeralda Soares

É visível a motivação e envolvimento das alunas na produção dos textos, o que é mostrado no depoimento de um dos alunos, durante a festa de encerramento da oficina em 1999, nas páginas do último Boletim de produção literária:

O pessoal tava feliz, e sua participação foi efetiva. Todos produziram textos, pequenos e médios, poemas, que lidos em classe, recebiam aplausos calorosos dos participantes, pois eram uma amostra do resultado do trabalho. Benedito, Antonio, Julieta, Josina, Luíza, Magnólia, Carlos, Elizabeth e outros, participaram ativamente de tudo que se produziu naquela oficina.

Nós alunos da “Criação Literária”, empenhamos nossa gratidão à professora Rosângela que tão bem soube trabalhar nossas mentes, orientando e mostrando opções que não faziam parte do nosso dia a dia (UNITI, 1999, p. 2).

Ainda sob a coordenação da Profa. Rosângela Jacinto, o Boletim Informativo do ano de 2000, trouxe notícias sobre eventos, e temas como o envelhecimento e continuou revelando produções de mulheres. Neste, contabilizamos onze produções assinadas por elas, das quais destacamos três: duas com títulos idênticos, porém com abordagens específicas; a outra, sem título, presumimos que seja o editorial em forma de verso.

## a) UNITI

Cinco letras gravadas  
 Dentro do meu coração  
 Foi através de ti  
 Que consegui libertação

Se eu te conhecesse a mais tempo  
 Esta linda jornada  
 Teria feito antes  
 E hoje estaria formada

UNITI é luz, paz e esperança  
 É como uma criança  
 Que no colo se acalanta

Neste caminho Deus nos deu  
 A UNITI como um ser  
 Para que tenhamos alegria  
 de viver  
 Manoelina

## b) UNITI

União de várias entidades  
 Na luta por dia melhores  
 Para os jovens da terceira idade  
 descobrirem seus valores  
 Na esperança de realizar  
 Os sonhos que acalentamos  
 Estamos na UNITI onde nos alegamos  
 Idade não é problema  
 Pois somos fortes e valentes  
 Com Deus ao nosso lado  
 Estamos sempre contentes  
 Trabalhamos com amor  
 Em Vida e Espiritualidade  
 Nossa qualidade de vida é estar  
 na universidade  
 Irmandade como a nossa  
 É difícil esquecer  
 Vivendo, lutando e aprendendo a vencer.  
 Berenice de Moraes Marcelino

## c)

A universidade para  
 Integrar  
 Deu oportunidade  
 Sem par  
 Para o idoso  
 Participar  
 E nos obriga a  
 Confiar

Ganhamos o nome de  
 Uniti  
 E respeito sem limite  
 A terceira idade vai  
 Estudar

Mas nem é preciso vestibular

E assim na melhor idade  
Temos várias  
Atividades  
Para o aposentado  
Praticar  
Ler, conhecer, fazer  
E exercitar

E agora o São João  
É com o coração  
Que vamos mostrar nossa alegria sem  
Par

Com quadrilha, côco  
Cacuriá  
Tem caboclinho  
Cantiga e cazumbá  
Arranje logo o seu par  
E treine para não desafinar

O Bumba meu-boi não  
Pode faltar  
Faz parte do folclore popular  
Na AABEM vamos  
Guanecer  
Até o dia amanhecer  
Lurdimar Silva Almeida Lindoso

Nos três números disponíveis do Boletim Informativo, percebemos que as mulheres, mais que os homens, sempre ressaltavam a contribuição da UNITI para suas vidas. Constatações que testemunham o uso da escrita como expressão de sentimento e de empoderamento dessas pessoas.

Muitas dessas experiências se tornaram produções independentes. Foi o caso de Nilza Mota (1934–2011), autora do texto “Uma tarde diferente no dia a dia da UNITI”, registrado no Boletim do ano 2000.

Figura 5 – Nilza, primeira do grupo, à direita, ao lado do seu texto.

*Editorial*

A UNITI é conhecida entre seus alunos como "Alegria dos Idosos". Sempre levando uma mensagem de otimismo à comunidade e, principalmente aos que vivem a Terceira Idade, nosso Boletim Informativo é acima de tudo, um espaço que os alunos da UNITI têm para expressar seus desejos e anseios através das poesias, dos depoimentos e mensagens.

Portanto, nesta edição, faça uma viagem pelo mundo mágico da palavra, e delicie-se nas entrelinhas de cada poema e vivencie mais uma vez na história da humanidade o poder que tem a palavra.

Esperamos que a UNITI continue propiciando estes momentos maravilhosos nas nossas vidas e que a "Alegria dos idosos" cresça mais e mais.

Rosângela Jacinto/PROFESSORA

**Uma tarde diferente no dia a dia da UNITI !!!**

Por que esse título? Ah! foi o que aconteceu com a turma da Oficina de Artes Literárias da UNITI, coordenada pela Profª Rosângela Jacinto, e auxiliada pela funcionária Maria Lúcia, que representou a Universidade. Na ocasião participamos de um belo passeio no Museu Histórico e Artístico do Maranhão, à rua do Sol, nesta cidade.

Este encontro teve algumas horas de lazer: primeiramente fomos para o teatro dando início à programação, tendo como "chefe de cerimônia", a colega Berenice que anunciou o nosso grupo de canto, apresentando uma toada; em seguida componentes da turma encenaram a peça de Monteiro Lobato – A Cigarra e Formiga; logo após, diversos alunos declamaram poesias de sua autoria e de autores maranhenses. Finalizando, entrou o bozinho da UNITI e suas alegres integrantes entoando uma bela melodia.

Durante a apresentação dos grupos tiramos algumas fotos que servirão para testemunhar nossa atuação, nessa Oficina. Terminada essa primeira parte fomos divididos em dois grupos, um foi visitar o Museu Sacro e outro o Museu Histórico, do qual participei; nesta tivemos como guia o funcionário Eduardo que nos explicou detalhadamente sobre o acervo, constituído de peças de porcelana, de móveis do século XVIII, cuja procedência de alguns era do exterior, distribuídos pelas inúmeras dependências do solar, que pertenceu a três famílias maranhenses, antes de abrigar a Instituição, que foi adquirida em 1978, pelo governo do Estado.

Em seguida nos dirigimos para o Museu Sacro, onde encontramos diversas imagens cada qual com suas histórias, alguns bustos de antigos bispos, estandartes de irmandades, vestes litúrgicas usadas nas cerimônias religiosas, moedas, bolsinhas de prata portuguesa, compoteiras de cristal, enfim muitos objetos que constituem a memória do nosso Estado. Concluímos a visita no pátio da mansão, que abriga o chafariz retirado de uma das avenidas locais.

Por toda essa experiência, aprendizado e gratas recordações, nossa tarde foi, de fato, diferente!

São Luis, 5 de junho de 2000.  
NILZA DE JESUS MOTA

**"Entre Aspas"**

*"Um talento forma-se no silêncio, um caráter, Na vida do mundo". (Goethe)*

*"O caráter dá esplendor à juventude e respeito à pele enrugada e aos cabelos brancos". (Emerson)*

**Você sabia que ...**  
O coração bate em média 2 bilhões e 700 milhões de vezes durante uma vida? Da tartaruga ao mosquitinho; ela que vive mais de 200 anos, e ele que vive apenas uma tarde de verão. Imagine a diferença de velocidade!

Colaboração  
Cunha Braga

**UNITI**

**EXPEDIENTE**

**Prof. Dr. Othon de Carvalho Bastos**  
Reitor da UFMA

**Luciano Fernandes Moreira**  
Gerente de Administração e Modernização do Estado

**José Arteiro da Silva**  
Presidente da Federação do Comércio  
Clerisse Bastos Ferreira  
Diretora Regional do SESC

**Prof. César Henrique Santos Pires**  
Reitor da UEMA

**PREXAE/UFMA**

**Prof. Fernando A. Guimarães Ramos**  
Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Estudantis

**Prof. Raimundo Antonio da Silva**  
Diretora do Depto. de Extensão

**Prof. Maria da Piedade O. Araújo**  
Coordenação de Projetos Especiais

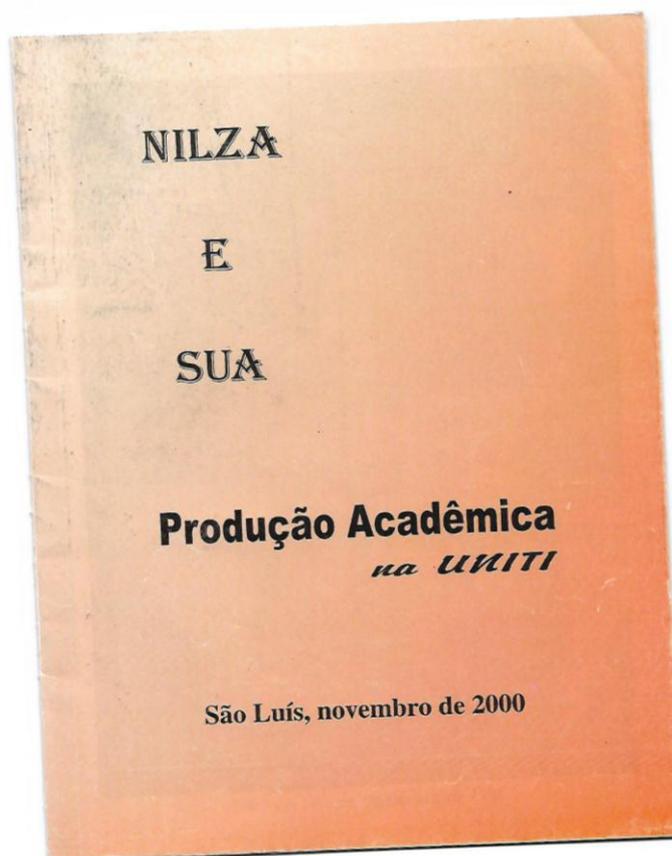
**Hortência Gago Araújo**  
Coordenação Geral do Projeto UNITI

**Rosângela Jacinto**  
Profª da Oficina de Criação Literária

Fonte: Boletim UNITI, 2000

A autora, motivada pelos familiares, foi levada a registrar as experiências vividas, durante o período em que esteve participando das atividades desenvolvidas pelas oficinas Qualidade de Vida e Criação Literária. Com isto, ela elaborou e editou a pequena obra intitulada: *Nilza e Sua Produção Acadêmica na UNITI*.

Figura 6 –Capa da Obra.



Fonte: Arquivo particular

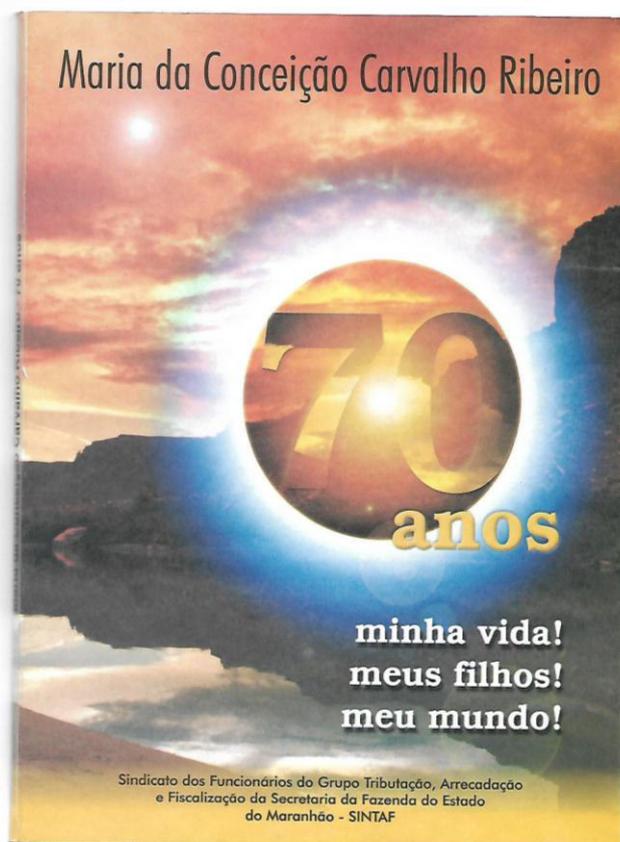
Com este livro percorremos as temáticas desenvolvidas em cada uma das oficinas realizadas á época, tais como: Qualidade de vida, Amizade, Mulher, dentre outras. Na apresentação do título, elaborado pela irmã, Nilza é tida como uma mulher alegre e que tinha a escrita como hábito.

A irmã ressaltou também a importância do incentivo de registro e valorização das memórias femininas, assim expressas:

Escrever é uma constante no seu cotidiano; as cartas não arrefeceram com a expansão da telefonia (muito usada por ela), bem como os cartões enviados a todos os eventos de amigos e familiares. Por ocasião do Natal ela envia mais de cinquenta e cada um com uma mensagem especial. Essas atitudes respaldaram minha instigação ao lado da crença de que a memória feminina precisa ser incentivada, porque cada vida é uma experiência singular (MOTA, 2000, p. 3).

Nos arquivos da UNITI foram ainda localizados dois livros. O primeiro deles é de autoria de uma ex-aluna da UNITI: Maria da Conceição Carvalho Ribeiro.

Figura 7 – Capa da Obra.



Fonte: Arquivo da UNITI

Na obra intitulada “70 anos, minha vida! meus filhos! meu mundo”, a autora traz para o leitor sua trajetória de vida, lembrando alegria, dor e momentos vividos ao lado da família e amigos. Relembra também momentos importantes no plano pessoal como as dificuldades que enfrentou para dar prosseguimento aos estudos e a alegria de sua aprovação no acesso ao serviço público.

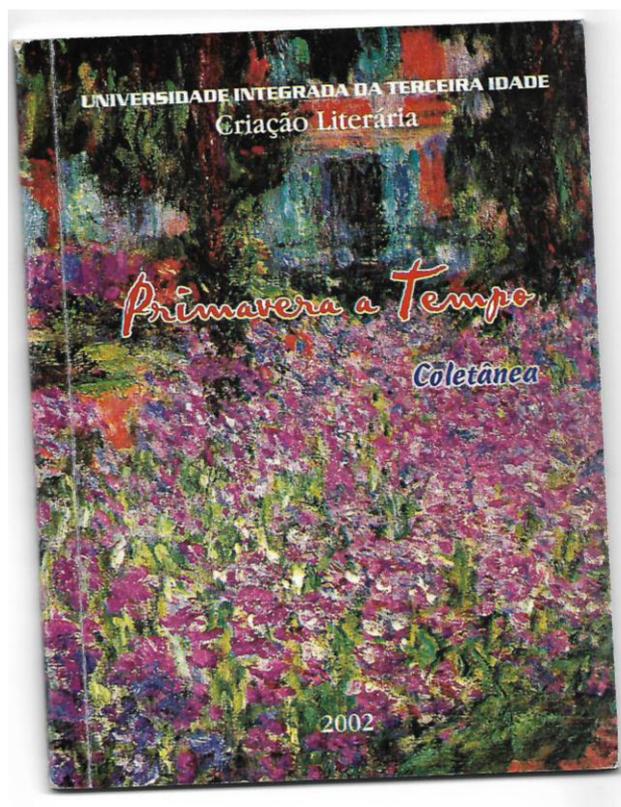
Os escritos de Maria da Conceição remetem ao que Perrot denomina de memória do privado, assim expressa:

Os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo acontece com seu modo de rememoração, da encenação propriamente dita do teatro da memória. Por força das coisas, ao menos para as mulheres de outrora e para o que resta do passado nas mulheres de hoje (e que não é pouco) é uma memória voltada para o privado, para o íntimo (PERROT, 2005, p. 39).

Já a segunda publicação encontrada nos arquivos é um conjunto de produções de ex-alunas e ex-alunos da UNITI, fruto do trabalho realizado ao longo

de um semestre na oficina de Criação Literária ministrada, à época, pelo professor Fábio Luís Ferreira da Silva.

Figura 8 – Capa da Obra.



Fonte: Arquivo da UNITI

“Primavera a Tempo”, publicada pela UFMA, em 2002, trouxe uma diversidade de gêneros textuais, constituindo uma coletânea de poesias, prosa e crônicas. O livro contou com a participação de 13 mulheres (com autoria de 25 escritos) e 4 homens (com apenas 17 escritos).

Dentre os escritos trazidos pela obra, através da poesia, as mulheres expressam, mais uma vez, a alegria de retomar os estudos na terceira idade. Como podemos verificar no poema *UNITI* de autoria de Eleodora Jacinta.

Desde jovem eu desejava  
Um sonho realizar  
Em continuar meus estudos  
E um dia me formar.

Na mocidade não tive chance,  
Mas nunca desanimei  
Agora, na terceira idade,

Meu sonho realizei,  
 Estou na universidade,  
 Com o qual tanto sonhei.  
 A UNITI veio nos tirar  
 De uma grande solidão,  
 Para todos os idosos  
 É uma grande solução (SILVA, 2002, p.14).

Elas também expressam a alegria de frequentar outros lugares, como a Academia Maranhense de Letras - AML, e de adquirir novos conhecimentos. Como registra o poema da aluna Elizabete Cordeiro Rocha.

Foi bom e oportuno  
 Visitar a Academia Maranhense de Letras!  
 Fundada em 10 de agosto de 1823.  
 Podemos citar vários imortais  
 Que passaram pela academia  
 E que enriqueceram a cultura  
 Do nosso querido Maranhão.  
 Alfredo de Assis Castro, Godofredo Viana, Jomar Moraes...  
 E muitos outros  
 Que deixaram suas obras  
 Ao povo de São Luís (SILVA, 2002, p. 44).

Os escritos das alunas denunciam a dificuldade que as mulheres enfrentam ao longo da vida, para retomarem seus estudos, pois muitas são as mulheres que assumem funções dentro do âmbito familiar, o que lhes ocupa grande parte do tempo.

Outra questão que se observa é quanto à representatividade feminina na própria AML, pois em meio a tantos nomes citados pela aluna durante o passeio, não houve uma única referência a nomes de escritoras que tenham somado com aquele acervo e enriquecido a nossa cultura.

Sobre esse aspecto, Kerly Marques Silva (2009) apresentou em seu estudo “Academia Maranhense de Letras: produção literária e reconhecimento de escritoras maranhense” elementos que compõem os processos de eleição de membros da AML, questionando as razões que explicariam a ausência de mulheres nessa instituição. Segundo ele,

O processo de eleição para a AML não considera exclusivamente a produção literária dos candidatos que pretendem compor seu quadro de membros. Além disso, fatores de diversas abrangências corroboram para o reconhecimento de escritores e escritoras. O pequeno número de escritoras justifica-se pela, ainda, pequena participação de mulheres maranhenses em locais de destaque nos setores políticos, jurídicos, religiosos, entre outros, a qual apresenta-se como de grande importância (SILVA, 2009).

Para Silva (2009) estas razões são resultantes também da falta de acesso a uma educação de qualidade que proporcione às mulheres o contato com as práticas de leitura e escrita; do exercício de outras atividades que não as restritas ao lar; da necessidade de haver espaços onde se possa dar visibilidade aos textos produzidos por elas, tais como: crônicas, poesias e contos, divulgados em jornais de São Luís, ou em outras partes do Brasil. Ainda segundo o pesquisador, as relações de amizade construídas ao longo desse processo de conquista, por um espaço na academia, também parecem ter contribuído para que as poucas mulheres que lá se encontravam, à época do estudo realizado, pudessem assumir uma cadeira na Academia Maranhense de Letras.

Considerando a Academia Maranhense de Letras um espaço eminentemente masculino, convém ressaltar que:

Ao longo dos cem anos de existência[...], dos cento e quarenta e dois (142) membros da AML, apenas oito (8) são mulheres. São elas: Laura Rosa, Mariana Luz, Dagmar Desterro, Conceição Aboud, Lucy Teixeira, Ceres Costa Fernandes, Laura Amélia Damous e Sônia Almeida (SILVA, 2009, p.19).

Destas, 5 são falecidas e atualmente das 40 cadeiras da AML, apenas 3 estão ocupadas por mulheres, conforme ilustra o Quadro 1.

Quadro 1 – Mulheres que ocupam cadeiras na AML

<b>Cadeira / nº</b>	<b>Patrono</b>	<b>Ocupante atual</b>
<b>6</b>	Frederico José Corrêa	Laura Amélia Damous Duailibe;
<b>20</b>	Trajano Galvão	Sônia Almeida
<b>39</b>	Augusto Olympio Gomes de Castro	Ceres Costa Fernandes

Fonte: Construção da Autora

Assim, chegar aos bancos escolares e atingir graus elevados de representatividade em nosso meio acadêmico, através dos escritos, não é uma tarefa fácil. Por isso, reconhecemos que a UNITI tem contribuído para o empoderamento das mulheres que participaram das oficinas de Criação Literária, tendo em vista os trabalhos por elas produzidos até o ano de 2002. Este foi o último

ano de funcionamento da Oficina de Criação Literária em decorrência de problemas estruturais e financeiros.

Atualmente o curso dispõe de outras atividades em formato de oficina, conforme o Horário Escolar do primeiro semestre do ano de 2015 (ANEXO A), com ausência da Oficina de Criação Literária, há mais de dez anos.

Entretanto, o trabalho da oficina estimulou durante muito tempo habilidades diversas nas mulheres idosas, em especial, a escrita, valorizando a experiência e os registros femininos, visto que

Um ambiente estimulante e uma flexibilidade pessoal são essenciais para o desenvolvimento da capacidade de criação e, por serem as pessoas idosas, em geral, mais flexíveis, elas podem lidar com mudanças de maneira surpreendente. A nossa mente quando é estimulada, pode ser capaz de responder indefinidamente. A produtividade de tantas mulheres brasileiras, escritoras e criadoras depois dos 70 anos, é um exemplo (AMENDOEIRA, 2015, p. 40).

Neste espaço produtivo que foi a UNITI para muitas que lá estiveram e puderam ser autoras dos seus próprios discursos, as mulheres foram, e continuam representando, a maioria do público que lá frequenta. Durante nossa busca nos arquivos, percebemos que o Boletim da UNITI foi um instrumento que muito contribuiu para dar visibilidade aos escritos femininos. As mulheres idosas tiveram voz. Tornaram-se visíveis e se fizeram presentes, através dos seus textos.

Todavia, em se tratando de publicações, constatamos que ainda somos minoria, pois, diante dos registros encontrados, só duas obras foram escritas por homens e publicadas pela Universidade, enquanto uma única feminina, a qual já referendamos neste estudo, publicada, porém, por outra instituição.

Quando verificamos os textos avulsos, foram encontradas cinco produções de autoria masculina e apenas três femininas, já citadas neste estudo. Por representarem um público maior, esperávamos encontrar mais registros escritos por mulheres, em se tratando das produções avulsas.

Demos continuidade a nossa pesquisa, saindo dos arquivos e procurando conhecer a realidade das alunas que estiveram em sala de aula no ano de 2015, em busca de saber o que elas tinham a dizer sobre sua relação com a escrita. Assim pretendemos, no capítulo seguinte, abrir espaço para suas falas e respectivas experiências, a partir de suas memórias.

## 5 A ESCRITA COMO FERRAMENTA DE IDENTIDADE E EMPODERAMENTO

A história é o que acontece, a sequência dos fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades. Mas é também o relato que se faz de tudo isso (PERROT, Michelle).

### 5.1 A voz das mulheres

Saindo dos escritos anímicos dos arquivos da UNITI, partimos para a fala das mulheres, com o objetivo de saber o que as alunas que produzem algum escrito têm a dizer sobre suas experiências, mesmo que não tenham tido a oportunidade de participar da Oficina de Criação Literária.

Assim, recorreremos a suas memórias, pois, segundo Delgado (2010), o ato de lembrar está entre as diversas possibilidades de registro do passado, elaboração das representações e afirmação de identidades que se edificam no movimento da História. Logo, a memória passa a se constituir como um fundamento de processos identitários, reportando-se a culturas, comportamentos e hábitos coletivos.

É a partir das memórias narradas por estas mulheres que pretendemos apreendê-las, com o auxílio do pensamento de Benjamin (1892-1940) no que tange “à experiência verdadeira,” aquela que nasceria da palavra poética, da relação com a natureza, o mito, a memória e a tradição (NUNES, 2005).

Aqui trataremos da experiência que nasce das vivências de cada mulher idosa, no sentido de procurar rastros de suas múltiplas identidades e de empoderamento em relação à prática da escrita.

Segundo Galeano (1991), as memórias se apresentam como um importante ponto de partida para aqueles que com o espírito de navegante almejam vento e profundidade. Assim, pretendemos mergulhar nas memórias das alunas da UNITI, a fim de apreender a importância que têm suas experiências para o registro da história de nós mulheres, a partir da relação que estabeleceram ou estabelecem com a prática da escrita. Em outros momentos, lançamos mão dessas vozes impressas, como subsídios às suas memórias.

Antes disso, precisamos saber quem são estas mulheres que aceitaram a difícil tarefa de se narrar, o que para muitas pessoas “parece fácil, mas muitas [...] não conseguem falar de si e o que sentem” (MEDEIROS, 2015, p. 80).

É importante ressaltar que, das quatro informantes, três receberão nomes fictícios para preservarem suas identidades conforme, assinado em Termo de Livre Consentimento (ANEXO B).

Nossas considerações encontram-se pautadas na fala de alunas da UNITI nascidas entre as décadas de 1946 a 1951, e que já tenham produzido ou produzam algum tipo de texto.

### **Clarice**

Nasceu em 22 de maio de 1942, na cidade de Bacabal–MA, onde foi alfabetizada. Veio para São Luís estudar o ginásio, mas não chegou a concluí-lo. Teve 12 irmãos, sendo que a maioria só conseguiu concluir o então ensino primário. O pai era comerciante e também, vendia imóveis, devido ao gosto por esse tipo de comercialização. Por isso, a família chegou a morar em várias ruas de uma mesma localidade. Residiu em várias cidades maranhenses e em Teresina-PI. A mãe era do lar e auxiliava o marido no comércio.

Clarice casou-se jovem e teve seu único filho aos quarenta anos. Ainda não possui netos. É viúva e de religião católica. No período em que morou em Bacabal trabalhou durante muitos anos no comércio e, ao vir para São Luís, deu continuidade a sua atividade profissional até se aposentar. Em 2002 ingressou na UNITI e, em 2010, foi para a Universidade Ceuma, onde permanece até os dias de hoje, realizando atividades físicas. Tem como atividades preferidas ir ao shopping e viajar.

### **Eva**

Nasceu no dia 12 de junho de 1951, em Caxias – MA. Integrante de uma família de doze irmãos, na qual sete eram biológicos e cinco eram primos, mas criados como se fossem filhos. Todos na casa sabiam ler e escrever. Conviveu com o padrasto, mestre de obra, e com a mãe, empresária do ramo de alimentação e dona de restaurantes e hotéis em Caxias. Deu início aos estudos na terra natal, depois parou e só os retomou depois da chegada dos filhos. Casou-se aos 17 anos, tendo morado em diversas cidades por conta da profissão do marido militar. Teve

duas filhas e três filhos e hoje tem seis netos. Reside há 40 anos em São Luís e segue a religião católica.

Como proprietária de restaurante, trabalhou por dez anos; em seguida, permaneceu mais dez, em uma lanchonete, período em que despertou o interesse pelo curso de Técnico em Hotelaria no SENAC - São Luís, no qual formou-se. Há dezessete anos abandonou suas atividades ligadas ao ramo de alimentação. Em 2015 entrou na UNITI e hoje também participa de outros grupos de idosos. Uma de suas atividades principais é cuidar dos netos. Mora com o esposo, as filhas e os netos. Dançar é uma das coisas de que mais gosta; ajudar as pessoas é algo que a faz sentir-se realizada.

### **Emília**

Nasceu em 24 de março de 1946, em Bacuri – MA, no povoado de São Paulo, onde foi alfabetizada. Seu padrasto era lavrador e a criou até os oito anos de idade; a mãe era lavradora e costureira. Com sete anos aprendeu a costurar e bordar, atividades que lhe acompanham até hoje, ao lado de seus escritos. Teve onze irmãos, dois por parte de mãe e nove por parte de seu pai biológico. Os dois primeiros irmãos tiveram acesso apenas às primeiras letras. Ela, com 11 anos de idade, chegou a alfabetizar três crianças na província de Jucá, próximo à cidade de Cururupu. Foi a primeira professora do lugarejo Veneza, no mesmo município.

Casou-se e teve sete filhos: cinco meninas e dois meninos. Separou-se e criou os filhos sozinha. Tem treze netos e seis bisnetos. Reside em São Luís há 33 anos. Terminou o ensino médio já na terceira idade, entrou para a UNITI em 2012, onde permanece como ouvinte até o presente. Mora com filhos, netos e bisnetos. Seu maior desejo é publicar um livro com todos os textos que já escreveu.

### **Lúcia**

Nasceu em 18 de junho de 1949, no município de São José de Ribamar-MA, filha de pais lavradores e imigrantes do Rio Grande do Sul. Os pais, recém-casados, chegaram ao Maranhão em busca de trabalho e foram acolhidos em um sítio, cujo dono juntamente com a filha a adotaram, devido à saúde frágil quando nascera. Cresceu separada dos seus familiares, tendo sido alfabetizada em casa pela madrinha; depois continuou os estudos na mesma localidade em que nasceu, onde chegou a concluir o Curso Normal. Após o término dos estudos, atuou em

diversas atividades: professora de jardim de infância, manicure e trabalhadora na indústria de embalagens de soro.

Em 1975, após a morte da mãe, veio para São Luís, trabalhar no comércio. Em busca de emprego melhor, foi para o Rio de Janeiro onde passou 25 anos, ali trabalhando em loja, escritório de advocacia e como babá. Em 2006, já aposentada por tempo de serviço, retornou a São Luís, onde permanece até hoje. Solteira, nunca teve filhos. Mora sozinha. É evangélica e atualmente desenvolve atividade de tesoureira no grupo da igreja que frequenta. A UNITI entrou em sua vida no ano de 2015, lugar que pretende continuar frequentando como ouvinte.

Ao tomarmos ciência da biografia das entrevistadas, adentramos apenas na superfície da história das mulheres que contribuíram para o nosso objeto de pesquisa. Entretanto, muito mais elas têm a dizer sobre a relação que tiveram ou ainda têm com a escrita, enquanto instrumento de identidade e empoderamento. Tal relação está contida neste estudo, nos tópicos que seguem.

### 5.1.1 O acesso à escrita

Falar de escrita com as nossas entrevistadas, no momento inicial da conversa, levou-as a buscar nas suas reminiscências, os primeiros contatos que tiveram com o lápis e o papel em mãos. A partir desses relatos, verificamos a árdua tarefa que foi para estas mulheres terem acesso a uma educação institucionalizada, em alguma etapa de suas vidas.

Para Clarice a figura paterna na infância foi um grande empecilho, por conta de sua herança cultural: por não ter tido a oportunidade de frequentar a escola, o pai considerava não considerava importante que os filhos a frequentassem. E o pensamento da mãe, embora evoluído, pouco adiantava.

As minhas primeiras letras foi de fato na escola com a professora. Tu não sabe o que é cartilha do ABC? Ela era fininha, eu tinha o maior cuidado com a minha, ela tinha umas folhas mais fina que jornal e rasgava com facilidade. Eu implicava com papel que era ruim, mas eu tinha a maior boa vontade de aprender. Foi bem difícil está na escola, porque o meu pai era analfabeto de pai e mãe; foi criado em aldeia de índio lá em Barra do Corda. Essa história de colégio não fazia parte da história dele não. E, era muito difícil. Era uma briga de foice da minha mãe com ele, para colocar os meninos na escola a cada começo de ano. Ele dizia que não precisava que ele criou todo mundo, que ninguém nunca passou fome. A situação dos meus irmãos era igual a

minha, estudou o primário e acabou. As últimas meninas nasceram, quando já tinha o ginásio em Bacabal, mas ainda sim nem todas fizeram o ginásio, uma delas só, que convenceu o meu pai e conseguiu fazer. A questão do estudo partiu da minha mãe, e ela assim como nós, só teve o primário, mas ela tinha uma mente muito aberta, o pai dela era professor, lá no Ceará onde eles moravam. A minha mãe era falante, e lia bem, meu pai odiava isso (CLARICE, 2016).

Ela afirma que, para estudar o ginásio, seria necessário deslocar-se para São Luís. A princípio, o pai mais uma vez a impediu, mas depois mudou de ideia e até fez questão de trazê-la para a capital. Aqui chegando, foi deixada numa pensão, porém, com o passar dos dias, descobriu que não estava na condição de pensionista, e sim de empregada doméstica. Com isso, passou a trabalhar durante o dia e estudava à noite. Mesmo se dedicando aos estudos, o pai resolveu levá-la de volta, após alegar que Clarice já tinha estudado o bastante para saber ler e escrever.

Eva, ao contrário de Clarice, teve todo apoio da família, mas o casamento precoce e a chegada dos filhos a fizeram deixar os estudos em segundo plano. Segundo ela, a família fez o maior esforço para colocá-la sempre nas melhores escolas de Caxias. Era tida como dedicada aos estudos, em relação aos demais, razão de ser a única dos filhos a estudar em escola particular.

Eu aprendi a escrever na escola. Na adolescência, eu estudei no melhor colégio da minha cidade e isso acho que foi muito bom pra mim. Minha família não queria que eu casasse. Estudei até a oitava série no Colégio São José, foi quando parei os estudos e casei aos 14 anos. Quinze anos depois retomei os estudos, concluí e prestei vestibular para Letras na UFMA, quando ainda morava em Imperatriz. Mas parei no sexto período. Me arrependo muito de não ter terminado meu curso. Eu abandonei o curso aqui, quando meu esposo veio transferido pra cá. Aí eu fui na UFMA, mas em Imperatriz era a Licenciatura curta, e aqui tinha era Plena. Aí para eu pagar certas cadeiras, teria que ir de manhã e de tarde. Já tinha filhos. Ah não, não fui não. Mas me arrependo (EVA, 2016).

Já Emília, sempre foi aplicada aos estudos, mas teve que se dividir entre a costura e os estudos durante toda a vida. Cresceu se dedicando à atividade que lhe garantia o sustento em casa, quando ainda morava com a mãe. Ofício que, também, foi sustento para sua família, quando, separada do marido, teve que chefiar e assumir sozinha o lar. Todavia, estar nos espaços como a academia, é algo que lhe trouxe certo lamento, por não ter chegado até ali pelo percurso normal de sua trajetória estudantil, conforme registra:

Eu aprendi a escrever na escola. Quando eu fui pro primeiro ano eu estudei num livro que o autor era Silvestre Fernandes. Todo menino que chegava no primeiro ano estudava neste livro. Acho que eu tinha uns 7 anos; aí com 11, eu fui pra Cururupu. Lá os padres queriam me levar pra estudar, mas minha mãe não deixou e eu comecei a costurar; e fazia flores pra festa. Eu parei na quinta série do primário, mas eu fui pra Veneza, um povoado, pra ensinar uns meninos. Mas eu parei, fui fazer sucesso na costura, e as pessoas ficavam perguntando: - Quem fez esse vestido? Eu fiz sucesso e ajudava minha mãe. Eu andava arrumada com tecido fino! Diziam que pobre não luxava, mas eu luxei!. Eu vim terminar meus estudos depois, aqui em São Luís. Às vezes eu fico assim vendo aqueles jovens sentados no restaurante da UFMA, não tem um lugar ou tem só um lugarzinho. Eu chego perto deles e pergunto: - Posso sentar aqui? Aí, eles dizem: - Pode!. Nisso eu fico conversando com eles, e pergunto: - Já formou? Eles respondem: - Ah, falta um ano. - Tantos meses! -Eu entrei agora. Quer dizer, eu dou é força. Eu gosto tanto de quem estuda! Eu queria que eu tivesse mais noval! (EMÍLIA, 2016).

Quanto aos estudos de Lúcia, foram garantidos, graças aos padrinhos que, no primeiro momento, acolheram seus pais, dando-lhes emprego em um sítio no município de São José de Ribamar. Entretanto, constantemente era hostilizada pelos filhos do proprietário, que não se agradavam da ideia dela estar ali como filha, por ser de origem humilde. O fato de não ser filha legítima das pessoas que a criaram, também a distanciou de grandes perspectivas no desempenho profissional, em comparação aos demais filhos, na maioria, homens. Mesmo assim, Lúcia se refere ao *status* da filha legítima dos padrinhos como uma mulher bem-sucedida, pelo fato da mesma ter se casado com um aviador.

Minha família não sabe ler e nem escrever. Eu fui criada separada da minha família, com minha madrinha. Meus pais eram da lavoura e tinham que ir pra roça. Eles não tinham condição de botar as crianças no colégio, de comprar livro, caderno, essas coisas. Eu aprendi a escrever com minha madrinha. De início foi com ela, porque antes dela me botar na escola, ela me orientou com esse negócio de letra. Ela fazia a letra e eu cobria, aí adquiri o hábito. Por isso que minha letra é graúda, porque ela tinha a letra graúda. Aí, quando eu entrei na escola já foi no segundo ano. Eu fiz o até o quinto. Nessa época, lá em Ribamar só tinha até o quinto ano. Depois eu fiz o ginásio, mas minha madrinha não tinha condições de pagar passagem pra eu vir pra São Luís fazer o curso normal, e eu parei de estudar. Quando chegou o curso Normal em Ribamar, eu fui estudar de noite. Eu tive a oportunidade de estudar, mas não como os filhos do meu padrinho, Eles estavam lá no alto, um se formou em médico, outro em jornalismo e a filha casou-se com um aviador (LÚCIA, 2016).

De acordo com Bel (2014), desde o início do século XX, as mulheres ocidentais deram início a movimentos que objetivaram sua inserção nos bancos escolares, bem como no mercado de trabalho. Isso porque, estando elas motivadas por diversas questões políticas, e ideológicas, concernentes a um movimento social

de porte, o feminismo, as conquistas e as lutas sociais femininas que tiveram início no século XX alcançaram, a partir da década de 1950, dimensões mundiais, aumentaram na década de 1970 e se desenvolvem, num processo contínuo, até os dias atuais.

Não obstante tais avanços, a educação formal representou para nossas informantes uma dificuldade que se estende ainda hoje para outras mulheres, pois muitas são as que precisam abrir mão dos estudos por conta de pensamentos machistas ou por não conseguirem conciliar a maternidade com os estudos. Sentindo-se sobrecarregadas com diversas responsabilidades, tendem a abrir mão dos estudos em algum momento da vida. Felizmente, há aquelas que retornam à academia assim que se desvencilham de maiores atribuições do lar.

### 5.1.2 Escrever ou ler

Inquirimos sobre qual das duas práticas era mais presente no espaço familiar das entrevistadas no período da infância. Percebemos que a maioria tinha por hábito a leitura, em detrimento à escrita.

No caso de Clarice, a escrita não se fazia presente. Todavia, o hábito de ler que a mãe possuía era algo que incomodava bastante o pai. Para ele a leitura representava algo de grande perigo, haja vista que através da influência que poderia exercer sobre as ideias, temia que a esposa passasse a ter um comportamento não aceitável para uma mulher casada.

Entretanto, graças ao hábito da mãe, os livros se tornaram materiais presentes e frequentes, na casa da família, mesmo que fosse de maneira clandestina. O avô, segundo Clarice, foi o principal responsável em cultivar em sua mãe tal hábito, como registra:

A minha mãe incentivava muito a gente a ler. Escrever não, embora naquela época a gente já tivesse no Grupo Escolar “Oswaldo Aranha”. Ainda existe, parece que chama “Urbano Santos” agora. A minha mãe e o meu irmão mais velho eles liam muito, muito, muito. Meu pai odiava ver minha mãe lendo, ela comprava livro ou pedia emprestado e escondia debaixo do colchão. Ela escrevia também, mas lia muito. Meu pai dizia que as leituras dela levavam para o mau caminho. Ensinava o que não presta, e que aquilo não era papel de mulher casada. Tinha essa confusão toda. Isso era claro, mas eu não sei te responder o porquê. A minha mãe gostava muito de ler, como eu te falo, mas escrever não era com muita frequência não. Ela dava

muito mais ênfase a essa questão da leitura. Esse gosto pela leitura vinha do pai dela, ele era professor que gostava de ler também. Meu avô vivia lendo. A minha vó não lia nada, era só ele. Ela não tinha esse envolvimento, era uma santinha, mas uma santinha sem livro (CLARICE, 2016).

No caso de Eva, embora a mãe tivesse o hábito de escrever em alguns momentos, ela não foi muito motivada em casa a desenvolver a prática, mas assim como Clarice, também, teve uma mãe leitora que influenciava a família, comprando diversas revistas da época. As leituras na casa da família se davam em voz alta, em torno daquele que lia. Assim ela narra:

A minha mãe gostava de escrever, escrevia nas paredes; quando estava chateada, ela escrevia frases. Perto do espelho dela, tinham muitas frases. Lá em casa, não tinha um livro, minha mãe comprava revista Ilusão, coisas assim. Só revistas. Naquela época, não tinha televisão, então comprava revista em quadrinhos. A gente sentava em roda pra ler. Uma pessoa lia. Minha irmã lia muito, depois a gente ia olhar os quadrinhos. Gostava de ler, porque era uma diversão. Naquele tempo tinham revistas em quadrinhos chamadas Capricho, Ilusão, Sétimo Céu. Isso nos anos 60 (EVA, 2016).

A leitura em grupo, em voz alta, conforme vimos na casa de Eva e Clarice, consistia em uma prática bastante corriqueira. Esta poderia ser feita em diversos espaços e situações. Conforme afirma Chartier (2001 p. 32-33),

As práticas são inumeráveis. Cada um de nós realiza, em um dia de vida profissional ou privada, milhares de práticas cotidianas, ordinárias. É impossível recolher ou dar uma representação adequada a essas práticas múltiplas, porque há uma situação muito difícil para a análise. Para uma história da leitura, por exemplo, é necessário organizar modelos de leitura que correspondam a uma dada configuração histórica em uma comunidade particular de interpretação. Não se consegue reconstruir a leitura, mas descrever as condições compartilhadas que a definem, e a partir das quais o leitor pode produzir a criação de sentido sempre presente em cada leitura

Na casa de Emília, o material que circulava eram os livros usados por ela na escola. E a prática da leitura era real apenas para ela e uma irmã de criação que pouco sabia ler. Isso ocorria devido ao pouco ou nenhum grau de estudo dos membros de sua família, como é retratada a situação:

Na minha casa os meus irmãos eram mais tolos do que eu. Eu era mais inteligente. Lá em casa só tinham os “livros de lição”. Quando eu fui pra escola eu já sabia a carta de ABC todinha. Uma irmã minha, que era filha de criação desse meu pai, sabia ler, pouquinho, mas sabia. Eu não me lembro dela escrever, mas ela lia (EMÍLIA, 2016).

A leitura era uma prática também presente na casa de Lúcia que ouvia histórias contadas por sua madrinha. “Líamos, mas ela comprava muita historinha de fada pra mim. Eu era louca por historinha de fada! Eu tinha uma coleção de livrinhos de 1 a 100”.

Sobre o hábito da leitura, Heller (2006) explica que, no período de 1890 até os anos 20 do século XX, também conhecido como *belle époque*, a cultura advinda da Europa exerceu grande influência sobre a estrutura social e econômica do Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, a então capital do país. Para as brasileiras de origem rica eram destinados os quartos de costura, os saraus, e vez ou outra, breves passeios pelas ruas de cidade carioca, com a condição de estarem acompanhadas por alguma figura masculina. Já as mulheres pobres eram reservadas às fábricas, aos balcões das lojas, ao serviço doméstico e transitavam livremente, sem acompanhamento.

Sem acesso pleno à escola, que existia em número reduzido, a maior preocupação da família era educar os meninos, por isso, boa parte da população feminina era analfabeta. Ainda, conforme Heller (2006), muitos foram os escritores e escritoras que produziram, na passagem do século XIX até os anos 20 do século XX, histórias permeadas de mulheres leitoras. Dentre elas, Rachel de Queiroz com seu romance *O Quinze*, cujo personagem principal, Conceição, era vista em várias passagens da obra, praticando o hábito de leitura. A respeito desse aspecto, Heller (2006, p.15) afirma que:

Outras obras também tematizam sobre a mulher e a leitura, logo temos: *As doutoras*, de França Júnior, escrita em 1899, e *A mulher*, de Coelho Neto, em 1907, são peças teatrais que tematizam mulheres que liam e tinham instrução.

A autora acrescenta que as conversas mantidas na época eram entre as mulheres com suas “companheiras de papel”, que sinalizavam para um esboço da literatura em circulação, bem como a forma pela qual, a ficção brasileira desse período foi construindo o imaginário feminino. Em sua maioria os personagens colocavam em seus sonhos o matrimônio com um homem que, além de suprir as necessidades do lar, também, compactuava momentos de leitura junto à esposa.

Nos relatos das mulheres entrevistadas, podemos perceber que o contato com a escrita se iniciou nas instituições escolares, enquanto a prática da leitura teve

seu início no lar, local constantemente reforçado, principalmente pelas mulheres, representadas pela figura da mãe, madrinha e prima.

Segundo os relatos, a escrita adquirida na escola fez com que as nossas participantes ultrapassassem a identidade da mulher leitora, isto é, mesmo que a escrita por parte de alguma delas se dê de forma esporádica, continuam a lançar mão da escrita no registro de suas experiências quotidianas. E dentro dos relatos dessas experiências, as mulheres idosas nos revelaram o papel das instituições, no seu processo de empoderamento, em relação à escrita e a possíveis identidades descobertas por elas.

Com base nesse aspecto, procuramos conhecer suas principais motivações para a escrita e sobre o que costumam escrever.

### **Clarice**

Escreve esporadicamente e algumas situações a levam a produzir.

Da minha varanda teve um dia que olhando o sol, eu escrevi algo bonitinho, um poema, que eu tenho guardado. Mas teve outra coisa. Teve uma coisa tão linda que eu escrevi, eu tenho guardado o papelzinho. Um retalho de folha de caderno, que eu escrevi no momento de muita emoção da minha vida. Esse é um escrito que eu acho bonito. Foi julho de 2005, de madrugada, eu escrevi aquilo. É algo que eu olho e me encanta, porque foi num momento de muito estresse e muita emoção. Nessa época eu trabalhava como voluntária na Maternidade Marly Sarney. E coloquei no papel, eu consegui colocar algo ali! Mas tem muita coisa que eu escrevo que eu não compartilho. Sei lá! Acho que ninguém vai se interessar sobre meus sentimentos (CLARICE, 2016).

O registro ao qual Clarice se refere, o seu preferido, trata de um fato que ocorreu quando atuou como voluntária numa maternidade pública da capital São Luís- MA, onde ela ajudava auxiliando mulheres em trabalho de parto. À época, ela tinha uma sobrinha que estava grávida do primeiro filho. Clarice incentivou a sobrinha a ter o bebê na maternidade onde trabalhava, pois a ajudaria nos cuidados com a criança como acompanhante. A criança nasceu muito mal, e quase chegou a óbito. Essa situação fez com que ela se sentisse muito culpada pelo ocorrido.

Conta que estava no Centro Cirúrgico, junto com a equipe médica, vivendo um momento de extrema tensão e preocupação. Fez, então, uma promessa para Nossa Senhora, que se o bebê de sua sobrinha vivesse se tornaria devota, para o resto de sua vida e usaria branco e azul, durante todos os meses de maio, enquanto vida tivesse. E a criança, que já estava praticamente morta na mesa do

parto esboçou uma reação positiva. Para Clarice, um momento de extrema emoção o que a levou a fazer o registro que guarda até hoje, intitulado “Meu anjo azul”:

Gabriel

“ Meu anjo azul”

Viestes a esse mundo para a nossa alegria. Chegaste de mansinho, sereno, calado e nem percebeste no momento de teu nascimento estávamos ansiosos a tua espera. Silencioso, despertaste em nós uma grande inquietação. Houve correria, mas sabíamos entretanto que logo estava entre nós. Agora confiante e feliz com a tua presença, desejo que o vento sopra levemente em suas costas, que o sol brilhe morno e suave em sua face, que a chuva caia devagarzinho no seu corpo e que Deus lhe guarde nas palmas de suas mãos.

Beijos da tia,

São Luís, 07/05

### **Eva**

Momentos difíceis na família fazem com que Eva lance mão do papel e da caneta. Na verdade, a escrita é para ela sinônimo de desabafo. Mesmo que seja para escrever em nome do outro, como ela própria afirma:

Escrevo principalmente pra desabafar. Tem algumas coisas que a gente passa na vida, por momentos de crises na família sabe? Família grande. Todo mundo tem suas crises, e se você não tiver como desabafar? Eu desabafo escrevendo. Muita gente não tem facilidade para escrever e aí interioriza coisas ruins, internaliza uma situação e termina caindo em depressão. Eu sou a rainha de escrever carta e não mandar. Escrevia cartas e cartas pra minha irmã, mas muitas nem mandei, deixei guardadas nas gavetas. Um dia desse eu folheando uma agenda velha, 2003, encontrei-as. O meu filho é... teve uma ... como é que se diz? um coma diabético, foi muito sofrido pra todos nós, a gente quase morreu do coração. Logo depois eu escrevi isso aqui em nome dele, pra ele agradecer as pessoas. Só que quem fez a promessa fui eu, porque ele continua fazendo molecagem com a saúde (risos). Filho é bicho doido! Eu vou escrevo uma besteira e guardo (EVA, 2016).

Eis o texto que escreveu para o filho, por ocasião do coma:

Superados os momentos difíceis quero agradecer a todos que estiveram comigo e com minha família durante aqueles dias! Agradecer aos que estavam perto, pertíssimo; aos que estavam perto, mas longe em distância; aos que usaram de determinação, competência e generosidade para me socorrer (médicos, enfermeiros e funcionários dos hospitais), aos que tiveram atitudes de solidariedade para resolver situações , mesmo sem me conhecer e agradecer principalmente aqueles que se recolheram em orações embora, acredito que junto com elas , todos os gestos positivos tocaram a Benevolência Divina. Comprometo com Deus com minha família e com todos vocês, amigos que farei jus a graça que alcançaram.

Boas festas em Cristo,  
R. Jr e família

### **Emília**

A escrita para Emília lhe vem como um ato de inspiração. A qualquer momento ela interrompe o que está fazendo para escrever algo. Como ela própria explica:

Minha filha, na verdade, eu não tenho hora certa pra escrever, porque eu sou muito ocupada. Mas é uma coisa assim, que me inspira. Às vezes eu estou cortando uma galinha, ou numa costura, aí me vem um tititi. Eu vou lá e escrevo ou, às vezes, eu pego só um verso, mas eu deixo lá. O que passou, passou, entendeu? Eu vou só escrevendo, depois eu vou montar. Por isso que dizem: O autor tem que ter fonte pra montar o texto. Isso foi... assim... uma interrogação que veio na minha mente, eu fiquei assim pensando...tá vendo? Esse aí eu pedi para uma menina bater para mim. Mas eu queria que tu botasses meu nome! Para demonstrar a minha atividade... a minha...como é que se diz? A minha atividade criadora. Entendeu? Alguém olha assim e diz: -Quem é essa? Ah, Emília né? Olha aquela tal, que está lá no livro. Não é isso? É isso aí que eu quero! Ah! eu tenho muitos escritos! Mas se eu não mostrar eles ficam aí (EMÍLIA, 2016).

“Esse”, pronome usado por Emília, faz referência ao texto que ela escreveu intitulado “Atitude”, produção que fez questão de dizer que foi ela quem escreveu, ao nos pedir que, durante a pesquisa, fossem identificados seus escritos, para que todos soubessem que o texto era de sua autoria.

Mais que inspiração, o escrito de Emília é, como ela bem diz, uma reflexão. Ao buscar compreender o porquê do choro do homem ao nascer, em sua concepção, no decorrer dos seus dias, se mostra tão cheio de vida, forte, mas que no fundo tem seus limites. O choro é devido à admiração de chegar ao mundo? Questiona Emília em poema que ela intitulou de *Atitude*. Atitude esta que levou Emília a refletir sobre o significado de certas posturas tomadas diante da vida.

Esta é apenas uma parte do referido escrito que, originalmente, é constituído por quatro laudas.

Figura 9 – Escritos de Emília, parte I.

ATITUDE

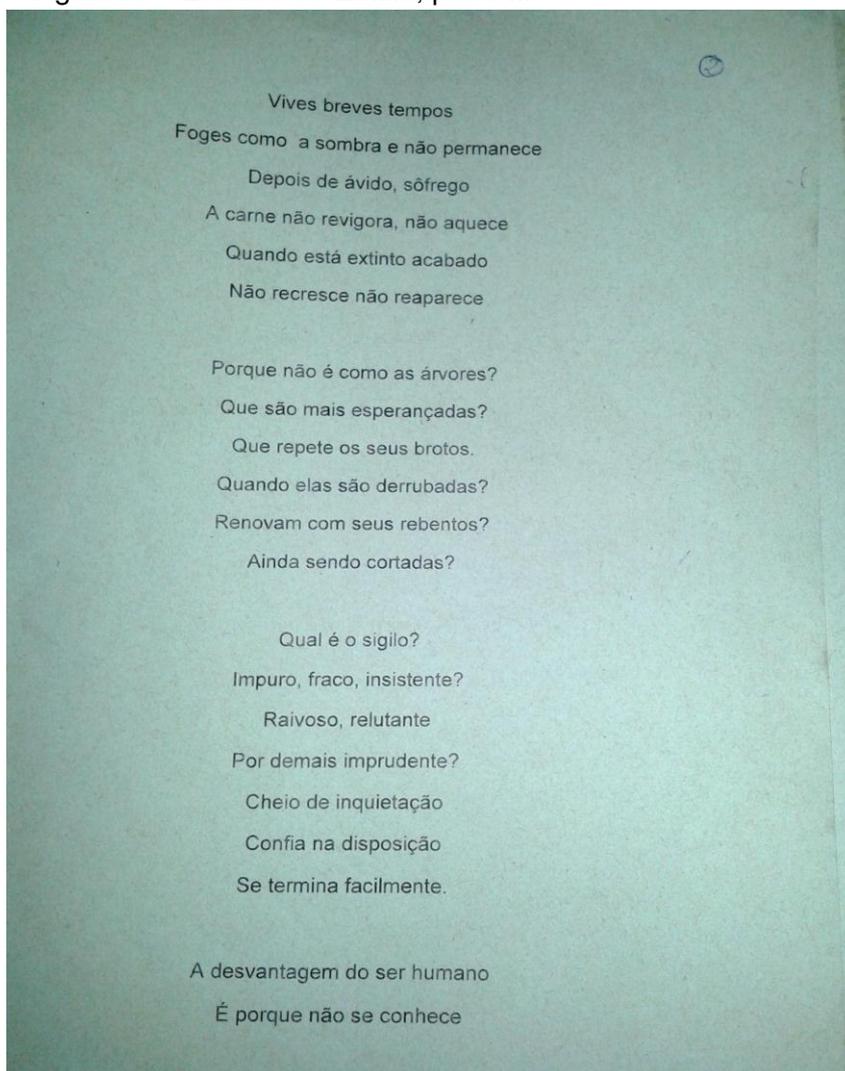
Porque o homem nasce chorando?  
Com seu princípio original  
Nasce como a flor  
Amadurece e vai murchando?  
Se ver nascer, não ver crescer  
Fisicamente funcionando?

Chega ao mundo com alarme  
Parece ficar assustado  
Veio ao observador normal  
Deveria ficar admirado  
Com a difícil passagem do ar retida  
E a claridade emitida  
Será que estranha e chora espantado?

Instruído, decidido  
Artista, inteligente,  
Bravo, corajoso  
Intrépido, e tão valente,  
Energético, resolido,  
Vigoroso, destemido,  
Se torna fácil de repente.

Fonte: Arquivo pessoal de autora

Figura10 – Escritos de Emília, parte II.



Fonte: Arquivo pessoal de autora

## Lúcia

O cotidiano também é algo que faz brotar os escritos de Lúcia, como registramos na sua entrevista:

Eu gosto, eu escrevo, pena que esse caderno meu eu perdi. Mas eu tenho uma coisa aqui que tu vais te interessar. Lá na UNITI tinha uma professora que chegou e pediu que era para nós falarmos sobre Deus. Eu fiz o exercício e vou te mostrar. É pouca coisa, até peguei ele hoje aqui. Eu gostava muito de escrever cartas. Eu tenho até uma aqui da minha irmã e uma que escrevi para a pessoa que eu te disse que morei na casa dela. Tinha um caderno, mas perdi este caderno. Eu gostava muito de... quando eu estava gostando de algum cara eu botava tudo no papel, aí o pessoal até dizia:: Poxa Lúcia, mas você, hein? Tem uma cabeça!. Eu botava como ele era e tudo. Escrevia assim: "Vivo sonhando com este momento"... botava essas coisas assim. Eu desabafava. Eu tinha em caderno. Esse caderno eu

acho que com a mudança para esta casa aqui, foi perdido. Eu tinha muitos livros de receitas. Vixe! esse aqui é só um dos... (LÚCIA, 2016).

Seus escritos são frutos de experiências pessoais: os bilhetes que escrevia na juventude; as cartas trocadas com familiares e amigos; o livro de receita, que até hoje tem alguns dos muitos que já teve guardado em sua casa. Eis um trecho do rascunho de carta que ela enviou para uma amiga.

Maiobão 03 de julho de 2015

Oi D. Sônia ?

Tudo bem?

Espero que tudo esteja bem aí com vocês. Estou escrevendo porque senti saudades, de voce da Mariana e da Carol, (aliás a mamãe Carol) afinal é menina ou menino? E a Mariana ainda não tem filhos? E você, o que me conta de novidades sobre o Xandy? Deve estar quase formando não é mesmo? Quando ver a Cristina dá um abraço nela que eu mando.

Felicamente devo lhe dizer que só por um milagre de Deus, voce está lendo minha carta, pois já enfrentei a morte duas vezes e Graças a Deus continuo viva.

A primeira vez escapei de uma bala no ônibus cheguei a sentir os estilhaços do vidro no meu rosto, deve estar com seis meses que aconteceu.

A segunda vez está mais ou menos com um mês, fui parar debaixo de um caminhão em movimento. Ao atravessar a rua, o caminhão que estava dando marcha ré, bateu no meu rosto e eu cai há pouco centímetros da roda.

A minha sorte foi o povo que começou a gritar e o motorista parou o carro.

Com base nos relatos e escritos compartilhados conosco, observamos a ocorrência de diversos gêneros textuais presentes no cotidiano das entrevistadas. Dentre estes gêneros, encontramos principalmente as cartas e poemas.

Sobre eles, Marcuschi (2005) afirma que a escrita encontra-se inserida em contextos básicos do dia a dia, e os gêneros textuais aí se encontram comunicando algo a alguém. No caso das mulheres, eles transitam do privado ao público, espaços onde elas criam e destinam sua escrita a outrem.

Tal afirmativa vem ao encontro da concepção de gênero textual, abordada por Bakhtin (2006), no que tange ao dialogismo como princípio criador da linguagem, no qual afirma que todo enunciado consiste em partir de um locutor para o seu enunciatador, a exemplo de Emília que tem a consciência de que seus escritos precisam ser compartilhados com alguém: ela quer se mostrar, assinar seus escritos. Da mesma forma, Lúcia, ao trocar cartas com uma amiga que mora em uma cidade distante, esta a escuta.

Nesse ponto, convém perceber que, na fala de Eva, muitas de suas cartas perderam o caráter dialógico da linguagem, ao serem guardadas em suas caixas; tal como Clarice que se refere a muitos de seus poemas que foram escritos, mas ela não teve coragem de compartilhá-los com alguém por achar que os escritos expõem seus sentimentos e assim não tinham o devido valor e, por isso, os mantém guardados. Em contrapartida, percebemos que os escritos dessas mulheres retomam o princípio da linguagem, quando adentram outros contextos sociais por elas frequentados.

Servem como ilustrações para esse princípio, o discurso apresentado por Eva, na Conferência Estadual de Alimentação e Nutrição, assim como o poema de Clarice, escrito para homenagear sua professora de ginástica no Projeto Uniceuma Sem Fronteiras. Tais escritos poderão ser conhecidos mais adiante, quando tratarmos das instituições de empoderamento e identidade.

Como podemos observar, no exercício da prática cultural da escrita, as mulheres anônimas buscam através dos poemas e cartas, registrarem suas experiências pessoais, nem sempre valorizadas. A colocação de Certeau (2009, p.342) permite que percebamos

[...] quanto nos falta ainda compreender dos inúmeros artifícios dos "obscuros heróis" do efêmero, andarilhos da cidade, moradores dos bairros, leitores e sonhadores, pessoas obscuras das cozinhas .como tudo isso é admirável.

Porém temos que convir que na construção da história oficial, os registros femininos, em sua maioria, foram alvos do anonimato, o que de certa forma invisibilizou o conhecimento da escrita das mulheres. Essa situação parece não ter sido superada em pleno século XXI. Aliás, é o que nos mostra a entrevista concedida por Motta à jornalista Carla Melo, do Caderno Alternativo do jornal O Estado do Maranhão, em outubro de 2014. Na ocasião, a pesquisadora falou sobre a trajetória da escritora e professora Laura Rosa, temática esta também abordada em palestra proferida na Academia Maranhense de Letras, no mesmo ano.

Conforme Melo (2014), Motta conta que Laura Rosa foi a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Maranhense de Letras (AML) e fundadora de número 26. Esta poetisa é pouco conhecida entre os próprios maranhenses, embora sua produção tenha sido veiculada em vários estados do Brasil, entre eles, Pará e

São Paulo. A atividade literária de Laura Rosa antecedeu à de docente, tendo em vista que sua primeira crônica foi publicada em 1897, intitulada *A Fantasia*, e sua primeira poesia, em 1898, *Aurora*, ambas na Revista Elegante, de circulação maranhense.

Ante um vasto material, Motta organizou as poesias, ora no prelo, e pretende lançá-las no decorrer deste ano na obra intitulada *Poesias Reunidas de Laura Rosa*. Assim, a pesquisadora feminista quebra silêncios, constrói novas histórias junto a uma instituição predominantemente masculina.

Em entrevista datada de outubro de 2014, ela assinala que, ao se debruçar nas fontes como cartas, escritos e documentos, as fontes podem reconstruir a trajetória da escritora e professora maranhense. Durante a entrevista Motta considerou que: “Estas fontes de pesquisa não são fartas. Em Caxias foram encontradas, quase que por acaso, parte dos seus documentos, que iam ser jogados fora viabilizando o resgate das suas informações pessoais” (MELO, 2014, p. 1).

Dito isso, acreditamos que é preciso resgatar mais registros femininos e que as instituições aceitem o desafio de desconstruir o que já está posto. Do contrário, a História continuará sendo dominada pelos escritos dos grandes heróis, excluindo-se, assim, o direito à participação dos registros elaborados pela pena de heroínas.

E pensar nesses escritos amplamente legitimados pela História oficial é irmos ao encontro do que fala Bourdieu (2002) quando se refere ao poder de dominação masculina como aquele que, em seu *status* privilegiado e reconhecido universalmente, ocorre em todas as condições que lhe favoreçam o pleno exercício, afirmando-se na objetividade de estruturas sociais produtivas e reprodutivas.

Nesse contexto, torna-se relevante a abertura de espaços que busquem a quebra desses paradigmas já incrustados em nossa sociedade, oportunizando a mulheres idosas não só o desenvolvimento e aperfeiçoamento de suas habilidades como a escrita, mas também a valorização de seus escritos, de modo que possam contribuir com novos discursos que, somados a outros, construam novas imagens e representações da mulher na terceira idade.

Para as mulheres idosas de nossa pesquisa, a instituição educacional foi o primeiro passo para o desenvolvimento de seus escritos e, também, para a descoberta de novas identidades.

## **5.2 Instituição educacional, empoderamento e identidade**

A educação e a cultura são instrumentos que podem potencializar o empoderamento das mulheres, haja vista ser este uma ação que se constrói em meio ao social de maneira direcionada e dinâmica. Sendo assim, o processo de empoderamento não é algo que acontece de maneira espontânea. Por isso, Meirelles e Ingrassia (2006, p. 3), afirmam que “[...] no termo empoderamento há noção de um processo dinâmico que se constrói a partir das práticas produzidas pelos sujeitos e se dá por meio do contexto em que estão inseridos”. O que significa dizer que empoderar é fornecer subsídios para que as mulheres idosas possam ultrapassar os limites da invisibilidade.

Em se tratando da prática da escrita, a participação nos espaços educacionais, dentre várias instituições, exercem relevância no processo de empoderamento de muitas mulheres, na medida em que seus escritos não mais se tornam silenciados, ganhando com isso visibilidade. Tal visibilidade contribui para o processo de empoderamento feminino, pois permite que as mulheres se sintam mais capazes de continuar no exercício da escrita, conforme podemos perceber na fala das informantes ao relatarem o primeiro contato que tiveram com a prática da escrita.

Clarice se reporta a sua vida escolar para nos dar sua resposta. Ela cita o momento em que participou de um concurso literário promovido pela escola, momento em que foi incentivada a pesquisar e escrever sobre a cidade em que morava - Bacabal. Embora não acreditasse muito no seu potencial, devido à herança cultural recebida pelo pai, ela conseguiu alcançar o primeiro lugar. Como relembra:

Olha, quando eu estudava ainda no curso primário teve um concurso literário no Grupo Escolar Oswaldo Aranha, que era pra falar de Bacabal. Eu achei tão bonito o que eu escrevi e ficaram algumas frases na minha cabeça e eu ganhei aquilo (concurso). Eu achei muito legal! Você não sabe o que é púcaro não, né? Algo de colocar o pó. Achei muito legal! Foi isso que eu ganhei, eu queria escrever a folha de papel almaço inteira! Eu fui sem comprometimento nenhum, e não acreditava que pudesse ganhar.

Achava que as outras meninas eram mais competentes. Elas tinham mais conhecimento, por conta do pai que deveria ajudá-las. Porque o pai delas lia e o meu era analfabeto de pai e mãe e não permitia que a gente falasse de livro lá na minha casa. Essas coisas... (CLARICE, 2016).

Outro momento também foi compartilhado conosco: Clarice, agora em outra fase da vida, fala com muito carinho da UNITI, onde, segundo ela, depois de muitos anos, foi incentivada a voltar a escrever com ajuda de um professor que muito contribuiu para que hoje, não só voltasse a escrever, mas também compartilhasse conosco seus escritos. Clarice voltou a participar de outros concursos literários, nos quais teve seus escritos contemplados com publicações como se refere:

Mas o que de fato me levou a escrever foram as minhas aulas da UNITI, com o Professor Fábio. Porque ele se apresentou no início do ano como professor de Literatura e era bonito como ele falava e me encantava. Aí, eu disse pra ele, que eu adorava poesia e adorava ler, mas que não me atrevia a escrever. Ele disse: mas a senhora tem potencial sim, se a senhora quiser, a senhora começa a escrever agora! Eu falei para ele: Ah professor eu não tenho essa capacidade. Ele disse: Dona Clarice todos temos, todos, é só cutucar. Apontando para mim disse: tá guardado aí dentro da senhora. A senhora busca, que a senhora consegue. E aí foi fluindo. De repente fui sentindo o desejo, a qualquer hora do dia ou da noite. Corria e colocava no papel. E coisas que eu rasgava porque não achava bacana, depois eu fazia de novo. Foi quando na UNITI indicaram meu nome para participar do Concurso na Academia Maranhense de Letras. Eu ganhei, e fiquei surpresa porque disseram que teria de escrever três trabalhos. Eu escrevi os três e só ganhei em dois. Um conto e a crônica. Eu fiquei feliz! Eu não podia deixar de agradecer ao meu professor. Fui atrás dele e entreguei um livro autografado. Muitos idosos concorreram com seus trabalhos, muitos! (CLARICE, 2016).

Na vida de Eva, a adolescência foi um momento de grande produção, escrevia muitos poemas, seus escritos eram motivos de admiração. Até mesmo para um homem que se hospedara no hotel de sua mãe, exatamente no quarto que era dela, antes de casar. Ao casar, ainda muito jovem, Eva deixou para trás, além da vida com a família, um quarto com uma estante cheia de coisas que escrevia. Tal habilidade foi desenvolvida graças à escola, como se refere:

Eu me casei muito cedo, minha família não queria que eu me casasse. Aí, nós fugimos e eu deixei pra trás tudo isso. Um dia eu voltei no hotel, cheguei lá em casa e tinha um homem. Ele olhou pra mim e perguntou: -- Você é Eva? Eu respondi: - Sou. -- Eu tinha muita vontade de lhe conhecer. Então perguntei: - Mas por quê? Ele disse: - Os seus escritos. O homem se apossou das minhas coisas. A mamãe no quarto em que eu dormia, transformou em quarto de hóspede, mas não tirou minha estante, com minhas coisas. E eu, também, não tive a ideia de trazer comigo meus

alfarrábios. O homem disse pra mim: -Você tem coisas lindas escritas!. Nem ele falando isso eu tive a ideia de pegar. Eu escrevia muito, a escola me ajudou (EVA, 2016).

O espaço da UNITI deu visibilidade à “fala impressa” de Eva, levando-a a representar o Projeto em Conferência Municipal realizada no ano de 2015. Sobre o discurso que escreveu para a ocasião ela diz: *Não escrevo muito, não. Ano passado é que eu ainda escrevi quando participei dessa Conferência, devido.*

A professora da disciplina de Nutrição, que convidou os alunos pra participarem da Conferência Municipal de Nutrição, fui eleita para representar a UNITI [...] Isso aqui foi o discurso que eu escrevi para a ocasião. Deixa eu ver aqui... uma reunião municipal... não, estadual e eu falei lá e saí delegada nas três esferas, na municipal, na estadual e na federal (EVA, 2016).

Discurso questionador, reivindicador, foi o proferido por Eva na Conferência Municipal. Ao romper os limites do privado, ela chega ao evento, que aconteceu em São Luís – MA, atentando para a necessidade de se dar uma maior visibilidade às pessoas idosas, reconhecendo-as como cidadãs de direitos e não só de deveres, haja vista que muitos idosos e idosas ainda contribuem com as finanças da casa com sua aposentadoria e continuam ocupando espaços enquanto vida tiverem. Eis um trecho do discurso:

Boa noite

Algumas informações:

Vocês sabem quantos somos, sabem quantos nós somos, digo nós, velhos, quantos velhos, têm a cidade de São Luís? Vocês têm ideia de quantos somos no Brasil? Vocês sabem quantos velhos representam a maior renda na família da atualidade? Vocês sabem quantos velhos continuam a ser a principal referência das crianças pequenas e adolescentes porque vivem com eles enquanto os pais trabalham ou estudam? Enfim, vocês sabem qual a representatividade dos velhos na economia do país? É por tudo isso que estamos aqui para buscar o direito de mostrar nossa cara e o direito de manter nosso espaço nas decisões em qualquer esfera e lembrar que estamos vivos e temos voz (EVA, 2016).

Desse modo, o acesso à prática da escrita originou-se no espaço escolar, e sua visibilidade ocorreu em espaços como a UNITI, estendendo-se até a Defensoria Pública do Estado do Maranhão. Emília fala com orgulho de quando se inscreveu para participar de um Concurso Literário, promovido pela Defensoria em parceria com a AML, no ano de 2012. O concurso resultou na obra intitulada “Revivendo memórias: São Luís 400 anos”, na qual constam três produções suas.

Teve um dia que eu fui na Defensoria Pública, lá tem uma parte para idosos, fui resolver o negócio da minha aposentadoria, e conheci uma pessoa de nome Larissa. Ela até mudou de lá. Sim, eu cheguei e falei: Ah! tu sabes que eu escrevo poesia?. Ela disse: O que Dona Emilia? A senhora escreve poesia?!. Então disse: pois se inscreva aqui. Era o último dia de inscrição do concurso. Tá vendo? Nessa época eu já estava estudando na UFMA. Para este concurso foram inscritas quase 100 pessoas, mas só passaram 18, e eu fui uma das! . E agora eu achei que essa oportunidade, para mim foi muita coisa! Lá no concurso em primeiro lugar a menina leu a minha biografia e depois de outras mulheres. Olha isso é que nem tu fazeres um doce e botar pra vender. Se as pessoas compram, tu ficas alegre satisfeita, quer logo voltar pra casa e fazer mais (EMÍLIA, 2016).

Ao contrário das outras informantes, Lúcia aprendeu a escrever em casa com a madrinha. Seus escritos também a fizeram ganhar num concurso literário, na época em que trabalhou numa loja de revelar fotos, na cidade do Rio de Janeiro, como registra:

Ganhei um concurso na época em que eu morava no Rio. Eu trabalhava numa loja de fotografia e escrevi uma poesia, não lembro sobre o quê. Só sei que ganhei um álbum de fotografia. Não sei se foi da Kodak ou foi da Fuji. Olha, eu te digo com sinceridade, depois que eu pego a caneta, as palavras vão fluindo, mas tenho um mal comigo: se eu errar umas duas ou três vezes, se eu riscar, pego outro papel e começo tudo de novo (LÚCIA, 2016).

A participação de seus escritos em outros espaços, antes e durante sua participação na UNITI, contribuíram decerto para o processo de empoderamento das mulheres, na medida em que estes (espaços) se apresentaram como espaços democráticos e participativos, conforme afirmam Deere e León.

No que tange ao empoderamento em relação à escrita, as entrevistadas se concebem mulheres empoderadas, no sentido psicológico, porquanto todas se sentiram encorajadas a escrever, ou por conta do conhecimento adquirido na escola, ou pelo incentivo que obtiveram depois de adultas em outras instituições e ocasiões.

Para Friedmann (1996), o empoderamento pode ocorrer em três eixos:

- ✓ Psicológico = na maioria das vezes é fruto de um trabalho que leva em consideração a intersubjetividade do sujeito, levando-o ao reconhecimento de sua própria força que engendra uma postura de autoconfiança;
- ✓ Social= refere-se ao acesso à informação, conhecimentos;

- ✓ Político= refere-se ao local onde os sujeitos podem manifestar sua voz, seja ela nas assembleias locais, ou somadas a movimentos políticos maiores.

A universidade da terceira idade proporcionou a Eva o empoderamento político, tendo em vista que, através de sua fala e escritos, ela participou na Conferência Municipal de Alimentação e Nutrição reivindicando direitos das pessoas idosas como cidadãs de direito. De acordo com León (2000), o empoderamento se dá de forma não linear e de maneira distinta para cada indivíduo.

De acordo com Vasconcelos (2001), o uso do vocábulo empoderamento transita por diversas áreas e campos do conhecimento, em especial, da Administração, da Economia, da Saúde Pública, da Psicologia e da Sociologia Política. Todavia, considerando o empoderamento das mulheres, Batliwala (2002) diz que o termo é resultado de muitas discussões relevantes, geradas a partir do movimento de mulheres, particularmente, pelas feministas do terceiro mundo, as quais tinham suas propostas pautadas nos princípios da educação popular do educador Paulo Freire e de Gramsci, teórico que se propõe a pensar na criação de mecanismos que visem à participação dos sujeitos na busca de democracias mais igualitárias.

Acatando o conceito de León (2000), concebemos o empoderamento como o ato de controlar a própria vida, aquisição de habilidades de fazer coisas, enfim controlar a própria agenda. Assim, escrita é algo que, segundo as idosas, empodera a mulher. Esta afirmativa foi feita por Eva e Clarice, referenciando a escritora Cora Coralina (1889-1985) a qual, para elas, é exemplo de mulher empoderada. Clarice usa o termo **senhora de si**, como referência àquilo que ela acredita ser o empoderamento. A escritora tinha domínio da própria vida e começa a escrever aos 70 anos, visto como um ato de coragem. Daí Clarice contar que:

Em uma das minhas viagens eu pude conhecer a casa de Cora Coralina. Eu me pego algumas vezes com certeza, fico bem corajosa. Lembro de Cora Coralina, que era mulher muito culta e senhora de si, que começou a escrever com 70 anos. Na política, os homens vinham pedir conselhos pra ela. Muito legal! Eu comprei o livro dela. Ela é uma mulher que com os seus escritos, nos influencia. Quando eu escrevo às vezes eu me sinto assim: capaz (CLARICE,2016).

Da mesma forma, Eva lembra da escritora Cora Coralina como alguém que se libertou-se daqueles que a tornaram submissas, durante grande parte do percurso de sua vida, mas que, em um dado momento, deu o grito de liberdade, como disse Eva. Quanto aos escritos, ao relembrar as atitudes da poetisa, deixa-os na iminência de eternizar cada ato da vida de escritora que ao serem lidos, serviram de exemplo como indicadores para leitura e forma de nos encorajar a tomar as rédeas de nossas vidas e a registrar sempre. Expressando-se Eva:

Sim! Cora Coralina é o nosso maior exemplo. Cora Coralina dizia que até os 16 anos ela foi submissa ao pai, aí depois dos 16 anos ela foi submissa ao marido, aí o marido morreu quando ela tinha 40 anos, dos 40 aos 50 ela foi submissa aos filhos, até que ela resolveu dar o seu grito de independência: Não vou ser mais submissa a ninguém. Aí ela já tinha muita coisa escrita. E aqueles escritos chegavam, não sei como, à imprensa. Só depois de quase 60 anos ela conseguiu publicar o livro dela. Se tu leres o livro dela, é uma coisa maravilhosa! Tu precisas ver (EVA, 2016).

Para Emília escrever é sinônimo de apropriação de conhecimento, e suas produções lhe são motivo de muito orgulho. Escrever faz com que ela se sinta uma mulher empoderada, pois a escrita é algo que, segundo ela, levanta sua autoestima.

Minha filha eu não me apego com ninguém, eu sou corajosa! Eu mostro para meus filhos que eles têm que ter conhecimento. A escrita me bota pra cima. Olha, eu chego na Defensoria e Dr, Juliano olha pra mim e diz: Dona Emília, Dona Emília não é fraca! Eu mostrava meus escritos pra juízes, juízas, pra prefeitos, pra advogados (EMÍLIA, 2016).

Quanto a Lúcia acredita que a prática da escrita pode empoderar a mulher, ao afirmar que sem a escrita não somos nada. E recorda que os trabalhos que teve foram conseguidos por conta desta prática que tinha. *"A escrita me beneficiou, pois através dela eu consegui muito trabalho, a minha letra também chamava muito atenção"*.

Diante dos relatos, percebemos que o estar em contato com os espaços públicos fez com que essas mulheres, diante da folha em branco, se sentissem capazes de produzir algo e livres para expressarem o que desejam. Isso nos proporcionou conhecer as diversas identidades vivenciadas por elas, ao longo de sua história de vida.

O estar em contato com projetos voltados para a terceira idade é um exemplo desta forma de ver-se envolta em outras identidades, pois tais projetos

proporcionam às mulheres uma nova maneira de se enxergarem nessa etapa da vida.

A definição de identidade é algo que caminha lado a lado com as concepções de sujeitos e, com isso, as sociedades de hoje estão imbuídas de uma instabilidade constante, levando-se em consideração as sociedades passadas, cujos valores encontravam-se cristalizados e repassados às gerações. Dessa forma, as transformações ocorridas na modernidade proporcionaram um indivíduo despido de suas bases imutáveis, tradições e estruturas (HALL, 2006).

Ademais, o que está em pauta nos dias de hoje é a transformação desse sujeito marcado por uma identidade única para um sujeito pós-moderno, de identidades múltiplas e até controversas. Da mesma forma, Cuche (2002) fala da inexistência de identidades puras e fixas, e se refere à capacidade de construção e reconstrução que se dá internamente nas trocas sociais e se caracteriza pelo grupo de vinculações em um sistema social. Logo, “cada um integra, de maneira sincrética, a pluralidade de referências identificatórias que estão ligadas à sua história” (CUCHE, 2002, p. 195).

Por sua vez, Hall (1997) destaca que o “ser velho” é algo que se aprende. Logo, as percepções que se têm sobre si mesmo são construídas com base na produção cultural, o que chamamos de “nossas identidades”, e poderiam ser concebidas como as sedimentações, através do tempo das diferentes identificações ou posturas que assumimos viver, como se fossem originadas do nosso interior. Mas, de fato, são ocasionadas por um conjunto de razões, sentimentos, histórias, experiências singulares pertencentes a nós como sujeitos individuais. Assim, Debert (2003) afirma: a velhice, até então concebida como um processo de declínio da saúde, isolamento, invalidez, passa a se configurar como um momento para se realizar novos projetos de vida. O vocábulo “velho” dá lugar ao termo idoso.

Essa influência cultural, ocasionada pelas experiências vividas pelas mulheres nos espaços públicos, foi identificada na fala de Clarice, quando se vê envolvida em atividades que não lembram uma velhice centrada nas imagens negativas do processo de envelhecimento, tampouco a uma imagem de mulher que, ao chegar à terceira idade, se dedique a atividades que exijam menos do seu intelecto.

Eu escrevo, também, assim, por exemplo, lá no CEUMA, as minhas colegas me pediram pra eu escrever alguma coisa para a professora de ginástica, porque era aniversário dela, aí eu peguei e escrevi. Lá eles me chamam de poetisa, minha poetisa, porque uma vez eu postei uma coisa no whatsapp e elas gostaram muito. Eu não me considero uma poetisa, por conta das minhas limitações, eu não terminei meus estudos. (CLARICE, 2016)

[...] Lá o projeto é totalmente voltado para atividade física, aí nós fazemos caminhada, corrida hidroginástica. [...] Eu não me vejo mais sentada numa cadeira bordando e fazendo tricô (CLARICE, 2016).

Clarice frequenta uma universidade particular da capital, que também realiza trabalhos voltados para os idosos. Sua fala nos dá indícios das novas identidades vividas por ela. Clarice representa a mulher da terceira idade ativa, através das atividades físicas que são oferecidas pela instituição. Também a prática da escrita que lhe foi incentivada em outros momentos de sua vida a faz compactuar da identidade de poetisa.

Abaixo consta o texto escrito por Clarice para homenagear sua professora.

#### A professora

Ela é bonita doce e brejeira  
Cheia de charme e encantos mil  
Podendo até ser eleita  
A mais bela do Brasil

Na ginástica "outrora" doce  
Pois nem é mais tão doce assim  
Ela decidiu; transformar hoje  
Toda a turma em manequim  
A pesar do salto alto  
E do seu batom vermelho  
Ela esbanja ternura e afago  
Quando o assunto é Uniceuma sem fronteiras

Essa é a minha homenagem singela  
Nesse dia oito de março  
Para uma mulher incrível  
Cujo nome é Karla Castro.

São Luís, 08 /03/2014.

No cenário da pós-modernidade, Clarice é este sujeito que, segundo Hall (2006), vivencia as múltiplas identidades, encarna o sujeito contemporâneo que, posto à luz dos diversos contextos, molda suas identidades, originando-as novas e diversas, resolvidas ou não.

Ainda de acordo com Hall (2006), a crise é algo que põe em evidência as discussões sobre as identidades. Compreender o sujeito contemporâneo requer observar sua transição ao longo do tempo. Assim é que o sujeito iluminista é um indivíduo totalmente centrado, unificado, portador de consciência e razão; o sujeito sociológico tem sua identidade originada a partir da relação com o outro; e o sujeito pós-moderno é aquele destituído de uma identidade imutável, haja vista ser esta “uma celebração móvel”, formada e transformada continuamente.

Lúcia, com o passar do tempo, foi “celebrando o móvel”. Antes de se aposentar exerceu várias atividades tidas como femininas, porém lhe afastaram do hábito de escrever, como ela recorda:

Quando eu retornei pra São Luís, o tempo que eu tinha eu fazia artesanato, larguei a escrita. Eu sempre gostei de artesanato para tu veres, lá no Rio, eu até queria fazer um curso, mas a minha patroa não deixava, eu tinha que ficar cuidando do filho dela: não tinha tempo, só se eu deixasse de trabalhar. Ela não me dava folga, se aproveitava de mim, porque eu morava na casa dela (LÚCIA, 2016).

Teixeira (2008), na obra “Escrita de mulheres e a (des) construção do cânone literário na pós-modernidade”, sinaliza para uma realidade comum no mercado de trabalho brasileiro e aponta o exemplo das mulheres paranaenses que, muito embora representem uma porcentagem significativa de 44% no mercado de trabalho, seu rendimento ainda é 42% inferior aos dos homens. Tal situação é resultante da inserção precária das mulheres em atividades de menor prestígio social, como as da saúde, educação, serviços sociais e, principalmente, os serviços domésticos.

Para Teixeira (2008), a produção de autoria de mulheres sempre foi excluída, por diversas razões. Entre estas, o puro preconceito de uma sociedade atrelada a valores patriarcais que reservava à mulher o papel de esposa e mãe. Dessa forma, a maioria das escritoras paranaenses da atualidade mantém a atividade literária em segundo plano, dando destaque a outras funções que lhe dêem um maior retorno financeiro.

Voltando à realidade de Lúcia, vemos que o espaço da UNITI lhe proporcionou alguns momentos com outras disciplinas e uns poucos com a escrita. Mas, ainda assim, percebemos que sua identidade feminina não mais se encontra presa às atividades manuais. Além de ser uma mulher independente, - ela mesma é

quem resolve seus problemas pessoais -, exerce hoje o papel de aluna quando está na UNITI. A escrita lhe acompanha, quando solicitada, dando-lhe a liberdade de expor sua opinião em relação a alguma temática. Espiritualidade, como ela própria afirma em sua fala, foi um texto que ela produziu enquanto esteve frequentando uma das aulas da disciplina de Vida e Espiritualidade.

Quando eu falei lá em casa, que eu estava fazendo curso na UNITI, me falaram: - Lúcia você ainda está estudando? Nessa idade, você ainda está estudando?! Eu digo: - É, fazendo curso. Eu estava parada, mas porque eu não tinha opção. Quando eu descobri a UNITI, eu disse: - Ah! Eu quero entrar. O pessoal da igreja me convidou. A minha opção era fazer estas "besteirinhas". Antes eu fazia algumas coisinhas de artesanato, hoje não tenho mais tempo, porque saio pra resolver minhas coisas. Vou para UNITI e não tenho mais tempo. Olhe minhas provas. Olha aqui minha prova de inglês. Esse é o material que tenho da UNITI, isso aqui é só do ano passado. Esse aqui foi um texto que a professora pediu para se falar sobre espiritualidade. Eu escrevi esse aqui (LÚCIA, 2016).

Eis o texto escrito por Lúcia:

A espiritualidade é a essência de nossa vida. Todos nós (humanos) devemos acreditar em um ser superior que é Deus, o Supremo, o Todo Poderoso. Contribuí muito para a nossa saúde e o bem estar de todos nós, pois é através da fé em Deus que conseguimos vencer os problemas espirituais e materiais, os obstáculos que encontramos em nossa caminhada.

Temos paz, Saúde, bem estar e tendo fé vencemos o mundo.

Tendo amor no coração vencemos todas as dificuldades.

Foi esse Deus que nos soprou o hálito em nós (LÚCIA, 2016).

Emília, da mesma forma que Lúcia, também se dedicou durante muito tempo a atividades ligadas à identidade feminina como a costura. Por conta desta, chegou a abandonar a escrita. No entanto, assim como obteve êxito na costura, ela também espera consegui-lo na escrita e ser reconhecida como poetisa. Identidade que ela faz questão de assumir, ao afirmar:

Eu tenho aquela vontade. Acho que isso eu trouxe de berço, meu dom de natureza. Sempre escrevia poesia desde menina. Só que eu achava difícil, parei um tempo, larguei de mão, sabe? Eu costurava. Essa escrita minha fez com que eu terminasse meus estudos. Senão eu estava aqui feito "besta". Com elas aqui só manuscrito sabe? Ficava aqui, só pensando. Mas eu escrevo muito, para ver se chego onde eu quero chegar. Tu está entendendo? Eu queria mais sucesso, ser bem-sucedida, como eu fui na costura, sabe? [...] Eu gosto de ser chamada de poetisa! Eu sinto orgulho! E quando o povo chama... Vixe! Quando eu escrevo alguma coisa que olho assim... Eu mesmo fico me aplaudindo, dentro do meu juízo, do meu pensamento. Oh, meu Deus! (EMÍLIA, 2016).

Já Eva, quando está em casa, através dos seus escritos de desabafos, ratifica sua identidade feminina com a maternidade. O discurso que ela escreveu para o filho, por ocasião de doença dele, sinaliza esse aspecto. Todavia, descobrimos que novas identidades surgem, quando conversamos com ela sobre a proposta que havia escrito para ser apresentada na 5ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, apontando metas para erradicar a extrema pobreza no país. O evento foi realizado em Brasília, em 2015, e todos os Estados enviaram seus representantes. Ela que já havia representado a UNITI nas Conferências Municipal e Estadual, dessa vez foi mais longe, representando o Estado do Maranhão. Seus relatos nos trazem um pouco do que ela registrou em sua proposta.

A minha proposta na Conferência Nacional (porque lá você tem que justificar) foi para que os idosos tivessem acesso à alimentação, aos bancos de alimento e que fosse alimentos... é tipo nutrientes. Mas não é nutriente o nome, por exemplo, do babaçu, da castanha do Pará. Esses nutrientes têm um nomezinho. E que, se colocassem juntos aos bancos, estes tipos de coisas, que pudessem enriquecer a alimentação do idoso. Que a gente sabe que muito idoso não tem acesso a uma alimentação balanceada; e esses componentes ajudariam. Então esses ficariam junto ao banco. E que junto ao banco, esse idoso também tivesse acesso a cada seis meses, o direito a uma consulta médica de um nutricionista e um gerontólogo. Acho que isso diminuiria as filas nesses hospitais. Mais de 2000 mil pessoas estavam lá na Conferência Nacional, mais de 50 países, gente de todas as etnias. Tinha índio, tinha o povo africano. A minha proposta foi deixada lá (Brasília), mas são muitas, já que cada Estado mandou um representante (EVA, 2016).

Dentre suas reivindicações, Eva também ressaltou a prioridade de atendimento em consultas de perícias médicas e agilidade no judiciário para as questões do idoso que precise ser acolhido em casas de abrigo, uma vez que a maioria deles não tem família ou algum parente para resolver situações particulares e, com isso, sofre com a demora nesse tipo de atendimento. E justifica sua solicitação: *“Não é fácil não, é uma burocracia terrível. Na justiça, a minha família mesmo teve um problema que o processo até hoje não foi resolvido”* (EVA, 2016).

O envolvimento de Eva com a causa dos idosos também revela a imagem de uma identidade assumida por ela, não enquanto mãe, mas enquanto um sujeito político como uma mulher ativa durante o processo de envelhecimento, o que *“consolida-se na percepção que tem o sujeito do seu poder sobre si mesmo, sobre os outros e os acontecimentos”* (SANTOS, 1996, p. 61).

Peixoto (1998) afirma que o envelhecimento em alguns grupos de idosos e setores da sociedade, cujo comportamento se dá de maneira ativa, coaduna-se com atitudes de independência, autonomia, mobilidade, convertendo-se então em uma nova etapa da vida na qual a ociosidade representa a prática de outras atividades mais dinâmicas, produtivas.

O estar em contato com a escrita no âmbito da Universidade da Terceira Idade – UNITI faz com que mulheres mudem o contexto dos seus escritos e externem outras experiências que não aquelas vivenciadas apenas no lar. E este diálogo com outros espaços contribui para que as gerações futuras que tenham acesso às memórias construídas na nossa contemporaneidade reconheçam outras identidades femininas nas mulheres que passam pelo envelhecimento nos dias de hoje.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revelou que entre as quatro mulheres entrevistadas todas tinham algum escrito. Mesmo que de maneira esporádica, elas produziram seus escritos e ultrapassaram o âmbito privado, quando vivenciaram outros espaços. Suas narrativas constituíram um elemento que nos permitiu amplas leituras. Vozes distintas, sentidos diversos se cruzaram, dando-nos a oportunidade de partirmos dos relatos individuais para adentrarmos aos coletivos.

Tal como Benjamim (1994), ao descrever o narrador, as narrativas das mulheres se referem às sementes que, mesmo armazenadas em locais fechados, ainda assim possuem a capacidade de germinar. Da mesma forma, seus textos, mesmo estando presos ao âmbito do lar, ao adentrarem outros espaços foram capazes de revelar as diversas identidades femininas, materializando, assim, a voz da mulher que se sente a todo instante capaz de lançar mão da caneta para registrar suas experiências. Dessa forma, conseguiram fazer com que a linguagem atingisse sua real função: comunicar.

Através dos poemas, cartas e discursos, tivemos acesso às suas falas impressas que, confirmadas pelas memórias, também nos revelaram a necessidade que se tem de incentivar as mulheres a se fazerem presentes nos espaços públicos, através de seus escritos.

Em nossa visita aos arquivos da UNITI, percebemos o quanto a instituição contribuiu através da disciplina Criação Literária, para que elas lá estivessem presentes. A participação das discentes nas três edições do jornal UNITI, bem como nas obras que lá encontramos e nos poucos textos avulsos localizados, demonstraram o quanto nós, mulheres, estamos presentes naquele espaço.

No entanto, esta presença corre o risco de ser apagada, pois as alunas que participaram de nossa pesquisa - embora uma delas tenha sido incentivada pelo professor de Literatura da UNITI a escrever - hoje têm seus escritos gerados por conta de uma ocasião ou outra nas diversas instituições de que fazem parte. Logo, estes registros por falta de uma atividade mais direcionada para a produção de textos acabam restritos ao âmbito do lar e, restritos a este espaço, vão perdendo a oportunidade de construir a história das mulheres idosas da nossa

contemporaneidade, a partir de sua própria visão, e não apenas com base nos discursos e estudos voltados para a terceira idade.

Despertamos assim para a necessidade de uma maior relevância para a prática da escrita dentro de instituições como a UNITI, porque atingir a terceira idade é também se dedicar a participação das atividades intelectuais. A prática social da escrita exerce influência positiva ao longo da vida, pois juntamente com a leitura e outras atividades frequentes do espaço educacional, promovem, dentre outros benefícios, a prevenção de doenças degenerativas como o mal de Alzheimer.

De acordo com a Associação Brasileira de Alzheimer - ABRAZ (2011), estudos liderados pela cientista Deborah Barnes, da Universidade da Califórnia, em São Francisco–EUA, revelaram que o fator que parece causar a maior porcentagem de casos da doença, segundo pesquisadores, é o baixo nível educacional (19%), seguido pelo tabagismo (14%), falta de atividade física (13%), depressão (11%), hipertensão na meia idade (5%), obesidade na meia idade (2%) e diabetes (2%). Sendo assim, podemos perceber que a escrita pode se estender ao longo de nossas vidas como algo benéfico também para a saúde.

E as mulheres que atualmente frequentam o Projeto da UNITI, além de usufruírem desta prática para saúde, podem e devem somar conosco na construção da nossa história. Percebemos que as cartas e as poesias foram as práticas mais citadas pelas alunas que participaram da nossa pesquisa, sinalizando sua tentativa de participação na “palavra pública”.

A pesquisadora Michelle Perrot já falava dessa tentativa ao se referir às mulheres burguesas do século XIX que, apesar do *status*, ainda assim travavam lutas para se fazerem presentes pela palavra escrita. Não obstante essas lutas, o poder pela palavra escrita se deu “primeiro pela correspondência, depois pela literatura e por fim, pela imprensa” (PERROT, 1998, p. 59). Somos cientes das dificuldades que até hoje as mulheres escritoras do Estado do Maranhão enfrentam para adentrar espaços como a Academia Maranhense de Letras, pois, para isso, precisam usar não apenas seus conhecimentos, mas também recorrer a algumas influências para serem reconhecidas na arte literária.

Ao percorrer a história de vida das alunas da UNITI, percebemos que a sua relação com a escrita nem sempre é valorizada pelos filhos, netos e familiares, o que nos leva a crer que muito embora a escrita se manifeste para algumas como a

escrita do desabafo, muitas vezes a fazem mergulhar num espaço que é só delas. Esses espaços mais intimistas foram aqueles que nós, enquanto pesquisadora, não conseguimos adentrar, nem na sua fala e nem na mostra dos seus escritos pelo fato de considerarem suas produções de pouca relevância para serem compartilhadas em nossa pesquisa. O falar de si ainda é algo que apresenta grandes barreiras para elas.

Quem lê, escreve. Esta frase é comum em nosso meio, mas em se tratando das nossas colaboradoras, estas escrevem para quem? E para quê? Nossa pesquisa evidenciou que os escritos, em sua maioria, ficavam guardados ou eram rasgados. Pelo contrário, todos os momentos vividos para além da casa foram compartilhados, valorizados e aplaudidos.

Na própria UNITI, espaço de empoderamento, muitas dessas mulheres viram que, muito além da função de avós, são mulheres capazes de fazer escolhas em suas vidas. Daí a necessidade que temos de resgatar os registros femininos, para que não permaneçam ocultos na história oficial.

O resgate desses escritos gera nas mulheres uma valorização de si próprias. Durante a nossa entrevista, muitas delas diziam que nada tinham escrito, mas, no decorrer de nossas conversas, os escritos iam aparecendo. Constatamos que as mulheres se sentem empoderadas ao perceberem a capacidade que têm de poder escrever algo. Entretanto, a maior dificuldade que tivemos foi tentar convencê-las de que aquilo que escrevem tem importância para a construção de nós, mulheres. Depois de longas conversas, as quatro entrevistadas declararam já ter pensado em escrever sobre si e revelaram o desejo de contar a história de suas vidas por meio da publicação de um livro.

Três das nossas entrevistadas revelaram que não tinham muita dificuldade com a escrita, mas reconheciam que essa prática também poderia ser percebida em pessoas que não tivessem nenhum grau de estudo. Uma delas afirmou que sente as limitações da escrita por conta das regras gramaticais.

A trajetória de Walter Benjamin nos deixa claro que não foi somente a sua formação intelectual conquistada nos âmbitos acadêmicos que influenciaram seus estudos, mas o currículo não oficial que englobou o campo da teologia, da literatura e tantos outros que o fizeram se apropriar do conhecimento, pois “apesar de obter um título acadêmico, que o legitimou junto a instituições universitárias e à

comunidade científica, Walter Benjamin ridicularizava a universidade porque julgava que nela aprendia pouco” (NUNES, 2005, p.10).

Este fato nos direcionou a trilhar por caminhos que não se encontram voltados apenas para os fatos narrados pela história linear, mas nos conduziram ao encontro daquelas que correm o risco de terem suas experiências esquecidas por não se enquadrarem no rol das obras canônicas.

Portanto, como não conceber os relatos de experiência das mulheres idosas com a escrita, como parte da história de sujeitos que conseguiram se empoderar e fazer uso das identidades possibilitadas pela escrita? É possível que a experiência destas mulheres venha a contribuir para a construção de um conhecimento dito científico. Através do nosso estudo, acreditamos que sim.

## REFERÊNCIAS

AMENDOEIRA, Maria Cristina Reis. Mulheres e o envelhecimento: como manejar, transcender as perdas na velhice?. **Revista Psicoterapia**: edição especial, São Paulo, n. 2, p. 36-41, 2015.

ARANHA, Graça. **Trechos escolhidos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1970.

ÁLVARES, Maria Luiza Miranda; SANTOS, Eunice Ferreiras dos. (Orgs.). **Desafios de identidades**: espaço-tempo de mulher. Belém: CEJUP, 1997.

ARAÚJO, Nara. **O tempo e o rastro**. Florianópolis: Mulheres, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ALZHEIMER. **Estudo aponta sete medidas para evitar mal de Alzheimer**. Disponível em: <<http://www.abraz.com/noticia.br>>. Acesso em: 1 set. 2014.

AUTRAN, Anna. A mulher e a literatura. In **Diário da Bahia**. Ano XVI, nº 197, p. 1-2, 1871

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Ática, 2003.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

BATLIWALA, Srilatha. El significado del empoderamiento de las mujeres: nuevos conceptos desde la acción. In: LEÓN, Magdalena. **Poder y empoderamiento das mujeres**. Santa Fe de Bogotá: T/M Editores, 1997.

BAZERMAN, Charles; HOFFNAGEL, Juditi Chambliss; DIONISIO, Ângela Paiva. (Orgs.). **Escrita, gênero e interação social**. São Paulo: Cortez, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: obras escolhidas. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEL, Haya del. A imagem da mulher e a subjetividade na literatura de autoajuda. **Revista de Psicoterapia**: grandes temas do conhecimento psicologia. São Paulo, ano 2, p. 25-29, 2014.

BONINI, Adnar. A noção de sequência textual na análise pragmático - textual de Jean - Michel Adam. In MEURER, J. L., BONINI Adair; MOTTA Désirée (Orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola editorial, 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRANCO, Lúcia Castelo; BRANDÃO, Ruth Silvano. **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Casa Maria Editorial: LTC Livros Técnicos Científicos, 1989.

BRANDÃO, Izabel (Org). **A mulher na Literatura Universitária**. Maceió, 2000.

BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Censo de Educação Superior 2010**: divulgação dos principais resultados do censo de educação 2010. Brasília: Ministério da Educação e Cultura (MEC), 2011. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=9332-texto-divulgacao-censo-2010-novo-pdf&category\\_slug=novembro-2011-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9332-texto-divulgacao-censo-2010-novo-pdf&category_slug=novembro-2011-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 20 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Síntese de Indicadores Sociais 2010**. Disponível em: <[http:// www. ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) >. Acesso em: 17 jan.2015.

CARDOSO, Manoel Frazão. **O Maranhão por dentro**. São Luís: Lithograf, 2001.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: ARIÉS, Philippe; DUBY, Georges. **História da vida privada**: da renascença ao século das luzes. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do Cotidiano**: morar, cozinhar. v. 2. Tradução: Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2009.

COLIN, Cherry. **A Comunicação Humana**. São Paulo: Cultrix, 1971.

CORREIA, Viriato. **Cazuza**: a história verdadeira de um menino de escola. São Paulo: Nacional, 1990.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás**. São Paulo: Global, 2003.

COSTA-HÜBES, Terezinha Conceição. **O processo de formação continuada dos professores do Oeste do Paraná**: um resgate histórico-reflexivo da formação em

língua portuguesa. 2008. 109 – 110f. Tese (Doutorado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Paraná: Universidade Estadual de Londrina, 2008.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.

CUBA, Conceição. **Guarnicê e cidadania**: na amizade dos idosos cariocas e ludovicenses. São Luís: EDUFMA, 2015.

CUNHA, Washington Dener dos Santos; SILVA Rosemaria J. Vieira. A educação feminina do século XIX: entre a escola e a literatura. **Revista Gênero**. Niterói, v. 11, n. 1, 2010. Disponível em:

<<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/62>>. Acesso em: 4mar.2016.

DEBERT, Guita Grin. O velho na propaganda. **Cadernos Pagu** [online]. 2003, n.21, pp.133-155. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332003000200007>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

DEERE, Carmem Diana; LEÓN; Magdalena. **O Empoderamento da Mulher**. Porto Alegre: UFRGS; 2002.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DIARIO La Capital. **Antiprincesas**: colección infantil cuenta historias de mujeres creativas. 2014. Disponível em:

<<http://www.lacapitalmdp.com/noticias/Espectaculos/2015/08/23/286782.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

DUARTE, Lima Constância. **Nísia Floresta**: a primeira feminista do Brasil. Florianópolis: Mulheres, 2005.

\_\_\_\_\_. Feminismo e Literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, ano 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010)>. Acesso em: 29 mar. 2016.

FALCÃO, Deusivania Vieira da Silva; SALOMAO, Nádia Maria Ribeiro. O papel dos avós na maternidade adolescente. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.22, n.2,2005,p.205-212. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v22n2/v22n2a10.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

FARIA, Álvaro Alves de. **Palavra de Mulher**. São Paulo: SENAC,2003.

FERNANDEZ, Rafaella; DINHA (Orgs.). **Onde estaes Felicidade? Carolina Maria de Jesus**. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Cazuza e o sonho da escola ideal**. São Luís: EDUFMA, 2010.

FERREIRA, Maria Luiza Ribeiro. **O que os filósofos pensam sobre as mulheres**. São Leopoldo. RS: UNISINOS, 2010.

FEITOSA, Alves Maria. **Envelhecimento**: corpo e mente em movimento. São Luís: Gráfica Líder, 2011.

FÉVRIER, James. **Histoire de l'écriture**. Paris: Payot, 1984.

FRANÇA, Valéria. A miséria, pela mão da miserável. Carolina de Jesus. A semianalfabeta que virou best-seller. **Revista Aventuras na História**, São Paulo, Edição 139, ano 12, n. 3, p. 20-37, fev. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 31. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FRIEDMANN, John. **Empowerment**: a política de desenvolvimento alternativo. Oeiras: Celta, 1996.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: LPM, 1991.

GRISSAULT, Katy. **50 autores da filosofia e seus textos incontornáveis**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História do gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HELLER, Bárbara. **Da pena à prensa**: mulheres e leitura no Brasil (1890 – 1920). São Paulo: Porto de Ideias, 2006.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. 10. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

JESUS, Carolina Maria de. Favela. In: FERNANDES, Rafaelle; DINHA (Orgs.) **Onde estaes Felicidade?** Carolina Maria de Jesus. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_, ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

LÉON, Magdalena. Empoderamento: relaciones delas mujeres com el poder. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n.2, p. 191-206, maio/ago. 2000.

LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. **Os usos cotidianos da escrita e suas implicações educacionais**. Teresina: EDUFPI, 1996.

LOURO, Guaraci Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. In BETH, Brait (Org.). **Bakhtin: outros conceitos chaves**. São Paulo: Contexto, 2005.

MASCARO, Sonia de Amorim. **O que é velhice**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MEDEIROS, Martha. **A graça da coisa**. São Paulo: Arqueiro, 2015.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro da imprensa e da biblioteca**. São Paulo: Ática, 2002.

MARCHUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucena, 2002.

\_\_\_\_\_. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MELO, Carla. Um olhar para uma imortal: pesquisadora Diomar Motta profere hoje, às 18h, na Academia Maranhense de Letras, palestra sobre a vida e a obra da poeta Laura Rosa, primeira mulher a ingressar na instituição. **O Estado do Maranhão**, São Luís, 2 out. 2014. Caderno Alternativo, p. 1.

MENEZES, Magali. A mulher entre linhas. **Filosofia Ciência & Vida**, São Paulo, n. 29, p. 6-14. 2008.

MORGADO, Rosane. Família (as): Permanência e mudanças. Os lugares sociais de mulheres e homens. In: CONGRESSO LUSO – AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., 2004, Coimbra. **Anais...** Coimbra, set. 2004, p. 1-13. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/RosanaMorgado.pdf>. Acesso em: 20 dez.2014.

MOTTA, Diomar das Graças. **As Mulheres Professoras na Política Educacional no Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 2003.

\_\_\_\_\_. Omissão e inserção histórica da mulher na cultura escolar In: CASTRO, César Augusto (Org.). **Leitura, Imprensa e cultura escolar**. São Luís: EDUFMA, 2010.

\_\_\_\_\_. A Perspectiva Atual da Mulher na Educação Brasileira. In: ENCONTRO DE EDUCADORES DO MARANHÃO: pesquisas e experiências, 9., 2012, São Luís. **Anais...** São Luís: UFMA, nov. 2012.

\_\_\_\_\_. Carta Recomendação: elementos indispensáveis na escrituração da história das mulheres. In: CONGRESSO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO CEARÁ, 9., 2015, Crato-CE. **Anais...** Crato-CE: URC, jun. 2015.

MOTA, Nilza. **Nilza e suas produções acadêmicas na UNITI**. São Luís: Gráfica Rocha, 2000.

MEIRELLES, Mauro INGRASSIA, Thiago. Perspectivas teóricas acerca do empoderamento de classe social. **Revista Eletrônica Fórum Paulo Freire**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-9, ago. 2006.

MUZART, Lupinacci Zahidé (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. Florianópolis: Editora Mulheres; EDUNISC, 1999.

NUNES, Silvia Alexim. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha**: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2000.

NUNES, Clarice. **Walter Benjamin**: os limites da razão. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. (Coleção: Pensadores sociais e História da educação).

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da diferença**: o feminino emergente. São Paulo. Editora Brasiliense, 1993.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. **Terceira idade**: do repensar dos limites aos sonhos possíveis. São Paulo: Paulinas, 1999.

OYAMA, Thaís. A pequena grande Malala. **Revista Veja São Paulo**. Edição 2343, ano 46, nº 42, p. 86-91, out. 2013.

PASSOS, Elizete da Silva. O movimento feminista e as lutas por educação In: SALES, Celina de Maria Veras e et.al (Orgs.). **Feminismo**: memória e história. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2000.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, terceira idade... In: BARROS, Myriam Moraes Lins de Barros (Org.) **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. São Paulo: UNESP, 1988.

\_\_\_\_\_. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: EDUSC, 2005.

\_\_\_\_\_. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

PRADO, Adélia. Você sente que algo pede expressão. É o momento do trabalho concreto de escrever. Entrevista concedida a Luíz Henrique Gurgel. **Na ponta do Lápis**. São Paulo, n.15, p. 3, dez. 2010.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In MEURER, J. L.; BONINI Adair; MOTTA Désirée (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola editorial, 2005.

SAMPSON, Geoffrey. **Sistemas de escrita: tipologia, história e psicologia**. São Paulo: Ática, 1996.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. A velhice na zona rural: representação social e identidade. In: NASCIMENTO, Schulze; CLELIA, Maria (Orgs.). **Novas contribuições para a teorização e pesquisa em representação social**: Coletâneas da Anpepp n. 10. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, 1996.

SARTRE, Jean Paul. **L'existencialisme est un humanisme**. France: Gallimard, 1996.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros orais escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica In: SILVA, Alcione Leite; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs.). **Falas de Gênero**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999. p. 1-23. Disponível em: <[http://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Jean\\_Scott-Experiencia.pdf](http://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Jean_Scott-Experiencia.pdf)>. Acesso em: 20fev. 2015.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de lidar com as mulheres**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SILVA, Fabio Luiz Ferreira da (Org). **Primavera a Tempo**: coletânea. São Luís: UFMA, 2002.

SILVA, Ilma Maria de Oliveira. A professora e as representações construídas socialmente na memória das alunas do curso de pedagogia. In: MOTTA, Diomar das Graças, Amorim Elisângela Santos de (Orgs.). **Gênero em debate: territorialidade e cultura escolar**. São Luís: EDUFMA, 2009.

SILVA, Marques Kerly Renato. **Academia Maranhense de Letras: produção literária e reconhecimento de escritoras maranhenses**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão –, São Luís: UFMA, 2009.

TEIXEIRA, Nínia Cecília Borges. **Escrita de mulheres e a (des) construção do cânone literário na pós-modernidade**: cenas paranaenses. Guarapuava: Unicentro, 2008.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010

TORRES, Bolívar. Escassez de mulheres no mundo editorial é questionada: escritoras se fazem menos presentes no topo das premiações e em antologias. **O**

**Globo**, 22 nov. 2014. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/escassez-de-mulheres-no-mundo-editorial-questionada-14628009>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

UNESCO. **Educação para todos 2000 a 2014**: progressos e desafios: relatório de monitoramento global – EPT. 2015. Disponível em:<[http://www.unesco.org/new/pt/brasil/ia/about-this-office/single-view/news/education\\_for\\_all\\_2000\\_2015\\_achievements\\_and\\_challenges](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/ia/about-this-office/single-view/news/education_for_all_2000_2015_achievements_and_challenges)esefa\_global\_monitoring\_report\_2015summary/#.VdzleyVViko>. Acesso em: 25 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. **Educação para todos 2000 a 2015**: progressos e desafios. Relatório de monitoramento global – EPT. 2015. Disponível em:<[http://www.unesco.org/new/pt/brasil/ia/about-this-office/single-view/news/education\\_for\\_all\\_2000\\_2015\\_achievements\\_and\\_challenges](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/ia/about-this-office/single-view/news/education_for_all_2000_2015_achievements_and_challenges)esefa\_global\_monitoring\_report\_2015summary/#.VdzleyVViko>. Acesso em: 25 ago. 2015.

UNIVERSIDADE INTEGRADA DA TERCEIRA IDADE (UNITI). UNITI festeja São João no Casino. **Boletim Informativo do Projeto Universidade Integrada da Terceira Idade**, n. 3, ago. 1999.

VASCONCELLOS, Eliane. **Entre a agulha e a caneta**: a mulher na obra de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

VASCONCELOS, Eduardo. Mourão. A proposta de empowerment e sua complexidade: uma revisão histórica na perspectiva do Serviço Social e da saúde mental. **Revista Serviço Social & Sociedade**: seguridade social e cidadania, Ano 22, n. 65, p. 5-53, 2001.

VENTURINI, Gustavo; RECAMAN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de. (orgs). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

VETTER, Silvana Maria de Jesus. **Memórias de leitura de pessoas idosas**. São Luís: EDUFMA, 2009.

VITURI, Gabriel. Entrevista: Mariano Sánchez Martinez. **Cadernos SESC de Cidadania**: Intergeracionalidade, ano 4, n. 8, p. 28-31, 2013. Disponível em:<[http://www.sescsp.org.br/files/edicao\\_revista/c51d5bd7-9087-4a82-80f0-f968e78cfb3c.pdf](http://www.sescsp.org.br/files/edicao_revista/c51d5bd7-9087-4a82-80f0-f968e78cfb3c.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2015.

VOLPI, Franco. Introdução. In SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de lidar com as mulheres**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

XAVIER, Elódia (Org.). Reflexões sobre a narrativa feminina. In:\_\_\_\_\_.**Tudo no feminino**: a presença da mulher na narrativa brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero**: a construção da identidade feminina. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2013.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A – Roteiro para a entrevista****CONHECENDO AS MULHERES IDOSAS E SUAS ESCRITAS**

1. Em que cidade você nasceu?
2. Qual a profissão dos seus pais?
3. Qual a sua profissão?
4. Quantos irmãos você teve ou tem?
5. Todos sabiam ler e escrever?
6. Em sua família qual a prática mais presente? A leitura ou a escrita? Por quê?
7. Com qual idade começou a escrever?
8. Com quem você aprendeu a escrever?
9. Que material escrito havia em sua casa?
10. Você gosta mais de ler ou de escrever? Por quê?
11. Você tem o hábito de escrever?
12. A UNITI tem contribuído com o desenvolvimento desta prática? De que forma?
13. Qual a data em que você entrou e saiu da UNITI?
14. Sobre o que você gosta de escrever?
15. Qual a frequência com que você escreve?
16. Você considera a escrita importante? Por quê?
17. O ato de escrever é algo fácil ou difícil para você? Fácil em que ponto? Difícil em que ponto?
18. Você costuma compartilhar seus escritos com alguém? Com quem? Por quê?
19. Que elemento o motiva ou lhe dá prazer para escrever?
20. Tem algum lugar específico onde você costuma escrever? Por quê?
21. Você já pensou em usar a escrita para falar de si mesma? Por quê?
22. Quais os benefícios que a escrita tem lhe trazido?
23. Você acha que a escrita empodera uma mulher? Por quê?

**APÊNDICE B**–Roteiro para entrevista aplicada junto às professoras estagiárias**1. Dados Pessoais**

Entrevistado (a):

Data de Nascimento:

Idade:

Sexo:

Nacionalidade:

**2. Dados profissionais**

Escolaridade:

Cargo ou função que exerce:

Data de inserção no Projeto UNITI:

**3. Perguntas**

- 1) Relate um pouco do trabalho que você realiza na UNITI.
- 2) Na sua opinião, o que você tem aprendido com as alunas ?
- 3) O que você acha que tem ensinado a elas?
- 4) Você saberia me relatar algum fato que evidencia a troca de experiências entre você e as mulheres idosas?

## **ANEXOS**

## ANEXO A - Horário de aulas do Projeto UNITI

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**  
 Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 – São Luís - MA  
 PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO  
 UNIVERSIDADE INTEGRADA DA TERCEIRA IDADE



UNITI / PROEX

## HORÁRIO ESCOLAR – 1º SEMESTRE/2015

Turma	Horário	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
A	14h15 a 15h	Noções Básicas de Gerontologia	Plantão Psicológico (08h30 às 11h)  <b><u>ATIVIDADES FÍSICAS</u></b>	Plantão Psicológico (08h30 às 11h00h e 15h30 às 17h00)  <b><u>OFICINAS</u></b>	<b><u>ATIVIDADES FÍSICAS</u></b>	
	15h15 a 16h	Lazer e Turismo				
	16h15 a 17h	Reeducação Alimentar / Nutrição				
B	14h15 a 15h	Lazer e Turismo	Hidroginástica (13h às 14h)  Movimentos e Ritmos (Dança) (14h às 15h)  YOGA (09h às 10h)	Aeróbica Mental (14h30 às 15h30)  Fitoterapia (Manhã) – 09h às 11h  Psicologia na Terceira Idade – 14h30 às 15h30  Resgate da História do Brasil através da Arte – 14:30h às 15:30h	Hidroginástica (13h às 14h)  Movimentos e Ritmos (Dança) (14h às 15h)  YOGA (09h às 10h)	Plantão Psicológico (08h30h às 11h)  <b><u>OFICINAS</u></b> Informática – 8h às 12h
	15h15 a 16h	Reeducação Alimentar / Nutrição				
	16h15 a 17h	Noções Básicas de Gerontologia				
C	14h15 a 15h	Reeducação Alimentar / Nutrição				
	15h15 a 16h	Noções Básicas de Gerontologia				
	16h15 a 17h	Lazer e Turismo				

\*A Universidade que cresce com inovação e inclusão social\*

Av. dos Portugueses, s/n Campus Universitário do Bacanga – São Luís – MA – 65080-040  
 Secretaria: (98) 3272 8608 – Coordenação (98) 8615 / 8616  
 E-mail: uniti3idade@hotmail.com

**ANEXO B – Termo de Livre Consentimento**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
 FUNDAÇÃO instituída nos termos da Lei nº 5.152 de 21/10/1966  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
 MESTRADO EM EDUCAÇÃO



Mestranda: **Marianne Christina Campos Machado**

Título da pesquisa: ESCRITA DE MULHERES IDOSAS: identidade e empoderamento

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

A aluna mestranda Marianne Christina Campos Machado do curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, está desenvolvendo um estudo sobre a escrita de mulheres idosas da Universidade da Terceira Idade- Uniti. Os dados coletados serão sobre as alunas produtoras de textos desta Universidade; assim, será realizada uma entrevista semiestruturada, dados estes que serão utilizados para compor o resultado deste trabalho. Dessa forma, a pesquisa não oferece riscos à saúde, nem desconforto às agentes envolvidas.

As agentes envolvidas têm toda a liberdade de se retirar da pesquisa em qualquer momento, sem nenhum prejuízo à continuidade da assistência. Fica também garantida a confidencialidade das informações coletadas.

---

Assinatura da pesquisadora responsável

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa e que me sinto perfeitamente esclarecida sobre o conteúdo da mesma, sabendo que não haverá riscos nem benefícios. Participo por minha livre vontade da pesquisa, cooperando com a coleta de dados para o estudo.

São Luís - MA, \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

---

Assinatura da participante da pesquisa